

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: José Faustino Filho

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL - RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1934

NUM. 238

EDIÇÃO DE 56 PÁGINAS

SUMARIO

EDITORIAL

O momento militar e as influencias imponderaveis 121

COLABORAÇÃO

General Malan — Cap. Lima Figuerêdo... 123

Organização defensiva da fronteira francesa — Major Artur Joaquim Panfiro 125

Oise-Junho de 1918 — Ten. Cel. Torres Guimarães..... 131

Ensaio de estudos sobre espoletas antigas e modernas — Cap. Olivio de Oliveira Bastos..... 134

Instalação de um material fixo rustico para execução das lições de educação fisica — 1º Ten. Léo Borges Fortes 137

O cavalo militar — 1ºs Tens. Armando Rabelo e Bernardino Costa 140

Ações em retirada — Cap. Durval M. Coelho 145

Instruções sobre a pratica do tiro — 1º Ten. Emmanuel Moraes 148

Adido Militar Argentino — Ten. Cel. Castelo Branco 153

Discurso do Major Alfredo Perez de Aquino..... 156

A ideologia politica — Trad. do Ten. Cel. J. B. Magalhães..... 158

Disfarce e organizações das posições de bias. — Cel. Homo, da M.M.F. 164

DA PROVINCIA

Instrução e Administração — Cap. Irapuan Xavier Leal 144

DA REDAÇÃO

Escola de Educação Fisica do Exército 136

Sugestões 143

Atos oficiais 157

A lei de organização geral do exercito..... 174

Livros á venda..... 176

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretoria: — Presidente - J. B. Magalhães; Secretário - José Faustino Filho e Gerente - J. B. Matos.

Conselho de Administração: — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior, Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Ovídio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saúde — Cap. A. Gentil Basílio Alves; Intendencia — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinaria — 1.º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Das armas - Inf.^a Capitães J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; Cav.^a Cap. Ladário C. Teles; Eng. Cap. J. Lima Figueredo. Dos Serviços - Int.^a 1.º Ten. José Salles.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
E. M. E. — Cap. Pery Bevilacqua
1.º Gr. Regiões — Ten. Moziul
D. P. G. — 1.º Ten. Toscano de Brito
D. C. — 1.º Ten. Toscano de Brito
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
Dir. Av. — Cap. Godofredo Vidal
Dir. Remonta —
Dir. I. G. — Ten. José Salles
Dir. S. G. —
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
Serv. Radio — Ten. Juracey Campelo
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
Q. G. 1.ª R. M. — Ten. Romão Leal
Q. G. 2.ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
Q. G. 3.ª R. M. — Cap. Carlos Analio
Q. G. 4.ª R. M. — Cap. Oscar Costa
Q. G. 5.ª R. M. —
Q. G. 6.ª R. M. — Major Lopes da Costa
Q. G. 7.ª R. M. — Major I. José Verissimo
Q. G. 8.ª R. M. — Cap. Edgardino Pinta
Q. G. Cir. Militar — Olivio Bastos
M. M. F. — Cap. Newton O'Reilly
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro

E. I. — Cap. Oswaldo Soares Lopes
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira
E. C. — Cap. Armando Ancora
E. E. — Cap. Luiz Betamio
E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
E. Av. — Cap. Arquimedes Dória
E. M. — Ten. Alexino Bitencourt
E. M. P. — Ten. Leandro Costa
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
C. A. S. I. — Ten. Hugo Faria
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
C. M. C. —
A. G. R. J. —
A. G. P. A. —
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
F. P. E. —
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
Coudelaria de Saican
Idem de Rincão
Dep. Rem. — Monte Belo — Cap. Oromar Osorio
Dep. Rem. — Campo Grande
Dep. Rem. — Valença

TROPA

INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
Btl. Guardas —
1.º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
2.º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
3.º R. I. — Ten. Antero de Almeida
4.º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
1/5.º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
11/5.º R. I. —
III/ 5.º R. I. — Alcides P. Coelho
6.º R. I. — Ten. Ary Ruch
7.º R. I. — Cap. Gilberto V. Carvalho
8.º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
9.º R. I. — Ten. Nicolau Fico
1/9.º R. I. — Ten. Edson Vigndi
10.º R. I. —
11.º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
12.º R. I. — Cap. Nilo Chaves
11/12.º R. I. — Ten. Armando Carvalho

13.º R. I. — Ten. Armando Alvim
1.º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
2.º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
3.º B. C. — Ten. Moacyr Rezende
4.º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho
6.º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
7.º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
8.º B. C. — Ten. Gelci Brun
9.º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
10.º B. C. — Ten. Ary Lopes
13.º B. C. — Ten. Eduardo Regis
14.º B. C. — Ten. Pinto da Luz
15.º B. C. — Ten. João da Cruz Albernaz
16.º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
17.º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
18.º B. C. — Ten. Delio Lobo Viana
19.º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:
João Batista de Magalhães

SECRETARIO:
José Faustino Filho

GERENTE:
João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1934

NUM. 238

EDITORIAL

O momento militar e as influencias imponderaveis

«Le présent est gros de l'avenir»

Richelieu.

«O Ministerio da Guerra é, portanto, de alguma sorte uma vasta officina onde se forjam e afiam as armas da Nação. isto é, os melos de defesa de seus direitos políticos e de sua honra nacional.»

Von Moltke, o velho.

O Exercito que ainda até ha pouco tempo parecia querer atravessar o longo *periodo revolucionario* sem emprender qualquer das reformas basicas de que tanto carecia, envereda com energia e decisão por uma senda de transformações radicais.

Evidentemente nele domina agora um *espírito novo*, construtivo, francamente definido nas novas leis que o reformam. *Espírito novo* cuja energia e capacidade construtiva bem se evidenciam na perseverança ou tenacidade com que soube lutar para vir á tona rompendo os diques com que a *timidez* e a *rotina*, o detinham ha largo tempo, ha de vencer.

A lei de Movimento dos Quadros, em sua forma impessoal, a lei de Organização Geral do Exercito em seu

feito moderno e preciso, as linhas gerais da nova organização do Ministerio da Guerra com sua exata definição das *autoridades* e nitida repartição das *responsabilidades*, veem uniforme e unanimemente marcar a *nova era da vida militar do Brasil*, aquela em que o interesse geral, as rasões de ordem publica devem predominar sobre as de ordem individual ou particular.

Completando-as a *lei de promoções* elaborada no mesmo espirito, vem assegurar os meios de um *progresso continuo*, porque por seus principios e metodos, a *qualidade dos quadros* deve melhorar *de ano em ano*, pelo *aperfeiçoamento* da hierarquia, ou melhor, pela seleção continuamente melhorada, em virtude mesmo dos

próprios continuos efeitos da lei, para a constituição pratica dessa hierarquia.

A lei de *promoções* e a lei de *Movimento*, são claramente leis mutuamente complementares, onde em virtude da concepção que as organizou, embora com textos distintos, existe um conjugado que torna possível tratar os aspetos de que uma e outra se incumbem separadamente. Dessarte as modificações que a pratica aconselhar introduzir em qualquer delas, não afetará a outra.

Vê-se, pois, pela simples e resumida apreciação que vimos de fazer que *vivemos um momento militar nitidamente caracterisado pela implantação duma mentalidade nova*, mentalidade que se vem formando e evoluindo ha cerca de duas decadas, quando daqui partiram para Alemanha os primeiros officiais que se foram aperfeiçoar no estrangeiro e que começou a definir-se com nitidez depois da atuação da Missão Militar Francesa, generalisando-se cada vez mais.

Entretanto, não se depreenda que atribuímos virtudes intrínsecas, extraordinarias aos *simples decretos de lei*. Bem sabemos que, como disse notavel filosofo do seculo passado, «são necessarias as vontades para completar as leis» e que, *no fundo*, quem governa o mundo são os *imponderaveis*.

Na guerra dos Mundos, Wells, o celebre autor inglês, depois de ter feito os marcianos aniquilarem quasi a Terra com seus formidaveis *raios de fogo*, vence-os pela ação imponderavel do *microbio* com que eles não contavam.

Si isto era natural acontecesse aos homens da marciana civilização, não o é aos da Terra cuja experiencia

lhes mostra a necessidade de *prever* o surto de acontecimentos imprevistos. Aos militares, sobretudo, preparados para a guerra, que é a bem dizer a arte de agir sempre num mesmo sentido, apesar da possivel intervenção de fatores desconhecidos, não é desculpavel que suas empresas deixem de medrar por influencias *imponderaveis* e tanto mais quanto a existencia destas é conhecida.

Os imprevistos se preveem.

Para que o Exercito se imponha ao conceito da Nação como *uma instituição util*, e seja capaz de produzir todo beneficio nacional de que é suscetivel; é necessario que todos os individuos que o constituem sejam *solidarios* moral, intelectual e praticamente.

Isto só é possivel obter em torno da *finalidade* de sua existencia, visando a *idéa sã* de seus destinos e o seu *imenso papel* o que leva a todos a olharem sempre para um nivel superior áquele em que assenta a individualidade de cada um, sem o que haveria *rebaixamento* dos valores mais elevados, obtendo-se uma media mediocre, como toda media.

No *momento militar* atual as novas leis apresentam motivos serios a cogitação de todos, mormente daqueles que tem as responsabilidades de applicá-las e daqueles que influem direta ou indiretamente para tornar realidade seus preceitos.

É indispensavel, antes de mais nada, o esforço individual para bem compreender ou apreender o sentido da reforma e depois a resolução firme de executar ou contribuir para o seu sucesso.

O *seticismo*, a passividade, a inercia, a preguiça, a ignorancia, a *falta*

General Malan

(Contribuição para a Historia)

Pelo Cap. Lima Figueredo

Quando li nos jornais a noticia da morte do General Malan, não pude conter as lagrimas que, de subito, me saltaram dos olhos.

Um mixto de tristeza e de saudade apertou-me fortemente o coração.

Era o General Malan o tipo mais completo do chefe e o exemplo mais claro do militar digno dêste nome.

Conheci-o no 1.º B.E. O seu tipo marcial, alegre e simpático, infundia respeito e admiração. A sua ação dinamica conseguiu transformar o 1.º Batalhão de Engenharia numa unidade modelo.

Durante o seu comando, essa unidade de escol, foi campeã do Exercito em atletismo, as suas sub-unidades mostraram nas manobras de Campo Grande, São Paulo e Barra do Piraí quão instruidas estavam e, nas paradas e formaturas, o garbo e a correção dos movimentos deixavam ver o grau de aperfeiçoamento da instrução.

Em cada official do Batalhão, o então Coronel Malan tinha um amigo capaz de tudo para engradecer o seu nome e tornar cada vez mais alta a fama do tradicional 1.º Batalhão de Engenheiros.

Quando rebentou a revolução em S. Paulo, em 1924, o 1.º B.E. poudo fornecer cavalos, muares e arreimentos a alguns corpos que não estavam convenientemente aparelhados e seguiu depois disso completamente equipado para o campo da luta ingrata. O seu «stock» de guerra estava completo, graças ao esforço do denodado comandante, e assim êle poudo satisfazer aos descuidados e marchar perfeitamente organizado.

Há fatos que tornam o General Malan um vulto digno do respeito de todos os brasileiros.

O primeiro deles se passou em Mato-Grosso. Sabendo que o 17.º B.C., aquartelado provisoriamente em Campo Grande, se havia revoltado ao cair da noite,

de vivesa, demonstrativos de *uma vontade* inexistente, fruto de almas vencidas ou de feitio pouco recomendavel, nada constroem.

Manifestações dessa ordem são *elementos imponderaveis* com que é preciso contar si se quer chegar a um resultado eficaz, como é preciso levar em conta outros *imponderaveis* — o egoismo, o comodismo, a insinceridade, o bom coração e o individualismo.

Do mesmo modo, uma influencia *imponderavel* por si só capaz de impedir os resultados que legitimamente se podem esperar das novas leis — é a que resulta do fundo mesmo da mentalidade herdada dos tempos da escravidão que tende a jogar o brasileiro seja para o *feitio despotico e arbitrario* do senhor de escravos, seja para a morna servilidade destes.

Precisamos todos, dirigentes e dirigidos, prestar atenção *às influencias da ordem das acima referidas* que são sutis, que se infiltram por toda parte, e cuja repressão constitue mesmo o objeto capital da reforma.

Nada adeantarão decretar leis, si não houver firmeza, coragem, inteligencia e perseverança em executá-las.

As sociedades são compostas de homens e todos exercem nela influencias beneficas ou maleficas, mais ou menos extensas e profundas, conforme a *posição* que ocupam e o *potencial* das forças que lhes são proprias.

Nas sociedades quaisquer, como na natureza em geral, verifica-se a lei de Lavoisier: — *nada se perde e nada se cria, tudo se transforma* —.

o General Malan toma o seu automovel dirigindo-se para o local em que se achava a Companhia de Engenharia, ordena que esta unidade se arme o mais rapido possivel e depois, falando apressadamente nos disse: «Vou entrar, voces irão me buscar vivo ou morto».

Juntou a ação as palavras. Entrou, pôs a unidade rebelada em forma e desarmou-a. Em seguida obrigou-a fazer um juramento solene, transformando-a numa tropa fiel, sem derramar uma unica gota de sangue. Tudo foi fruto do seu gesto desassombrado...

O segundo ainda se passou em Mato-Grosso.

Carlos Prestes havia invadido o Sul de Mato-Grosso e seguia o rumo de Goiaz. Alguem sugeriu ao General cercá-lo em um determinado lugar, onde o encontro seria decisivo. O velho chefe indaga:

— Eles se vão embora?

— Vão-se, respondem.

— Então, retrucou o querido chefe, deixá-los ir. O Brasil já tem tão pouca gente, para que irmos nos matar uns aos outros num combate que se póde evitar?

Uma sangueira de menos, devido ao seu formoso coração!

Aqui no Rio, na ocasião em que o Sr. Dr. Washington Luis procurava organizar seu ministerio, escolheu o General Malan para Ministro da Guerra.

O nosso chefe, ao ser convidado, declarou que aceitava o honroso convite,

se o Presidente concordasse com o seu programa, do qual constava o decreto da anistia que congraçava a familia militar.

Resultou dêste seu ato, o Exercito perder um excelente orientador e a Nação impôr, um candidato pelas armas, por não crêr no «veridictum» das urnas.

Em Outubro de 1930, o General Malan aparece no cenário da luta, harmonizando, pacificando, amparando as boas ideias, para que elas não naufragassem no mar da confusão reinante.

Quem pelo Sul de Mato-Grosso viajar e tivér a oportunidade de passar pela cabeceira do Apa, encontrará uma lapide, onde lerá: «Irmãos, aqui repousam unidos no sólo da Patria».

Depois do combate realizado nas nascentes do rio fronteiro, Malan, como um verdadeiro apostolo da caridade, manda enterrar num mesmo tumulto aqueles que tombaram lutando de um lado pela Lei, de outro pelo Ideal.

Basta essa ação filantropica, praticada com tanto carinho, para redimir o General Malan de todos os pecados, se, por ventura, fosse possivel uma alma boa, santa e impolúta, possui-los.

O excesso de trabalho, o desengano que teve dos homens e das cousas e principalmente o baldão que o feriu no momento em que procurava trabalhar por um exercito unido, são e forte, foram as causas que determinaram o golpe fatal que o levou para o seio bondoso e amigo da mansão celestial.

ASPETOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

Pelo Major **Mario Trávassos**
Prefacio de **Pandiá Calogeras**

A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preço: 5\$000

Assinantes: 4\$000

Socios: 3\$000



General Malan

Secção de Engenharia

Organisação defensiva da fronteira francêsa

Tradução do Major Artur Joaquim Panfiro

O presente artigo, traduzido do número 4.538 de 22 de Fevereiro de 1930 de «L'Illustration» completa e amplia o artigo que publicamos em o n.º de Dezembro p.p. de «A Defesa Nacional», sob o título «A armadura defensiva da França».

A soma fabulosa de 2 bilhões de contos de réis, gasta em tal organização, põe em evidencia a enormidade dos trabalhos efetuados e a confiança que a Nação deposita na fortificação permanente, não obstante os consideráveis progressos dos engenhos de ataque.

A França pretende com a cinta de concreto subterranea continua, que ora constitue até certo ponto sua organização defensiva permanente, realizar a inviolabilidade do territorio nacional. Tal resolução derivou do conceito moderno que da vitoria se tem hoje, em consequencia da grande guerra: o país que suporta o peso da guerra, quer ulteriormente seja o vencedor ou o vencido, é aquele cujo territorio foi o teatro de operações. Daí portanto a necessidade de impedir a todo o transe a invasão inimiga.

(Nota do tradutor)

*
**

Em igual época do ano proximo passado, «L'Illustration» publicou, sobre este assunto um artigo da autoria do Gen. Normand. Esta personalidade, uma das mais eminentes da arma de engenharia, estudou aqui tres tipos de organização das fronteiras, já utilizados em França e no estrangeiro e suscetíveis de o serem novamente.

Mantido, por sua profissão, na mais estrita reserva, o general limitou-se apenas a deixar advinhar o sistema adotado para a organização de nossas fronteiras pela Comissão de 1927.

Alguns dias depois, um tragico acidente roubou este grande soldado á Patria, justamente no momento em que éla mais particularmente ia carecer de seu talento e de sua experiencia.

Ensaçando completar seu estudo, queremos agora, á luz do que sabemos sobre as concepções da Comissão de 1927 e as leis militares em vigôr, colocar o problema da organização das fronteiras no quadro da organização geral da defesa nacional, afim de poder ser o mesmo devidamente apreciado.

Um principio — nenhuma fortificação sem guarnição

Desde a mais remota antiguidade os homens compreenderam a necessidade de construir fortificações: tórres, cidadélas ou muralhas, para guardarem-se de um possível perigo.

Nem sempre, porem, se aperceberam da necessidade de guarnece-las com um numero suficiente de bons defensôres, para élas poderem cumprir a missão, de que se lhes incumbem.

Não ha aqui logar para grandes desenvolvimentos de historia militar. Entretanto dous exemplos, perfeitamente conhecidos, bastarão para concretizar nosso pensamento. Entre esses dois exemplos, que são dois extremos, encontrar-se-ha certamente centenas de outros na sequencia dos seculos, que, em diversos grãos, nada mais fazem que confirma-los. O mundo inteiro ouviu falar da **Muralha da China**, muralha alta e grossa com 1.500 kilometros de comprimento, cuja construção durou sessenta anos e, graças á qual, os imperadores da China, pensaram no ano 250 antes da nossa éra, garantirem-se para sempre contra as invasões mongolicas. Mas, resolutamente pacíficos os chinezes, tinham um horror insuperavel ás armas e áqueles que as usavam, por isso desprezaram o exercito.

A importante muralha, cujo absurdo técnico não discutiremos não foi guarneecida e em consequencia a China veio a sofrer anos de terivel escavidão sob o jugo mongolico.

O outro exemplo é recente. Em seguida a nossos desastres de 1870 foi confiada ao General Séré de Rivières a missão de proteger por um sistema de fortificações nossas fronteiras de Nordeste, muito perigosamente abertas. Compenetrado da idéa profundamente certa que **a fortificação, seja qual fôr sua potencia, só tem valor como auxiliar das tropas de campanha**, o general concebeu e executou um notavel sistema. Regiões foram fortificadas; armadas a concreto, rédes de arame, canhões e metralhadoras. Entre essas regiões interdictas, grandes zonas não fortificadas, vias obrigatorias de acêssão ao invasor, que seria então exposto aos ataques de flanco de nossas tropas de campanha.

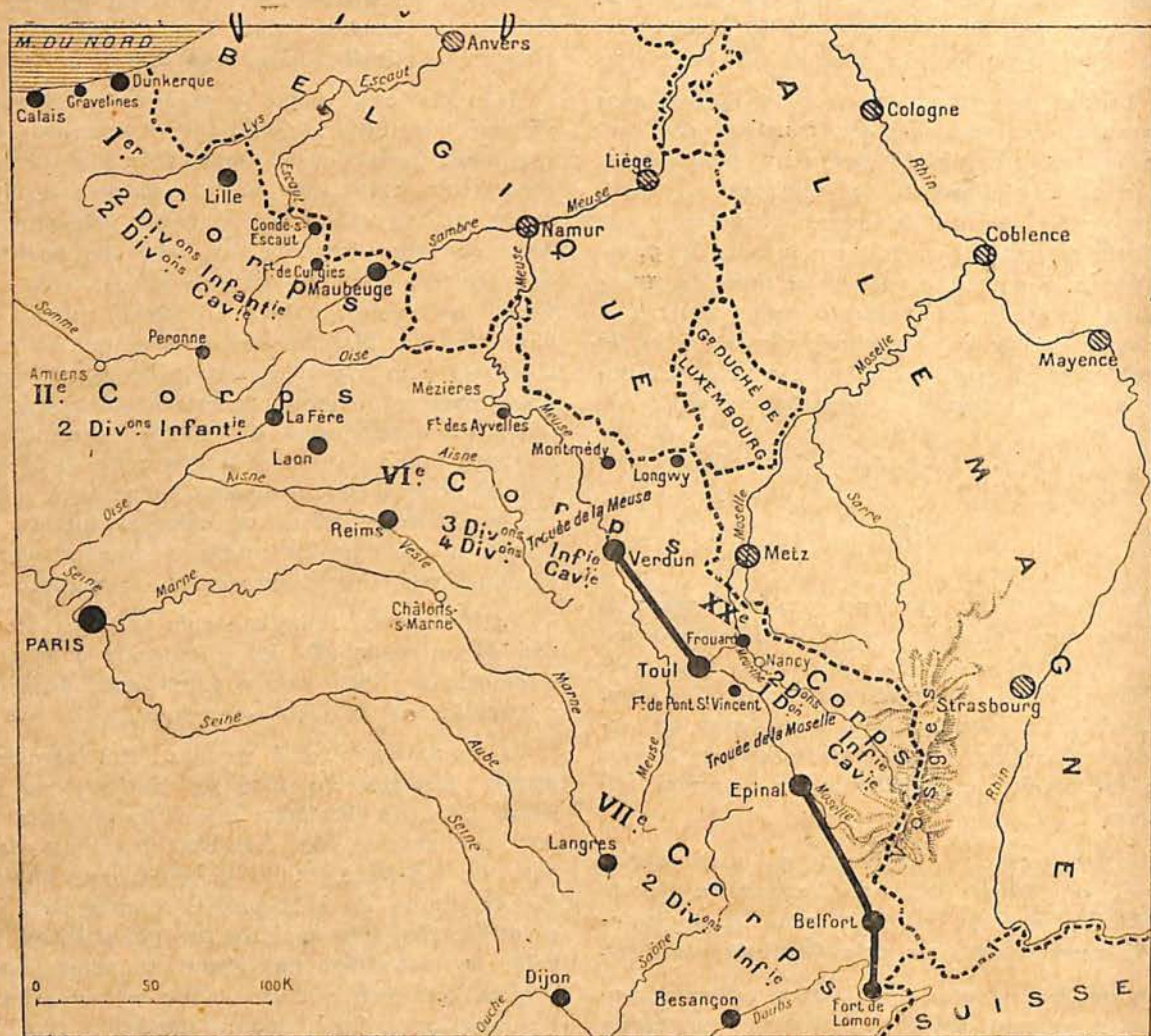
Regiões fortificadas: **Epinal-Belfort** e **Toul-Verdun** deixando entre élas a brecha do **Moselle**; praças de deter de **Lille, Valenciennes, Condé, Maubeuge, Mezières**, deixando aberta

entre Mezières e Verdun a brecha do Meuse. Em segunda linha, atrás da brecha do Moselle, a praça de deter de Langres; atrás da brecha do Meuse as praças de deter de La Fère, Laon e Reims. Em terceira linha e como reduto Paris, formidavelmente fortificada.

Mas, apesar da incontestável solidez dos fortes, os diversos governos dessa época não cometeram os erros dos Chineses. Não atribuíram á fortificação uma virtude que, abandonada a si própria, ela não a tem. Leis militares deram os soldados: o exercito necessario para guardar em qualquer tempo nossas fronteiras e para operar sob a sua proteção.

Por isto mantiveram sempre sob as armas, em todos os tempos, como cobertura os efetivos suficientes para parar a qualquer surpresa deste genero.

Desde 1872 a lei impunha aos jovens franceses cinco anos de serviço ativo. Terminada a organização da barreira de fortes, a lei de 1889 lhes impoz ainda tres anos de serviço. Em 1905 o tempo de serviço foi reduzido a dous anos, mas, em 1913 quando se vio a Alémanha manter em armas quasi todo o seu contingente, isto é cerca de 800.000 homens, voltou de novo o tempo de serviço de tres anos. Tres de nossas classes equivaliam aproximadamente em nu-



A organização das fronteiras antes de 1914

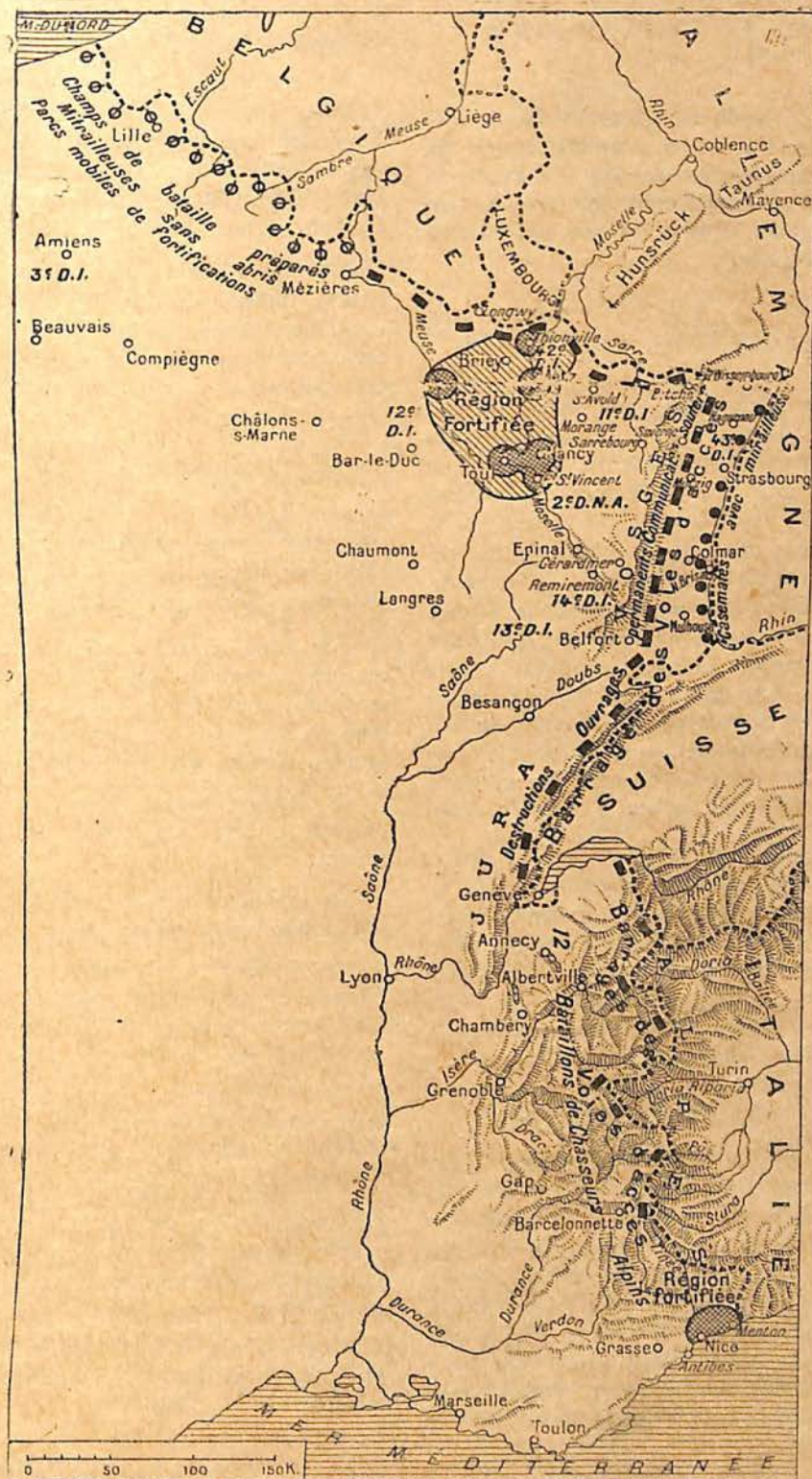
O exercito alemão, do tempo de paz, tendo-se tornado formidável, os responsáveis pela defesa nacional consideraram sempre a possibilidade de um ataque brusco a Nancy, nossa capital de Leste, feito por nossos vizinhos, antes de qualquer declaração de guerra.

mero a duas alemães e tratava-se, sob qualquer preço, de manter a cobertura e guardar solidamente nossas fortalezas.

Tínhamos sido vencidos; estávamos ardentes!

O resultado foi o seguinte: sendo as regiões fortificadas Toul-Verdun e Epinal-Belfort, de-

fendidas respetivamente por todo o 20.º e o 7.º corpos de exercito, ambos corpos de elite, atacar de frente, mesmo com todos os seus



Projeto atual de organização das fronteiras terrestres, do Mediterraneo ao Mar do Norte

o grande estado maior alemão não sómente renunciou a tentar seu ataque brusco para pre-

meios, essas posições formidaveis. Preferio con- torna-las. Invadiu a Belgica neutra, declarando

assim guerra á consciencia universal. A organização da fronteira pelo general Seré de Rivières e as leis de recrutamento, que muito sabiamente tinham assegurado nossa cobertura e posto sérias guarnições em nossas praças fortes salvaram a França.

Conclusão: — Desde os Chinezes do 3.º século, antes de J. C., até á presente época, as fortificações têm sido consideradas como tendo uma importancia capital; entretanto só a têm tido de fato, quando defendidas por um efetivo suficiente de soldados.

A ORGANISAÇÃO DAS FRONTEIRAS

Depois deste preambulo, que nos pareceu necessário para fazer sentir a interdependencia de todos os elementos materiaes e humanos na defesa das fronteiras, vamos entrar no coração de nosso assunto e, sem querer saber mais do que foi desvendado por M. Maginot, na comissão do exercito ou na tribuna da camara, vermos o que ora se faz para garantir a França contra uma nova invasão. O ministro, que sabe o que sofreram as populações invadidas e que por isso não se deve mais permitir que o territorio nacional se transforme em campo de batalha, disse excelentemente que o objetivo do atual sistema de fortificações era ser utilizado por tropas de cobertura **sobre a propria fronteira.**

Foi adotado um sistema mixto, reunindo o que ha de melhor nas duas excelentes concepções: A do Sr. Pierre Cot que queria simples trincheiras, protegidas com redes de arame e apoiadas por artilharia pesada; a do Cel. Fabry, pedindo tambem simples trincheiras a construir no ultimo momento, dobradas, porem, por fortes obras, quando se tratasse de proteger certos centros particularmente importantes.

Será, em suma, uma linha continua, atraz da qual as tropas virão atirar, linha adaptando-se minuciosamente ao terreno e correndo ao longo de toda a fronteira. Trata-se de uma obra gigantesca, que se quer pronta em 1934, quando virá a conscrição das «classes ôcas», que correspondem aos quatro anos de guerra e cujo contingente anual será apenas de 150.000 conscritos ao envez de 230.000, efetivo habitual. A fisionomia geral dessa linha será a seguinte:

1 — Nos Alpes: vias de acêso barradas; Nice região fortificada.

2 — No Jura, protegido pela neutralidade suissa, simples «fortificações de momento», a

construir no momento necessario, graças a parques moveis leves, de material e ferramenta.

3 — Nas florestas dos Vosges, preparo da destruição sistematica das vias de acesso, onde destacamentos leves serão instalados.

4 — Na grande brecha da Lorena, onde está a importante bacia metalurgica de Briey, que é preciso conservar a todo o preço, duas regiões fortificadas: a de Toul - Nancy e a de Metz - Thionville, estando ainda Toul ligada a Verdun e aos fortes do Mósá.

5 — Na Alsacia, uma linha Bitche-Wissembourg, ligando as regiões fortificadas da Lorena ao Rheno, o qual será comandado por casamatas munidas de armas automaticas e mascaradas na orla da floresta, fronteira ao rio.

6 — Ao longo da fronteira do Norte, protegida, ao menos por algum tempo, pela presença da Belgica, amiga e aliada: metralhadoras sob casamatas; campos de batalha preparados, cujos trabalhos serão executados no momento necessario por parques moveis de material e de ferramentas, construidos ao pé da obra.

Por toda a parte trincheiras com rêde de arame, casamatas ou obras mais complicadas cruzarão seus fogos, de maneira que o terreno, sobre toda a fronteira será batido por algum canhão, alguma arma automatica.

O sistema parece logico, simples, o menos custoso e leva em conta os ensinamentos da guerra.

Os trabalhos foram iniciados e progridem de um modo satisfatorio.

O parlamento votou sem dificuldade os 2 bilhões e 900 milhões, que o Governo lhe pediu. (Dois bilhões de contos de reis a \$690 por franco).

Portanto, sob o ponto de vista tecnico do engenheiro, tudo está bem. Resta considerar o segundo fatôr do problema: o fatôr humano.

Esta linha fortificada, situada sobre a propria fronteira e da qual uma parte deve ser construida no ultimo momento, como poderá ser guarnecida permanentemente, isto é, em todos os tempos?

Como ainda poderá estar terminada em tempo util para apoiar eficazmente ás tropas de cobertura?

A COBERTURA

A quais necessidades deve satisfazer um sistema de cobertura? Deve poder ocupar suas posições ao primeiro sinal, em qualquer ocasião, a um chamado telefonico, antes mesmo

de qualquer declaração de guerra. Deve poder impedir qualquer incursão de destacamentos inimigos de alguma importancia sobre o territorio nacional. Deve poder retardar e finalmente deter sobre a linha fortificada ou á retaguarda dessa linha qualquer ataque brusco importante, que o inimigo leve a efeito.

A cobertura deve, alem disto, no estado atual da questão, cobrir os trabalhadores encarregados no ultimo minuto de construir as «fortificações do momento». Aparece então um ajustamento delicado a assegurar: as obras de campanha devendo apoiar as tropas de cobertura, estas devendo proteger a construção daquelas.

O problema, paradoxal á primeira vista, não é insolúvel. A Rhenania evacuada — e o deve ser antes de 1935 — quem assegurará a cobertura de nossa fronteira? Seis D.I. e uma D.C., repartidas em pequenos destacamentos entre 25 cidades: **Amiens, Beauvais, Compiègne, Mézières** (3.^a divisão); **Chalons, Bar-le-Duc, Verdun** (12.^a divisão); **Thionville, Metz** (42.^a divisão); **Nancy, Saint-Avold, Bitche** (11.^a divisão); **Besançon, Belfort, Chaumont, Langres** (13.^a divisão); **Mulhouse, Neuf-Brisache, Colmar, Gerardmer, Remiremont**, (14.^a divisão); **Toul, Epinal, Morhange, Sarrebourg** (2.^a divisão norte-africana). Ha, **grosso modo**, 160 km. de **Beauvais** á fronteira mais proxima, 400 km. de **Beauvais** a **Belfort**. É portanto em um quadrilatero de 64.000 kilometros quadrados, que serão repartidas nossas seis divisões de cobertura. Por isso serão precisas nunca menos de 24 horas para essas divisões estarem concentradas sobre a fronteira.

Nos Alpes a situação é quasi a mesma. Doze batalhões de caçadores alpinos incumbidos de guardar as vias de penetração estão em **Annecy, Chambéry, Albertville, Grenoble, Gap, Barcelonnette, Grasse, Menton, Antibes, Nice**.

Divisões, batalhões... não nos iludamos! Todas essas unidades são compostas unicamente de jovens do contingente que a lei vae chamar por um ano e que não serão mobilisaveis durante seis mezes, de sorte que nunca haverá sinão a metade do efetivo, em condições de combater. Nossas unidades são portanto semi-unidades e em realidade temos apenas, no quadrilatero precitado, o valor de 3 D.I. capazes de combater: pouco menos de 20.000 conscritos com seis mêses de serviço; uma meia D.C., sejam 1.500 a 2.000 cavaleiros com um total de 120 canhões...

E que dizer da coesão de unidades vindas de vinte guarnições diferentes? Ainda não é tudo. Essas unidades de cobertura não estão mesmo imediatamente disponiveis em suas guarnições afastadas. Os regimentos têm de se mo-

bilisar, enviar para o deposito os conscritos não mobilisaveis, preparar a incorporação dos reservistas... Para tudo isto carecem mais de um dia...

Mais de um dia para mobilisar-se, mais de um dia para concentrar-se, eis aí portanto tropas de cobertura, pouco numerosas e sem grande coesão, em situação de cumprir sua missão e de proteger os trabalhadores na fronteira, somente dois ou tres dias depois da ordem de mobilisação. E si, nesse tempo, o inimigo executar um ataque brusco?

AS POSSIBILIDADES DO ATAQUE BRUSCO

Certamente, nestes tempos de tratados de arbitragem e de garantia pode parecer velharia ter ainda essas apreensões de outróra. Um ataque brutal!...

A consciencia universal se levantaria mais uma vez contra o agressor... O governo alemão não tem de modo nenhum a intenção de atacar-nos. E, si o fizesse, contrariamos ainda com o apoio da Inglaterra e da Italia... Tudo isto é verdade, mas as questões de defesa nacional devem ser tratadas sob um ponto de vista friamente objetivo, que exclue qualquer sentimentalismo e qualquer prescrição outra que prover á segurança do País.

Vêde a Inglaterra e a America... Ninguém mais que elas creem nos trabalhos de arbitragem e garantia. Não possuem temôr doentio de ninguém e, entretanto, aferram-se em manter sua esmagadora superioridade naval! São prudentes, eis tudo. Porque não seremos também prudentes diante de um perigo no minimo tão grande quanto ao que elas podem correr?

Portanto, a questão é esta: «Pode a Alemanha, com os meios de que dispõe e, depois de evacuada a Rhenania, fazer em qualquer tempo, um ataque brusco sobre qualquer ponto interessante de nossa fronteira?» A esta clara questão não hesitamos em responder: Sim. A organização militar do **Reich** é tal que um ataque brusco de sua parte está na ordem das possibilidades e portanto deve ser previsto. Sabe-se que a Alemanha tem um exercito de profissionais, o **Reichswehr**, compreendendo 100.000 homens cuidadosamente seleccionados, que fazem teoricamente doze anos de serviço. Repassados na instrução todos os anos como recrutas, esses soldados de elite estão afeitos a todos os trabalhos de guerra e podem exercer o comando de secções e companhias. Estão animados por um patriotismo ardente e por um não menos ardente desejo de **révanche** con-

tra a França e constituem assim a coleção de guerreiros, a tropa de choque a mais magnífica e a mais formidável que se possa imaginar.

A **Reichswehr** dispõe de 288 canhões e de um armamento ultra-moderno: 12 metralhadoras e 12 **minenwerfer** em cada regimento; gazes. A Alemanha possui também uma temível aviação onde figuram os **Rohrbach**, os **Junkers** e os **Dornier** gigantes. Ela tem ainda a **Schupo**, outro reservatório notável de oficiais e de sub-oficiais de escol. Tudo isto constitui uma força considerável cuja característica é estar pronta a combater em qualquer momento. Nossos vizinhos são bem argutos para não explorar essa circunstância ao máximo si a ocasião não se pudesse apresentar.

Por outro lado não conhecemos os princípios da mobilização alemã, nem si ela se efetuará integralmente em torno do Reischewer; nem a missão da **Schupo**; nem tampouco si unidades do **Reichswehr**, no valor de uma a duas divisões, talvez não estão disponíveis de qualquer maneira para obterem uma vantagem séria, antes da abertura das hostilidades.

Vimos como um ataque brusco de torpedeiros Japoneses feito contra a esquadra russa de Vladivostock assegurou á frota japonesa uma superioridade decisiva sobre a sua rival, nos primeiros dias da guerra do Extremo-Oriente. Portanto, devemos pensar que, em uma béla tarde, em período de tensão política, o valor de duas divisões alemãs de escol, cerca de 20.000 homens, pode estar disposto ao longo do Reno.

O pretexto? Um simples exercício, análogo aos que a **Reichswehr** exercita todos os dias. Ora, sabemos, que nessas horas, circulam, quasi vãos, sobre todas as estradas da Rhenania, mais de 5.000 viaturas automoveis, chamadas **postaes**, cada uma podendo transportar 30 a 50 passageiros. Para 2 divisões bastam 400 viaturas. Por via ferrea seguirão artilharia e o material. Para a rede ferrea alemã o transporte de 100 canhões representa um esforço pouco considerável...

Considerando o tempo que é preciso para uma viatura automovel poderosa ou um trem transpor os 100 kilometros, que separam o Reno de Metz ou de Thionville, veremos que em menos de 10 horas, esses 20.000 excelentes soldados, precedidos talvez por uma esquadra de grandes cruzadores aereos, portadores de bombas, e bem depressa apoiados por uma centena de canhões, podem lançar-se sobre Metz e Thionville. A 42.^a divisão, que tem 4.000 homens em estado de combater, os mesmos que terminaram seus seis meses de serviço, está ocupada em mobilizar-se nestas duas ci-

dades, entre as quais está repartida. Mobilizada ou não, concentrada ou não, é facilmente desorganizada por 20.000 veteranos. A barreira fortificada será arrebatada, antes mesmo que se a pudesse defender.

Os centros metalurgicos e mineiros serão tomados, o que nos põe em condições de não podermos sustentar uma guerra um pouco longa. O inimigo instalar-se-á na «região fortificada» Metz - Thionville...

Um belissimo resultado para um golpe de mão !

Ainda uma vez dizemos que não é um sentimento de terror que dita estas linhas. A ninguém tememos no campo de batalha, mas não queremos ser surpreendidos em nossos leitos. Que não se alarme a opinião publica: é uma simples possibilidade que assinalamos, perfeitamente sanável, desde que se a tenha previsto.

CONCLUSÃO

O sistema de fortificações projetado, ao longo toda a fronteira, judiciosamente concebido, parece excelente; as tropas, porem, que têm a missão de guarnece-lo não parecem em condições de o fazer porque: não têm efetivos suficientes; estão divididas em multiplos destacamentos, o que lhe tira a coesão necessaria a uma tropa de vanguarda; não são imediatamente disponíveis, tendo de executar, antes de sua partida, uma mobilização bastante complicada.

Uma excelente obra, que todos os Francezes patriotas deveriam lêr: — **L'Armée française vivra**, cujos autores escondem sob as iniciais J. I. R. G. I. personalidades de grande valor tecnico e moral, lembra que em 1914 a cobertura, apesar da existencia bem real dos formidaveis blocos de concreto do General Seré de Rivières, era feito por 11 D.I. e 6 D.C.

Todas as unidades reforçadas, grupadas á mão de seus chefes, estavam prontas em qualquer ocasião para partir para suas posições de combate, na extrema fronteira, tres horas depois de recebida a ordem.

Nessa obra são comparados os efetivos dessas tropas de cobertura nas duas épocas: em 1914, 110.000 infantes, 30.000 cavaleiros, 588 canhões; hoje 18.000 infantes, 4.000 cavaleiros, 128 canhões...

Por certo, as situações politicas não são as mesmas; bem como as condições gerais do problema...

Si estivessemos certos que a mentalidade do grande povo de mais de 60 milhões de almas, que é nosso vizinho de Este, também tivesse, ela propria, se modificado !...

Oise — Junho de 1918

Combates dos dias 9, 10 e 11 de Junho 1918, observados do 2.º B. C. P.

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

Trad. do Major José Faustino Filho

(Continuação do n.º 237)

Os elementos do 256 R.I. são pouco a pouco recalçados em nossa direção, movimento este que só cessa ás 15 h.; contam-se então pouco mais de 300 homens ainda validos que serão utilizados ulteriormente pelo 2.º B.C.P. O 26.º R.I. nos dá então um apoio precioso mantendo energicamente com um de seus Btls. a posição do sitio do *Bout du Bois*.

A infiltração inimiga está se dando por toda parte aonde existe uma solução de continuidade entre nossos fogos por minima que seja.

A impressão que se tem é a de uma onda metodicamente organizada tal como a maré que sobe e rodeia todas as resistencias, para as sulapar em seguida e faze-las tombar.

As unidas prevenidas têm o maximo cuidado em não perder a ligação de forma a não virem a ser surpreendidas.

A luta está encarniçada e os adversarios estão em contato tão estreito que ambas as artilharias são obrigadas a suspender seus tiros, afim de transporta-los para traz procurando interditar a chegada de reforços. Cerca das 11 hs. nosso posto de socorro estando repleto de feridos, aproveitou-se uma pequena tre-

gua para evacua-los e desocupa-lo, como tambem para tomar um novo dispositivo que deveria deter na medida do possivel a forte pressão que sofremos e as tentativas incessantes de infiltração. Em consequencia o Cmt. do Grupamento envia as suas unidades a seguinte ordem:

«*Novo dispositivo a tomar-se desde a recepção desta ordem*».

«10 de Junho 1918 ás 10h.55'.

«A 2.ª Cia. conservará até nova ordem seu dispositivo atual. As 3.ª e 5.ª Cias. tomarão o dispositivo seguinte:— 1 Pelotão cada uma sobre a linha de resistencia. Os dois outros largamente articulado a cerca de 50 metros atraz da ravina de *Carrières*, isto é em sua face W. Estes pelotões destacarão durante o dia, uma força equivalente a uma seção estabelecida em pequenos postos a Bugaud sobre a face E. desta ravina.

Ligações do Agrupamento: — a esquerda com o agrupamento *Margerie*, a direita com o 26.º R.I. assegurado pela 2.ª Cia. As Cias. continuam com o mesmo dispositivo a partir da 2.ª, na ordem 3 e 5. A ligação deve ser assegurada entre todos os elementos.

Esta certeza infelizmente não existe uma vez que nós construímos fortificações. Portanto sejamos logicos e guarneçamos nossas fortalezas com soldados. Onde achar esses soldados?

Não comportam estas colunas a solução de um problema tão delicado. Tambem ele é a resultante imediata da adopção de um serviço militar de tão curta duração. Concentrar todas as nossas forças nas regiões fronteiriças?

Esse processo seria detestavel sob todos os pontos de vista.

Aí está porque se chegou a pensar que o melhor, o mais simples e talvez o menos custoso paliativo estaria em uma combinação do exercito nacional e de exercito profissional. (armée de métier).

Esta combinação se obteria da seguinte forma: emquanto os conscritos de um ano recebem normalmente a sua instrução, a guarda da linha fortificada ficará a cargo de 3 ou 4 divisões (30.000 ou 40.000 homens), compostas

de soldados veteranos, que seriam obtidos mediante um engajamento voluntario por 3 ou 4 anos.

Diz-se que o General Von Seeckt, expôz em um curso de conferencias feito na Suissa, as vantagens desta juxtaposição do exercito nacional com o profissional.

A idéa é interessante. Seja como fôr, nossas organizações defensivas das fronteiras devem estar sempre guarneçadas, para que elas tenham valôr e não façam a Nação dormir sob uma segurança, que de fato não existe. Si, para isto, nossos sacrificios pecuniarios são indispensaveis, que o Ministro não receie pedi-los, por vultosos que sejam.

Sabemos que as Camaras os concederão, pois seu patriotismo nunca ficou surdo aos pedidos, pelos quais se procura prover á segurança do País.

Cel. A. Grasset

Adotar o novo dispositivo desde o recebimento desta ordem».

A *segurança* será mantida a noite por sentinelas duplas colocadas além da linha de resistencia mais avançada.

O Cmt. da Cia. Metrs. estudará também desde o recebimento desta ordem as novas posições a serem ocupadas por suas peças.

A linha principal de resistencia passa aproximadamente pela cota 98 situada cerca de 1 kil. ao S. da ravina que constituiu a posição anterior.

Os agentes de ligação se manterão em suas Cias. e virão dar parte do inicio de execução da presente ordem — Guimarães.

Executando esta ordem o 1.º Agrupamento realiza um ligeiro deslocamento para o S. Ele é prolongado ao N. pelo Agrupamento *Margerie*, cuja 4.ª Cia. não tarda a ser posta a disposição do 69.º R.I. para contra atacar *Méry* pela direita e está em ligação com o *Btl. Lemaitre* já muito reduzido. Este novo dispositivo foi ditado pela necessidade de impedir ao inimigo tentar um ataque em força nas ravinas para cortar deste modo a linha de resistencia que se opoe a infiltração. Cerca das 12 hs. a luta é reiniciada encarniçadamente.

As ravinas são batidas de E., N. e S.

As tentativas inimigas para desembocar de *Bauchemont* e da orla do bosque entre *Bauchemont* e *Bout du Bois* são todas detidas com sensíveis sacrificios.

O contato é retomado e, como pela manhã, o fogo da artilharia não pôde muitas vezes intervir em favor das tropas amigas, não lhe resta senão interditar a intervenção das reservas.

Os 37 aproveitando-se da oportunidade, tomam as orlas do bosque sob densos fogos de flanqueamento. Conseguem sustentados por nossas seções de mtrs. manter enterradas as unidades inimigas que tentam ainda desembocar.

Os stokes prestam por sua vez grandes serviços executando verdadeiras bargagens na ravina de *Bout du Bois* onde eles aniquilam por surpresa o inimigo que a guarnece para tentar irromper pelas ravinas de *Bauchemont*.

A luta assim continua durante toda a jornada.

Cerca das 14 horas tivemos informações de que o inimigo conseguira tomar pé em *Méry*.

A situação é extremamente delicada para nós porque se o inimigo consegue progredir mais um pouco no planalto seremos tomados completamente de revez.

As informações são transmitidas as Cias., sendo elas avisadas que se vae desencadeiar um contra ataque sobre *Méry* e que é necessario entrementes conservar a todo custo a ossatura prevista para interditar os acessos ao planalto de nosso lado. No cair da tarde o contra ataque montado contra *Méry*, se desencadeia.

Ele é brilhantemente executado pelo 4.º B.C.P. que chega a aí tomar pé parcialmente a ligação assim como ir restabelecer com o restante do III/69 R.I., que apesar de cercado resiste heroicamente.

Cerca das 18 horas, o Comandante do 1.º Agrupamento preocupado com a segurança da sua unidade manda levar ao Comandante da 2.ª Companhia a nota seguinte:

«10 de Junho — 18 — 18 horas:

O Comandante da 2.ª Companhia continuará a manter 1 ou 2 patrulhas nas encostas Sul da Herdade *Bauchemont* como anteriormente.

Essa patrulha garantirá a sua segurança e adoptará durante a noite o dispositivo de postos avançados».

(a) Guimarães.

Por esta forma temos espias com vistas para a frente, que observam todo o terreno a Oeste do bosque de *Belloy* entre *Bauchemont* e o *Bout du Bois*.

A grata noticia da retomada de *Méry*, que é confirmada as 18 hs. 30', nos tranquilisa ficando assim a nossa retaguarda garantida no decorrer da noite.

Às 19 h. 15' a luta de infantaria diminue de intensidade e logo se prescreve as Cias. engajadas de retomarem suas ligações.

Completamente reconstituídas às 20 h. é ordenado proceder-se ao reabastecimento em viveres e munições.

«10 Junho 918 às 19 h. 26' — A 5.ª Cia. retomará em fim de combate sua ligação com a 3.ª Cia. Seu pelotão avançando reconduzido até a linha de resistencia anteriormente definida deverá retomá-la com as 3.ª e 1.ª Cias.».

(a) Guimarães.

«18 Junho às 20 h.

I — Reabastecimento em viveres e munições. — As fachinas partirão ao cair

da noite. Este trabalho deverá estar concluído às 2 horas da manhã.

II) — «Organização das posições de combate que deverão estar prontas ao alvorecer. As informações (prisioneiros) indicam, que o inimigo prepara um novo ataque no decorrer do dia 11».

III) — «O reabastecimento de viveres (distribuições) terá lugar as mesmas horas e no mesmo local determinados hontem».

(a) Guimarães.

Os Alemães continuam a encarniçarse furiosamente contra as ravinas dos abrigos e de Bauchemont.

São varados por fogos incessantes provenientes de Leste e do Sul. Estes parecem provir de antigas posições amigas, a tal ponto que os observadores do agrupamento fazem signaes repetidos por meio de foguetões, pedindo o alongamento do tiro. O resultado é de regula-lo melhor a nossa custa, o que nos tira qualquer duvida quanto a situação a nossa direita. No cahir da noite o inimigo ataca *Wacquemoulin*, defendido pelo 26 R.I. Consegue incendiar a localidade sem conseguir toma-la.

Às 11 hs. 20' o Comandante do 1.º Agrupamento comunica aos Comandantes de Companhia a nota que segue:

«11 Junho 18 á 1 h. 10' — *Nota de serviço*.

A linha de resistencia do Btl. devendo passar pelo movimento do terreno da cota 98, o dispositivo do Btl. se apresenta normalmente da seguinte forma: A direita *Agrupamento Guimarães* com suas 3 Cias. em linha abrigados e escalonados do seguinte modo:

Da direita para esquerda — a) *Cia. Peschart* (2.ª) mantendo a ligadura com 4 seções em linha. — Sua manobra em caso de ruptura está prevista. Está em ligação com esta Cia., sobre as bordas E. da ravina, uma seção da 3.ª Cia. comandada pelo Sub-Tenente *Grand*, esta seção será prolongada para o N. pela seção *Depain* da 5.ª Cia.».

«A 2.ª Cia. e as seções supra mencionadas deverão se esforçar em retardar por todos os meios a progressão do inimigo».

«O agrupamento *Margerie* está em ligação a esquerda.

Prever um forte reabastecimento para as seções da 1.ª linha que será retirado dos depositos existentes no P.C. *Carrières*.

As seções restantes das 3.ª e 5.ª Cias. serão levadas para a linha de resistencia

desde o recebimento desta ordem e deverão estar com suas trincheiras «camoufladas» ao raiar do dia.

Os Cmts. de Cia. colocarão seus P.C. na vizinhança de sua linha de resistencia e organizarão observatorios que atalaiem as saidas do bosque de *Belloy*, que permanece o setor a defender».

«As orlas do bosque são batidas por nossas seções de metralhadoras, canhões 37 e pelas baterias do Grupo *Denis* que nos darão um poderoso auxilio.

O P.C. do Agrupamento será indicado pela manhã.

P.S. no aterro da estrada de ferro» (em Menevillers)

Telefone — Uma permanencia telefonica continua instalada no P.C. *Carrières*.

Carrières. Ela fica a disposição do Tte. *Peschart* que comandará os elementos avançados».

(a) Guimarães.

Não obstante nossos efetivos muito diminuidos após os engajamentos do dia 10 vão se encontrar enxameados sobre a linha que nos foi prescrita manter.

Propuz então, para melhor reforçar nossas unidades, aproveitar-mos temporariamente os 300 homens do Btl. *Thévenod*, do 256 R.I., recolhidos em nossas linhas durante o dia. Minha proposta foi aceita e ás 2 h. 30' enviei ao Cmt. *Thevenod*, que se achava em meu P.C. a seguinte nota:

«11 Junho 18 ás 2 h. 20' — Cap. Ajudante Mór Guimarães ao Cmt. *Thévenod*, o Major Cmt. do 2.º B.C.P. resolveu recompletar com os elementos de vosso Btl. as unidades do 2.º B.C.P. engajados em *Méry* e sobre a linha avançada, tomei 2 seções de 50 homens cada uma e as reparti pelas 3.ª e 5.ª Cias., 150 homens constituindo uma Cia. substituirão temporariamente a 4.ª Cia. engajada atualmente com o 69 R.I. em *Méry*.

As 7 mtrs. em bom estado serão utilizadas pela 1.ª Cia. Mtrs. do 2.º B.C.P. que organizará de acordo com o vosso official metralhador a instalação dessas peças».

«O Tte. *Gascard* irá buscar este destacamento para conduzi-lo as suas posições. Às 3 horas: levar a maior quantidade possivel de cartuchos e de ferramentas para organização das trincheiras. O Cmt. *Thévenod* ficará com o Cmt. *Mellier* no seu P.C. proximo a *Ménévillers*».

(a) Guimarães.

(Continúa)

Secção de Artilharia

Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas

Pelo Cap. Ollvio de Oliveira Bastos

(Continuação)

B) ESPOLETAS DOS PROJETIS OCOS

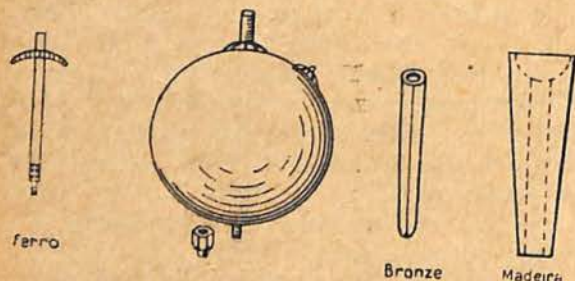
atirados pelos canhões de alma lisa, eram esféricos massivos (bala rasa) e, as vezes incandescentes (bala ardente ou vermelha), um verdadeiro «tijolo quente», na pitoresca expressão empregada na ultima guerra civil para designar os projetis que não davam *arrebentamento* em virtude da falta de espoletas ou de sua má confecção.

Com a adoção dos *projetis esfericos ôcos* (bombas, depois granadas e shrapnels), cheios de pólvora, vieram os *artifícios* para provocar a explosão de sua *carga interna*.

Esses artificios eram, nos tempos mais remotos, constituídos por «*estopins*», em parte introduzidos no ouvido do projétil.

Foram esses os meios mais rudimentares para por fogo a carga de ruptura, e que vêm ser os precursores das *espoletas de tempo*, por combustão.

No século XVI os artificios referidos com o nome de «*espoletas*» consistiam em um *misto fusível* comprimido no interior de um *tubo de madeira, ferro ou bronze* (Fig. 5), para a sua melhor conservação contra a humidade e regularidade de combustão.



O *misto fusível* ou *rastilho* era formado por uma mistura de polvarins, salitre e enxofre, em partes iguais ou diferentes, conforme a velocidade de queima desejada.

As *espoletas de tempo* assim constituídas precederam de longo praso as «*espoletas de percussão*».

Só muito mais tarde, século XVIII ou XIX, é que apareceram as «*espoletas de duplo efeito*».

Voltemos ligeiramente a atenção para essas diversas espécies de espoletas.

1) — ESPOLETAS DE TEMPO (antigas)

As primeiras espoletas usadas foram as *espoletas de tempo*; o seu emprego data das primeiros anos da aplicação da pólvora nas bocas de fogo e da adoção dos projetis esfericos ôcos.

Eram destinadas a provocar o *arrebentamento* do projétil sobre a trajetória ou já sobre o solo.

O funcionamento dessas espoletas baseava-se na combustão regular de uma *mistura fusível*.

As primitivas espoletas funcionavam de duas maneiras, numas punha-se fogo no misto para depois atirar o projétil, era o tiro chamado *á dois fogos*, noutras, mais simples, tiro *á um só fogo*, o misto era inflamado pela própria chama da carga de projeção no momento do disparo, para isso tinha-se o cuidado, no ato de carregamento, de deixar a espoleta virada para a referida carga.

Este artifício já marcou, em 1751, um progresso na pirotecnia militar.

As espoletas primitivas eram de tubo de ferro ou de madeira.

As de *ferro* (alemães) eram introduzidas no ouvido do projétil a golpes de martelo.

As de *madeira* (francesas), com o auxílio de um *calcador*, peça tronconica de madeira apresentando uma cavidade de dimensões suficientes para introduzir a cabeça da espoleta e sobre o qual se aplicavam pancadas de *macête*.

As espoletas de ferro tinham na parte inferior uma serie de furos (eventos) por onde passava a chama do misto para provocar a explosão da *carga de arrebentamento* do projétil.

Para obter o tempo de queima desejado utilizavam-se *espoletas de tubos metalicos* de comprimentos diferentes, dois ou três.

Nas *espoletas de madeira* regulava-se, com uma certa aproximação a duração

de queima *serrando* na extremidade do tubo um comprimento mais ou menos longo.

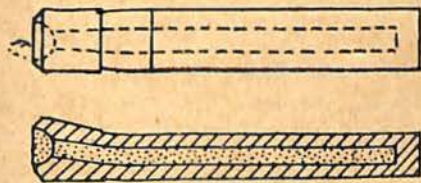
E assim, nos primórdios a *gradação das espoletas* consistia só na verificação da combustão, a qual não devia ser «ne troppo lunga, né tampoco troppo corta».

As espoletas de madeira depois tiveram o seu uso mais generalizado; para facilitar a regulação da duração de queima foram graduadas na face externa do tubo, em relação ao tempo de combustão. Nos primeiros modelos de espoletas a inflamação do misto fusível podia realisar-se exteriormente, e neste caso se chamou de *inflamação exterior*; em modelos menos antigos, por meio de um dispositivo interior que produzia a inflamação de uma escorva, chamando-se então de *inflamação interior*. Entre as primeiras existiam as *espoletas de boquim* e as de *estopim*, sem ou com bocal metálico.

a) — ESPOLETA DE TEMPO DE MADEIRA, COM BOQUIM

Das *espoletas de tempo de madeira* se encontravam em varios modelos na nossa antiga artilharia, de origem franceza, ingleza ou alemã: Krupp liso, La Hitte, Whitworth, Krupp raiado, etc.

As mais antigas consistiam em um *tubo de madeira* ligeiramente tronconico (Fig. 5) com um canal *longitudinal* contendo a mistura fusível. Algumas tiveram o tubo ciliparico, e a cabeça tronconica (Fig. 6).



Essas espoletas terminavam em sua extremidade superior em um calice chamado *boquim*, contendo uma escorva de polvora para facilitar a inflamação do misto.

O tubo tronconico ou porção tronconica da espoleta era introduzida á força no ouvido do projétil ficando do lado de fôra o *boquim* contendo a escorva.

Dessas espoletas ainda empregamos, embora com alguma raridade após a *Guerra do Paraguai*, para o tiro com *bombas esfericas*, dos canhões lisos.

As espoletas já vinham experimentando varias modificações na sua confecção e na preparação para o seu emprego.

O áto de *serrar* o tubo da espoleta para regular o seu cumprimento de acôrdo com a duração de combustão desejada, produzia abalos no misto fusível, desagregando-o; o mesmo se dava quando para a sua introdução no ouvido do projétil applicava-se o macete. Procurou-se atenuar esse inconveniente praticando-se no tubo de madeira um furo *transversal* por meio de uma verruma em vez de serra-lo; houve espoletas que traziam ao longo do *canal longitudinal* alguns furos adrede preparados, tendo um *tapume*, que era rompido com um estilete, na gradação descida antes da colocação da espoleta no ouvido do projétil.

Mas as espoletas tinham tambem a facilidade de escapular do seu alojamento, em consequencia, apareceram as *espoletas de madeira com bocal metálico de rosca*, que sanava esse defeito.

Outras minucias vieram completar e melhorar a organização das espoletas: assim fez-se a adoção de uma arruela de couro ou feltro que era adaptada entre a espoleta e o projétil para evitar explosões prematuras com a passagem direta da chama da carga de projeção á de ruptura do projétil; afim de preservar a espoleta da ação da humidade dava-se-lhe exteriormente uma camada de verniz e envolvia-se o bocal com uma *coifa* de papel forte que cobria os estopins.

Para o emprego da *espoleta de boquim*, antes de ser introduzida no ouvido do projétil serrava-se o tubo obliquamente, ou se praticava um furo transversal (vento) segundo a gradação correspondente a duração da queima precisa, depois metia-se a espoleta no ouvido do projétil, applicava-se o *calçador* e batia-se com o *macete* até que a espoleta estivesse introduzida.

No momento do tiro a chama da carga de projeção inflamava a polvora existente no *boquim*, acendendo o *misto fusível* existente no *canal*, que ardendo comunicava o fogo á *carga de ruptura* do projétil.

(Continúa)

Escola de Educação Física do Exército

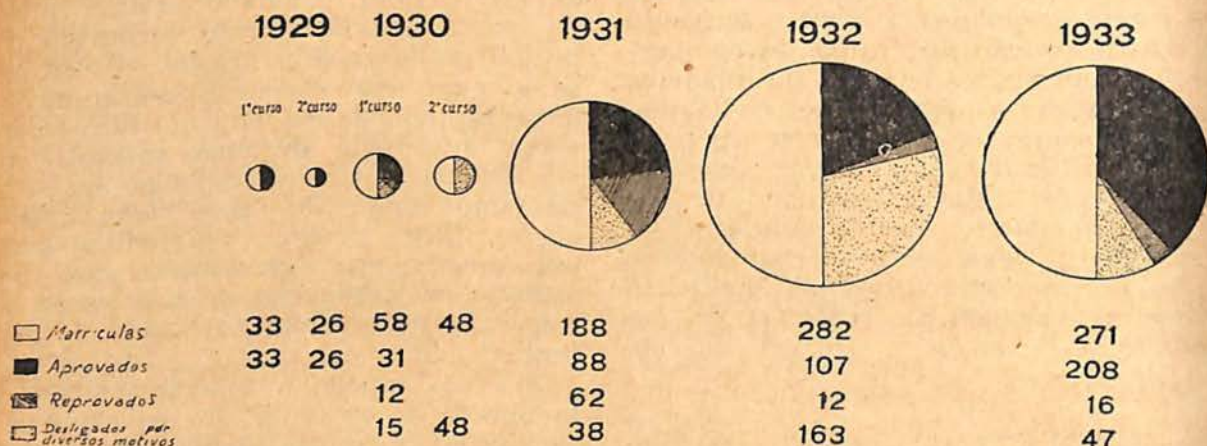
Uma instituição que vai convencendo e precisa vencer

A leitura do numero 14 da Revista de Educação Física leva-nos a registrar, com satisfação, a promissora situação da Escola de Educação Física do Exército, que se apresta para iniciar o 8.º período letivo.

e também pelo constante aumento de assinantes da Revista.

O quadro que se segue confirma o que dissemos quanto a parte pessoal, sob a direta responsabilidade da Escola.

Demonstração gráfica do movimento da Escola em 7 períodos letivos



QUADRO PERCENTUAL

	Matriculas	Aprovados	Reprovados	Desligados
1929 (1.º curso)	11,0 %	100,0 %	—	—
1929 (2.º curso)	8,6 %	100,0 %	—	—
1930 (1.º curso)	19,3 %	53,4 %	20,6 %	25,8 %
1930 (2.º curso)	16,0 %	—	—	100,0 %
1931	62,6 %	46,7 %	32,9 %	20,2 %
1932	94,0 %	37,9 %	42,5 %	57,8 %
1933	90,3 %	76,7 %	59,0 %	17,3 %

NOTA — A percentagem de matriculas está calculada sobre um efetivo de 300 alunos.

Destinada ao ensino, á orientação e ao desenvolvimento da educação física no Exército e centro irradiador dos modernos principios da educação física no meio civil, foi desde o inicio entregue a um nucleo de oficiais dedicados e á altura da missão da Escola.

Aos esforços dos mesmos deve-se não ter havido solução de continuidade nos resultados sempre crescentes apresentados desde sua criação, apesar das mutações ocorridas na alta administração da guerra.

Os trabalhos realizados, de acordo com a finalidade da Escola, não se circunscreveram ás necessidades do Exército, sendo simultaneamente atacada a propaganda da educação física nos meios educacionais, nas administrações federal e estadual e no estrangeiro, caracterizada particularmente por demonstrações praticas.

Os frutos colhidos nesta parte compensam as energias gastas e se traduzem por impressões expendidas por homens especializados no assunto, pelos pedidos de matriculas formulados pelas autoridades estaduais para medicos, professores, oficiais e praças das forças estaduais

No que se refere á sua influencia no País temos entre outros a criação recente de departamentos especializados para Educação Física nos Estados do Pará, Pernambuco e Espírito Santo, com o aproveitamento de diplomados nessa Escola.

Do exterior já vêm as primeiras recompensas, em conceito honrosos, formulados pelo lente da Escola Superior de Educação Física, de Joinville-de-Pont (França), escola que criou o Método Francês, adotado entre nós e em cuja parte científica vem se baseando a nossa Escola e pelo Professor Pedro Escudero, catedrático de Clínica Medica da Faculdade de Medicina de Buenos Aires e membro da Academia Argentina de Medicina, por intermedio de seu secretario J. Albani.

«Votre Revue constitue pour l'Ecole de JOINVILLE une documentation précieuse dont s'inspirent ses Cadres et c'est à titre de réciprocité, que nous vous offrons de vous communiquer toute la documentation que nous possédons actuel-

Instalação de um material fixo rustico para execução das lições de educação fisica

Pelo 1º Ten. Léo Borges Fortes

Desenhos de Luiz Gomes Loureiro

Conforme prometera-mos no nosso pequeno artigo inserto no n.º 234 aqui apresentamos os dados os mais detalhados possíveis sobre a improvisação de um material fixo a utilizar nas lições de educação fisica.

O Regulamento Francês de Educação Fisica no seu capitulo 16, refere-se aos «aparelhos destinados a uma utilização frequente por varios grupos de individuos»; seguem-se indicações de ordem geral, tais como: plano progressivo de melhoramentos, natureza do solo, etc. Nada diz porem sobre o genero e dimensões das instalações fixas.

Ora, de uma maneira geral, nos nossos corpos de tropa, não podemos nos prender ás condições do terreno. É o melhor logar aquele que servir... para a execução da lição. Outrosim, quando este existe, há um desvio de orientação, e em vez de um estadio de treinamento de educação fisica, constroem-se estadios esportivos, com o indefectivel campo de foot-ball, mais os de basket, voley e petéca, mas sem uma unica barra, corda ou haste onde se possa fazer um exercicio educativo ou uma aplicação.

Fazendo votos para que os camaradas construtores de estadios não incorram

nesta falta, apresentamos aos mais modestos, como nós interessados no assunto, (para que não tenham o trabalho que tivemos e para que o melhorem,) a instalação do material fixo que improvisamos no Forte do Imbuí, para inicio da instrução de recrutas.

LOCAL: — Foi utilizado para instalação do material um antigo campo de jogo de petéca, de terra batida, medindo cerca de 50x20 metros. Sua proximidade da praia permitia que a Sessão Preparatoria nesta fosse dada, donde então se passava á Lição Propriamente Dita, no aparelhamento, ou com material movel ali previamente colocado. Serviu-nos de orientação na instalação a aparelhagem construída no Forte de Copacabana, onde colhemos os elementos para fazermos a nossa, mais simples e de aplicação mais geral.

MATERIAL: — A instalação em si consta de seis aparelhos numerados de um a seis e dos quais os três primeiros constituem uma linha de barras horizontais eguais ao da Fig. 1. Foram eles construidos com três canos de ferro galvanizado de 2,5 polegadas, apoiados ho-

lement et que nous nous efforçons de perfectionner avec nos modestes moyens de travail».

Cel. Arnould.

«En la visita que el Señor Profesor hiciera al local del Centro Militar de Educação Física, el 19 de Octubre de 1933, en compañía del Prof. Dr. W. Berardinelli, tuvo ocasión de comprobar la admirable organización de ese centro y la obra cultural y patriótica que allí se cumple. Allí se le prometió el envío de algunos ejemplares de la Revista que acaba de recibir, n.º 1 del año I y n.º 7, 8, 9, 10 y 11 del año II.

Su lectura le ha interesado mucho por la orientación científica dada a la publicación y desea tener la colección completa y hacerse suscriptor a ella».

(J. Albani, secretario do Prof. Escudero.)

A Escola vae pois convencendo.

Sente-se entretanto que a Escola ainda não entrou num periodo de realizações a altura das necessidades do Exercito e muito menos do País, embora disponha dum pessoal á altura de sua finalidade.

E que para esse periodo de realizações os meios materiais a disposição da Escola são por demais deficientes e só o esforço pessoal não basta para supri-los.

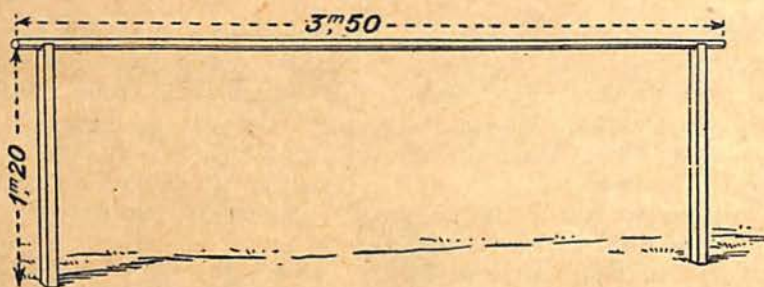
Complete-se-lhe as instalações, forneçam-se-lhes todos os meios materiais de que necessita e teremos garantido ás novas gerações um desenvolvimento fisico amparado em indices e observações exclusivamente nossos.

A Escola de Educação Fisica do Exercito precisa, deve e merece vencer.

horizontalmente cada um sobre dois suportes, e a 1^m,20 do solo (Fig. 1); destinavam-se a execução simultânea por toda a escola dos exercícios em suspensão inclinada, e apoios sobre uma barra.

categoria Tregar, incluindo ás escadas e ainda mais Saltos em profundidade e combinados.

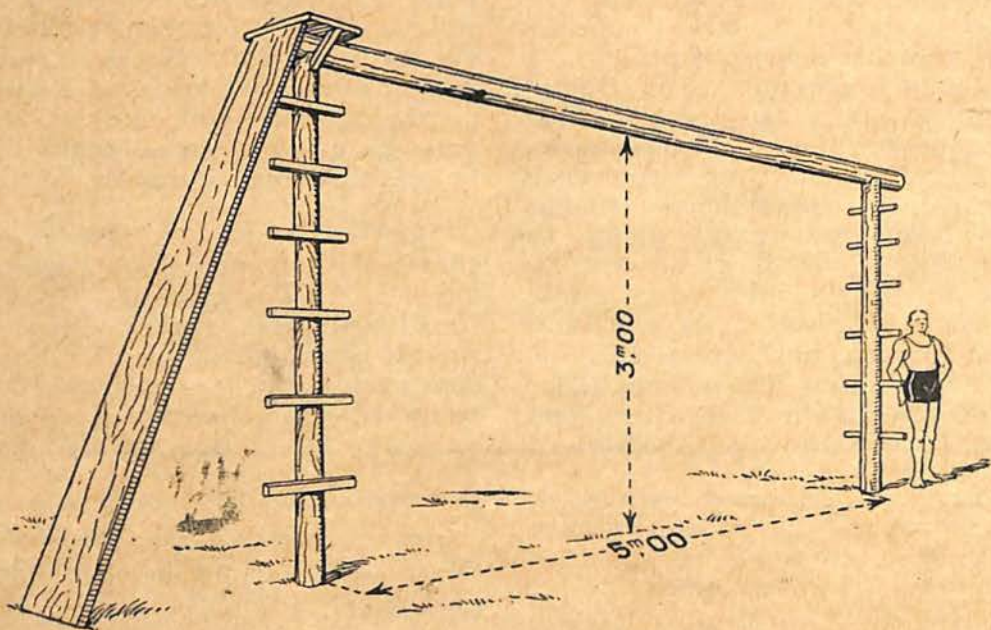
(Geralmente na organização da lição, eram previstos exercícios na categoria



O aparelho n.º 4 (Fig. 2) foi construído com 1 tronco horizontal de 5 metros de comprimento apanhado na floresta e grosseiramente aparelhado a

tregar e saltar executados neste mesmo aparelho).

Como material movel anexo foi construída uma especie de caixa de areia



enxó. Era suportado em suas extremidades por dois outros cravados no sólo e com 3^m. de altura, comportando cada um seis degraus para facilitar o acesso (Fig. 2) Num dêles se apoiava uma taboa com a inclinação de 45° terminando em cima numa pequena plataforma de 50 x 50 cm.

para os saltos em profundidade, a colocar na ocasião, no local conveniente.

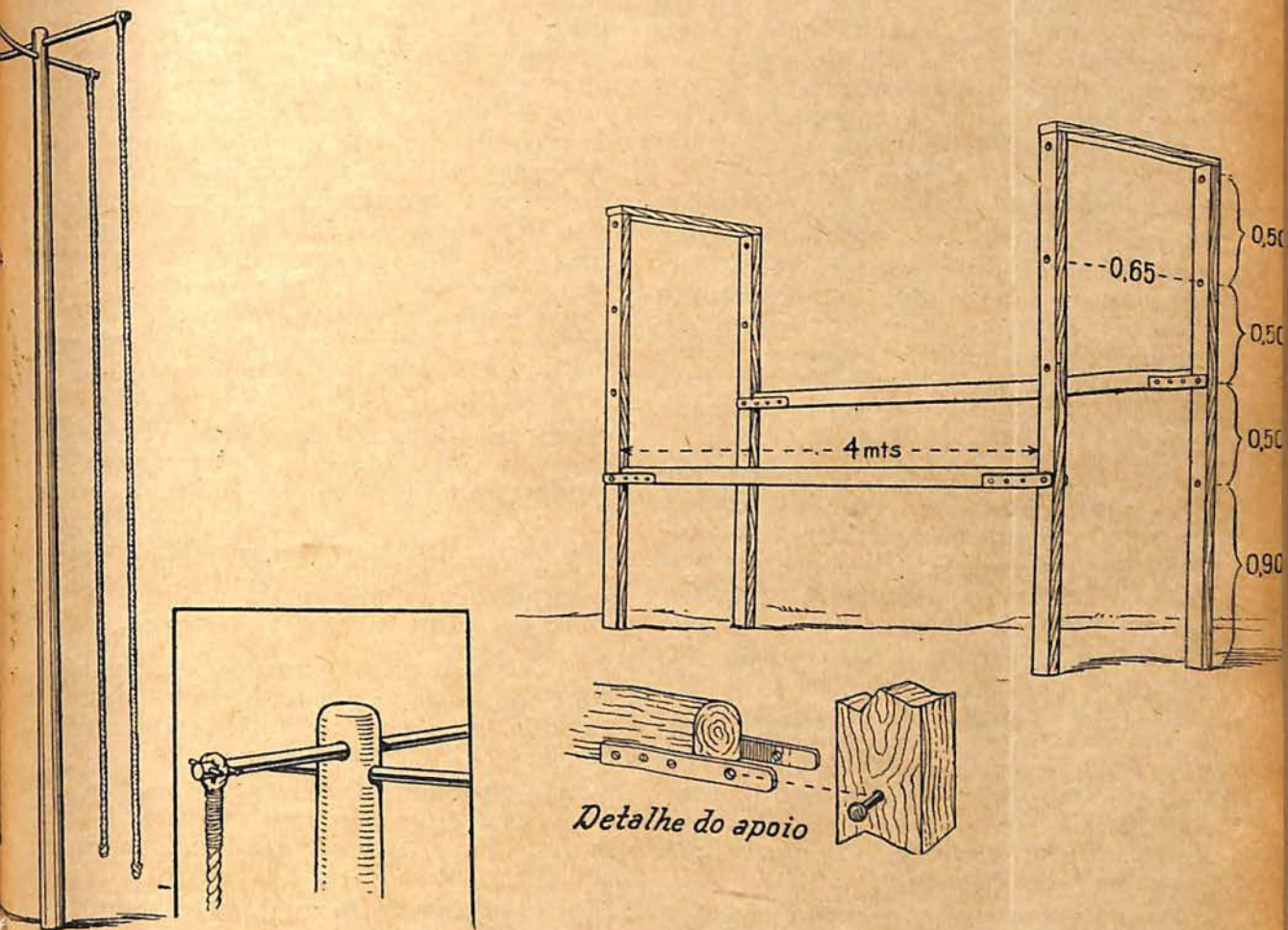
O 5.º aparelho (Fig. 3) foi construído utilizando um velho mastro do serviço de semaforas. Na sua parte superior foram atravessadas horizontalmente e em cruz, duas barras de ferro galvanizado, com dois metros cada um, e de cujas extremidades pendiam 4 cabos de duas polegadas de espessura. Tendo a altura de 6^m. destinava-se a exercicios da categoria Tregar, permitindo mais a realização da prova correspondente, do exame fisico. Os homens iam já pois, tendo um contacto progressivo com a

DESTINO: — Este aparelho permitia a realização das suspensões alongadas e todos os exercicios nesta posição inicial; ainda mais: apoios destendidos sobre o tronco, progressões, a cavalo, equilibrios; em sintese: exercicios da

prova que não iriam assim executar pela primeira vez no proprio exame, o que é muito frequente entre nós. Sua construção satisfazia a condição de permitir o estabelecimento e tomada de apoio após a subida, especificado na prova. (Fig. 3)

permitia dar a cada uma delas as alturas de 0,90, 1,40, 1,90 e 2,40; podendo-se trabalhar com uma ou duas em quaisquer das posições.

DESTINO: — Ainda exercicios da categoria Tregar e Saltar.



O ultimo aparelho era constituido pelas barras horizontais paralelas (Fig. 4).

A compleição comum de nossos homens fez-nos dar-lhes um intervalo de 65 cm.. A superficie superior das barras era convexa e seu comprimento de cerca de 4 metros. Suportadas em suas extremidades por 4 hastes verticais, (Fig. 4) um sistema de apoio sobre parafusos

Completavam estas instalações uma caixa fixa de areia permitindo saltos em altura e distancia ou combinados e varios obstaculos tais como: muros, barricas e sebes.

Uma idéa de conjunto é dada na propria lição, no croquis que dela faz parte. (Vide n.º 234 de «A Defesa Nacional».)

Biblioteca de
«A Defesa Nacional»

“Notas sobre o Emprego da Artilharia”

do Major Inacio José Verissimo, é livro indispensavel na biblioteca do oficial de qualquer arma.

Secção de Veterinaria

O cavalo militar

Considerações em torno da ração de reserva dos equinos em serviço de guerra

Pelos 1.^{os} Tenentes Armando Rabelo e Bernardino Costa

Os choques dos exercitos em guerra trazem sempre, de envolta com o cortejo sinistro do sacrificio de vidas preciosas da destruição material, um aumento consideravel no consumo das reservas alimenticias normalmente utilizadas pelo homem e pelo cavalo.

Não fôra a verificação aproximada da Lei formulada por Malthus, reguladora do intercambio entre o genero humano e os fatores que condicionam a vida as contendas armadas teriam extensão sobremaneira limitada e menores seriam os danos causados por essa calamidade publica á propria humanidade.

Por isso é que a elaboração das normas arraçoadoras dos grandes efetivos armados, compreendendo homens e animais, se apresenta aos responsaveis pelo reabastecimento em campanha como problema muito complexo.

No concernente ao homem, ha que atentar-se para as populações civis que somam ainda maior numero de bocas a nutrir, e não deve ser menor o empenho em assegurar-se aos rebanhos em liberdade nos campos o alimento necessario á sua conservação e sanidade, de vez que neles reside a principal fonte comestivel do homem.

Para tanto atender, o engenho daqueles a quem cabe zelar pela defesa das nações tem apelado para toda sorte de residuos industriais, quer de ordem animal quer vegetal, não excluindo o sangue extravasado nos matadouros nem o sôro de decantação das industrias de laticínios. Já é bem conhecido o fato de, na guerra da peninsula scandinavia, as dejeções dos solipedes da tropa terem sido aproveitadas como alimento do gado vaccum, nas zonas de retaguarda.

Tratando-se aqui da ração de reserva para os animais do nosso Exercito, acreditamos que seja este o momento asado para estabelecermos definitivamente os tipos de concentrados forrageiros que deverão constituir os modelos das tortas, pães e biscoitos forrageiros de guerra, a serem confeccionados e forne-

cidos pelo Serviço de Subsistencias Militar. Para essa fabricação, os diversos residuos «são reduzidos a pasta que é adicionada de sal e ás vezes de herva doce e funcho e, em seguida, submetida á fermentação por meio do levedo de cerveja» (1). A fermentação pode ser dispensada quando os alimentos utilizados dão á massa uma consistencia porosa. O pão forrageiro, de curta conservação, pela facilidade com que é invadido pelos bolôres, deve ser substituido pelos biscoitos, que se mantém inalteraveis por largo tempo.

A cavalaria do exercito alemão recebeu, no transcurso da Guerra Mundial, como ração de reserva, um biscoito de guerra com a seguinte composição:

30 partes de farinha bruta de centeio
30 partes de quirera de aveia
30 partes de quirera de ervilha
10 partes de farinha de linhaça

A consistencia da massa era obtida com chá de feno, medindo cada biscoito 12 cms. de diametro por 1,5 de espessura.

«A provisão diaria para um cavalo devia regular, mais ou menos, 4 libras de biscoito, o que dava facilmente para substituir 10,5 litros de aveia».

A cavalaria do exercito belga tambem recebeu biscoito com a seguinte composição:

40 kgs. de farinha bruta de aveia
30 kgs. de farinha bruta de ervilhas
15 kgs. de farinha bruta de centeio
15 kgs. de farinha bruta de farelo de linhaça.

A pasta preparada é em seguida dividida em biscoitos e assada no forno. Os biscoitos deverão conter de 11 a 14 % de agua.

Exalta-se o titulo nutritivo desses alimentos de reserva com a adição de sangue dessecado, leite e farinha de leguminosas.

«A peso igual, o pão é muito mais nutriente do que a farinha o que se

(1) — Transcrito de Dr. Athanassof.

pode atribuir ao levedo e ao cosimento pelos quais o amido é transformado em dextrina.

Na E.V.E., por iniciativa do 2.º Tenente Veterinário Fortunato Pinto de Sá Junior, é praticado o aproveitamento do

coagulo do sangue utilizado no preparo dos diversos sôros imunizantes, na fabricação de uma farinha de sangue que tem tido larga procura da parte dos avicultores e pequenos agricultores, que a utilizam como adubo.

Tipos de arranjos forrageiros para confecção de pães e biscoitos forrageiros

	Kg.	Prot.	Mg.	Mhc	V.N.
Farelo de trigo.....	1	0,109	0,027	0,406	0,454
Farelo de semente de algodão.....	1½	0,165	0,030	0,123	0,242
Farelo de côco.....	1	0,166	0,082	0,320	0,766
Farinha de pinhão	1½	0,051	0,004	0,711	0,762
Raspas de batata doce.....	1½	0,020	0,020	0,267	0,280
Soma.....	4½	0,451	0,163	1,827	2,504
Farelo de côco.....	1	0,166	0,082	0,320	0,766
Farinha de cevada	1	0,076	0,009	0,628	0,700
Raspas de batata doce.....	1	0,040	0,004	0,533	0,561
Farinha de linhaça	1½	0,147	0,023	0,149	0,352
Farinha de pinhão	1½	0,051	0,004	0,711	0,762
Farelo de amendoim ...	1½	0,200	0,041	0,107	0,380
Soma	5½	0,680	0,163	2,448	3,511

O complemento da ração será levado na falta deste de palha de trigo, de palha ao animal por alguns quilos de verde, o de arroz ou de milho.

Pães ou biscoitos equinos

N. 1: — Formulados pelo Major Severo Barbosa.

	Prot.	Mg.	Hc.	V.N.
1 k. — Milho quebrado	0,077	0,029	0,064	0,760
1½ „ — Avela quebrada	0,126	0,051	0,697	0,580
1 „ — Farelo de trigo	0,109	0,027	0,452	0,450
1 „ — Alfafa em flor	0,097	0,012	0,313	0,220
4½ „ — 0,020 de sal (Soma).....	0,409	0,119	1,526	2,010

N. 2:

1½ k. — Farelo de linhaça.....	0,147	0,023	0,149	0,352
1½ „ — Farelo de côco	0,083	0,041	0,106	0,383
1 „ — Cevada	0,076	0,009	0,628	0,700
1½ „ — Farelo de algodão	0,105	0,030	0,123	0,242
1 „ — Farinha de raspas de mandioca.....	0,032	0,002	0,541	0,532
— Subst. aglutinante e 0,020 grs. de sal				
3.500 „ Soma.....	0,443	0,105	1,601	2,209

N. 3:

2 k. — Milho (sabugo e grãos).....	0,138	0,012	1,236	1,466
1½ „ — Sementes de algodão.....	0,067	0,011	0,122	0,420
1½ „ — Arroz descascado	0,029	0,006	0,350	0,386
1½ „ — Farelo amendoim.....	0,200	0,041	0,107	0,380
20 grs. — Sal marinho (0,020).....				
— Subst. aglutinante Q. S				
3 520 „ Soma.....	0,434	0,070	1,815	2,652

Quadro dos equivalentes forrageiros

Sementes

1 quilo de milho por: (0,768)	1 quilo de aveia.....	0,581
	1 " " cevada.....	0,700
	1 " " favas.....	0,685
	1 " " pinhão cosido.....	0,508
	750 grms. sementes de linhaça.....	0,619
	750 " " " algodão.....	0,630

Fenos

1 quilo de alfafa por: (0,224)	1 quilo de aveia em flor.....	0,286
	1 " " capim favorito.....	0,220
	1 " " capim pé de galinha.....	0,211
	1 " " capim gordura.....	0,258
	1 " " capim jaraguá.....	0,210
	1 " " capim Rhodes.....	0,273
	1 " " graminha seda.....	0,280
	1 " " graminha comum.....	0,239
	1 " " cow pea.....	0,312
	1 " " mucuna.....	0,268

Forragens verdes

1 quilo capim verde de boa qualidade por: (0,145)	1 quilo graminha seda.....	0,245
	1 " graminha comum.....	0,173
	1 " de capim Rhodes.....	0,144
	1 " de capim gordura.....	0,130
	1 " de capim jaraguá.....	0,141
	1 " de capim fino.....	0,103
	1 1/2 quilo de capim pampoão.....	0,136
	1 1/2 " de capim angola.....	0,133
	1 1/2 " de ponta de cana.....	0,130
	1 1/2 " de alfafa muito nova.....	0,124
	1 1/2 " de marmefada de cavalo.....	0,159
	1 1/2 " de mucuna.....	0,120

Produtos de moagem e residuos industriais

1 quilo de farelo de milho ou fubá por: (0,541)	1 k. 250 farelinho de trigo.....	0,581
	1 " 250 farelo de trigo.....	0,567
	1 " 250 farelo semente de algodão bruto.....	0,581
	900 grms. farelo semente algodão descascado....	0,565
	800 " de amendoim.....	0,608
	800 " de linhaça.....	0,563
	800 " de côco.....	0,604

Biblioteca de

"A Defesa Nacional"

**"Os pombos correios e a
Defesa Nacional"**

do **Dr. Freitas Lima**, é o melhor trabalho existente
sobre colombofilia.

Sugestões

«As sugestões devem chegar á nossa redação até o dia 15 de cada mês com a assinatura do seu autor, a qual poderá não ser publicada se assim nos fôr pedido».

(Nota importante do n.º 149/50 de 1926).

Lei de uniformes do Exercito e as instruções para distribuição de fardamento

Escrevem-nos:

Embora já esteja em vigor a nova lei de Uniformes do Exercito, até hoje não foram modificadas as antigas INSTRUÇÕES PARA DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO, e isto deve estar causando serios embaraços aos comandantes de sub-unidades, na tropa.

O que nos interessa, porém, no momento é mostrar que aquelas Instruções, por não terem sido alteradas, estão ferindo a lei sobre Uniformes.

VEJAMOS:

A lei sobre uniformes determina em seu art. 2.º:

«Este plano de uniforme é, em suas características principais: tipos, modelos, côres, tonalidades, combinações, insignias do posto, adereços e formatos de peças accessorias — privilegio absoluto do Exercito Nacional»;

no art. 7.º prescreve — «são considerados infratores:

§ 1.º — Os que forem encontrados vestindo uniformes ou peças de uniformes adotados neste plano, ou que possam causar confusão ou semelhança».

Por outro lado o paragrafo unico do art. 14.º das Instruções para Distribuição de Fardamento, determina:

«Se não houver sido arrecadado o trage civil, ou se o homem não puder mais vesti-lo, ao ser excluído, deixar-se-á em seu poder a calça, a capa e a tunica, tudo de brim caqui, e a armação de boné, por ultimo recebidas, devidamente despidas da apparencia militar».

RESULTADO: — Em plena Capital da Republica, desincorporada ultimamente uma classe de soldados, já é comum encontrar-se civis (ex-praças) de uniforme verde oliva, com chapéu civil ou calçado de tenis; isto porque o comandante de sub-unidade, não tendo uniforme caqui para deixar com o reservista, vê-se obrigado a deixar em seu poder o uniforme verde oliva que o substitue.

Dentro de algum tempo veremos o uniforme verde oliva disseminado no meio civil, como aconteceu com o brim caqui.

Parece-nos que seria injusto cortar a prescrição regulamentar das Instruções para Distribuição de Fardamento, mas poderia distribuir-se aos soldados, nas mesmas condições previstas por aquele Regulamento, um uniforme de brim mescla, cujo uso é comum no meio civil e não traria a confusão proibida pelo § 1.º do art. 7.º da lei 20.754 de 4 de Dezembro de 1931.

Si não zelarmos pela applicação integral da lei de uniformes dentre em pouco teremos novamente a anarquia que reinava antes da Revolução de 1930.

AVISO

As separatas de "A Defesa Nacional" contendo as leis de organização do Exercito, só serão distribuidas gratuitamente a socios e assinantes, os avulsos terão que adquiri-las separadamente.

Da Provincia

Instrução e Administração

Pelo Cap. Irapuan Xavier Leal

Não nos parece demais insistir que, para a completa eficiencia do Exercito, torna-se imprescindível separar, o mais possível, o que diz respeito á instrução do que se relaciona com a administração. A função de instruir, em determinados postos, deve preponderar sobre a de administrar, assim como esta, em outros casos, deve preponderar sobre aquela, emquanto que o Comando deve estar intimamente ligado ás duas, sem entretanto, açambarca-las, tomá-las em conjunto sob uma única direção. Com efeito, como pode um Comandante de corpo cuja função precípua lhe acarreta a responsabilidade da instrução dos oficiais, sargentos, cabos e soldados da sua tropa, em todas as suas modalidades, alem da parte disciplinar, sem levar em conta a obrigação do seu preparo geral, desempenhar o seu papel, se lhe incumbe ainda a parte administrativa de um regimento ou de um batalhão, inclusive a das sub-unidades — almoxarifado — pagadoria, etc.; com uma engrenagem complicada e uma burocracia massante e «apapelada». E a mobilização do corpo, da qual o Comandante também deve ter ciência? Só quem vive em um corpo de tropa pode avaliar bem o que representa essa questão de Conselho de Administração, folhas de vencimentos, partes diárias, officios que vem e que vão requerimentos de 4,5 e mais anos, transitando de Herodes para Pilatos, com mil «Papagaio» pregados, carimbos e informações de todo geito. Quantas vezes, por causa de um pedido de vinte e cinco ou trinta mil réis, não fica um Comandante ou sub-Cmte. obrigado a estudar um maçudo processo enviado de uma Delegacia Fiscal e a botar de lado as questões dos seus quadros e da sua tropa! Quantas vezes por causa de uma ata do Conselho Administrativo ou uma conta que não foi feita de acordo com os successivos avisos e prescrições dos Codigos de Contabilidade, não se perde um dia todo!

Os serviços de Intendencia Regional estão sempre alertas, devolvendo papéis e fazendo referencias. E os pedidos de toda a ordem que surgem diariamente! E os inqueritos policiais-militares a cada momento ocupando officiais dos minguidos efetivos dos Corpos! E as comissões de Rancho! E muita cousa mais. Só mesmo vendo, observando e sentindo. O mesmo acontece aos Comandantes de sub-unidades. Emquanto isso a preparação para a guerra — a verdadeira finalidade do Exercito — vai sofrendo. Só ha mesmo uma solução para o caso — e de urgencia: dar corpo á medida que cria os officiais administrativos, encaixar em cada sub-unidade um encarregado da parte administrativa — (tenente ou sargento ajudante), ampliar o quadro de administração, separando o mais possível a preparação dos quadros e da tropa (instrução) da administração. Assim, o Comandante do corpo, o sub-comandante e o Cmte. de sub-unidade, cada um na sua esfera de ação, só terá de ver diretamente com a mobilização, instrução, disciplina e a eficiencia da sua tropa, com a parte administrativa, a parte burocratica propriamente, terá que ver também, mas indiretamente, por intermedio de outros encarregados. E não é pouco, sendo o que a pratica e os interesses superiores aconselham. Se quisermos ter eficiencia algum dia, ataque-se esse mal que vem destruindo as boas vocações militares e matando o estimulo dos que iniciam a carreira. Perscrute-se a opinião geral dos que vivem arregimentados e indague-se dos que tem Curso de Aperfeiçoamento, por que têm esquecido, na tropa, muito do que aprenderam na Escola. Acredito que o exposto acima está no consenso dos nossos Chefes e no da generalidade dos camaradas, mas numa época em que se agita o reajustamento do Exercito, penso que não é demais insistir.

Acham-se a venda:

Mementos de ordens de Infantaria

pelo Major José Faustino Filho, com
Prefacio do Major Ignacio José Verissimo

Preço do 1.º fasciculo 3\$000

Secção de Infantaria

Ações em retirada

Notas d'um trabalho dado em aula

Pelo **Cap. Durval M. Coelho**

Prof. Adjunto da E. E. M.

(Continuação do n. 236)

ESCALÃO DE CONTACTO

O seu fim é iludir o inimigo dando a impressão, até a ultima hora, da sua presença por manifestações normais da sua atividade (execução á noite do plano de fogos), mas **SOMENTE MANIFESTAÇÕES NORMAIS**, para não provocar do lado adversario reacção ou desconfiança.

Será constituido pelos atuais P.A., reforçados nos pontos essenciaes; cada posto, porém, ao comando de official. O 1.º R.I. tem dois Btls. em primeiro escalão o que dá o valor global de dois Pelotões aos seus P.A.. Certamente a resistencia observada até 1.º de Novembro, ao S. do ITUPEVA, teria sido feita com forças mais importantes. Desde que o comando decidiu resistir na posição de resistencia, a importancia primitiva dos P.A. decresceu até a actual constituição.

Quanto aos reforçamentos de que trata a ordem da 1.ª D.I., só mesmo no local poderíamos examinar em que condições seria efetuado. Nesse sentido impunha-se conveniente conhecimento da parte do plano de fogo referente ao apoio dos P.A. pelos órgãos postados na posição de resistencia que irão suspender esse apoio ao executar o retraimento previsto.

O reforçamento procuraria sanar essa falta. Em todo o caso parece muito bem indicada uma Sec. de Mtrs. para bater a passagem existente em ITUPEVA.

Uma carta na escala de 1/100.000 não faculta a analyse minuciosa da repartição desses elementos. Insistamos, apenas, no aspéto geral do problema.

Elementos diminutos, diluidos em tão larga frente, serão dispostos em pequenos nucleos de valor variavel com a importancia de cada um deles. Deixa-os isolados, quasi como SENTINELAS PERDIDAS, é submetê-los á dura prova por isso que não lhes escapa a noção de que, em caso de ataque — golpe de mão, por exemplo, — nenhum socorro poderão esperar.

É preciso que os homens de cada posto sejam confortados com a presença de um official, tonificados com o EXEMPLO de que este, mais que nunca, deve dar provas.

A outra preocupação que se impõe é resguarda-los dos golpes de mão, fórmula mais comum do ataque á noite.

Isto nos leva a curiosidade de dar uma olhadéla aos mais admissiveis golpes de mão da parte do adversario.

Si o inimigo tiver a intenção de atacar no dia seguinte será possivelmente levado a sondar o valor do contacto, no ponto que lhe pareça mais vantajoso, mas, sobretudo, — quando?

O mais proximo possivel da hora do ataque para colher informações recentes. Mas também com certa antecedencia em relação a essa hora para poder depurar e explorar as informações colhidas.

Si admitirmos que o ataque se inicie ás 6 horas e que sejam precisas 4 horas para tirar partido das novas obtidas, chegaremos, á conclusão que o golpe de mão não será desferido por volta das 2 horas do dia 2.

A nossa CRÓSTA, entretanto, termina a sua missão á 0 (zero) hora desse dia e irá se retirar, sob a direção dos seus chefes, para o cruzamento 3 kms. S.E. de ITUPEVA onde poderá chegar a 1 hora, e depois se safar definitivamente para o Sul.

É oportuno focalisarmos aqui a vantagem que adviria si os postos fossem recolhidos nesse ponto por alguns caminhões — 4 a 6, conforme a capacidade de cada um deles. A descida do cruzamento referido para J. MARTINS permitiria uma quasi silenciosa rotação dos motores.

A MANOBRA EM RETIRADA

Pouco nos resta falar sobre a manobra em retirada depois do desenvolvimento que demos á nossa retaguarda. Conduzimos a discussão de tal forma que quasi esgotamos o assunto sobre essa modalidade de manobra.

É OPERAÇÃO FEITA DE PROPOSITO DELIBERADO, COM TROPAS INTACTAS, MEDIANTE O JOGO ALTERNATIVO DE ESCALÕES DE FOGO.

Ela procede da defensiva, porém dela difere porque os meios opostos ao adversario, em vez de serem concentrados numa posição, são repartidos, ou articulados, em varios escalões.

A infantaria que manobra em retirada utiliza os mesmos processos empregados na defensiva mas, em lugar de se deixar antes esmagar na posição do que ceder terreno, os seus escalões successivos batem-se em varias posições durante tempos curtos e procuram romper o contacto antes da abordagem do adversario.

Insistamos: a infantaria procura fazer fogos a grande distancia afim de iludir o inimigo sobre a sua força real; aceita o contacto, mas deve evitar o engajamento.

A RETIRADA SOB A PRESSÃO DO INIMIGO

Uma tropa quando recua sob a pressão do inimigo deve ter sofrido perdas, achar-se desarticulada; o seu moral abalado pode atingir um tal estado de crise que redunde em PÂNICO.

Perdida a coesão característica, desfeito o enquadramento, é tropa batida, difficilmente capaz de atender, no momento, a um apelo sério do comando, mesmo em posição situada á retaguarda da linha que houver cedido. Basta considerarmos a impossibilidade de fazer chegar as ordens necessarias á totalidade dos executantes.

Não sendo possivel contar com tropa que atinge a este estado, o recurso que resta ao comando para impedir a extensão do revéz, é lançar mão de elementos que ainda não estejam desorganizados pelo combate, instalando-os de modo que possam manter uma linha situada a certa distancia da que houver cedido. O afastamento da nova linha tem por finalidade permitir:

- que os occupantes possam dispor do tempo necessario á colocação dos seus fôgos;
- efetuar e consolidar a ligação com os elementos que ainda resistem em ordem;
- furtar os defensores da ação da artilharia inimiga que atua contra a primeira posição.

Após ter restabelecido a situação comprometida é que o comando pode preocupar-se com o conjunto das operações visando restaurar o primitivo plano de fogos ou levar a defeza mais para a retaguarda em condições que lhe pareçam mais favoraveis.

O fogo de uma tropa em fuga é inefficaz.

É o fogo de uma tropa em posição que detém.

Relativamente aos elementos que recuam em desordem, todas as precauções devem ser tomadas afim de que eles não contagiem com a sua depressão as tropas que ainda se mantêm. Dá-se-lhes zonas de reunião atraz da nova linha de resistencia. Nessas zonas eles serão refeitos, isto é, reagrupados, reaprovisionados, etc.

Todos os esforços, devem ser empregados pelo Comando e pelos quadros de evitar a generalisação da crise.

INFLUENCIA DA MORAL NAS AÇÕES RETROGRADAS

A tropa é uma coletividade organizada sob estrutura hierarquica para receber as impulsões do comando. Tem, alem das virtudes proprias das multidões, outras qualidades adquiridas nas instrução militar: disciplina, solidariedade, confiança nos chefes e nos camaradas. Relaxados, por qualquer circunstancia — notadamente pelas emoções do combate — os liames morais da coesão, ela se tranfórma em multidão heterogenia, essencialmente insincera, facilmente desencorajada pelo malogro sofrido. Todo o seu heroismo, todo o seu ardor, todo o seu espirito de renuncia, se dissipam com facilidade.

Os nossos regulamentos falam em «caso de insucesso», «caso de revéz» e que o «moral de uma tropa não aguerida pode ficar abalado nos primeiros combates». De outro lado, «oficiais e sargentos têm o dever de dedicar-se com energia á manutenção da disciplina e de conservar nos seus postos, POR TODOS OS MEIOS, os que lhe estão subordinados...» «compenetrados de que a sua missão principal é mais bela consiste em dar EXEMPLO á tropa».

Quer dizer — atenção com os pánicos que se poderão produzir!

A historia militar registra-os (expedição Moreira Cezar em CANUDOS) e ainda registra-os. Torna-se mistér en-

carar a questão de frente para poder diagnosticá-la e prever os meios e processos de saná-la.

Uma crise geradora de pânico, em geral, não irrompe na totalidade de frente extensa. Quasi sempre é local de origem, talvez mesmo proveniente de um só homem, as mais das vezes, com o espirito transtornado.

O perigo do pânico está na sua propagação.

Evitar esta propagação é dever dos oficiais e sargentos:

—PELO EXEMPLO — «em nenhuma circunstancia o soldado é mais obediente e devotado que no combate; tem os olhos fixos nos chefes. A bravura e o sangue frio destes lhe impressionarão a alma e o tornarão capaz de todas as energias e sacrificios; e

—...PELA VIOLENCIA — «os oficiais e sargentos têm o dever de empregar toda sua energia para manter a disciplina e obrigar POR TODOS OS MEIOS os seus subordinados a permanecerem em seus postos; EM CASO DE NECESSIDADE DEVERÃO FORÇA-LOS A OBEDIENCIA».

Mesmo um movimento retrogrado deliberado pelo chefe pode transformar-se em movimento desordenado. O soldado não estabelece distinção entre retirada forçada e retirada premeditada. Sabe que vai virar as costas para o inimigo o que para ele corresponde a derrota ou revéz.

Nos casos de operações retrogradadas deliberadas, a disciplina deve, portanto, ser verticalmente mantida pela atuação dos chefes sobre o moral dos combatentes.

Levando a questão da retirada para o ponto de vista moral, chegaremos também a conclusão da necessidade de um escalão de fogo antecipadamente postado.

Moral e fogo na retirada, eis a questão!

As expressões RETIRADA, MOVIMENTOS RETROGRADOS, MANO-BRA EM RETIRADA, etc., por si sós, não impressionam bem o moral do combatente.

Antes deles ouvirem tais expressões devem ser inteirados dos movimentos ofensivos posteriores com os quais o comando procurará alcançar o triunfo almejado.

Banco dos Funcionarios Publicos

RUA DO CARMO, 59 - (Séde Propria)

Capital 10.000:000\$000

Reservas 502:175\$138

Carteira Comercial

Caução de titulos de real valor — Hypotecas com amortização mensais
Descontos de contas do Governo — Antichreses

TAXA PARA DEPOSITOS

c/c Limitada 5 %

PRASO FIXO

6 mezes 6 %

9 mezes 7 1/2 %

12 mezes 8 1/2 %

Em 12 mezes com renda mensal 8 %

Para os acionistas mais 1/2 %

O Banco oferece aos depositantes inteira garantia, o dinheiro entregue á sua guarda é empregado em empréstimos aos funcionarios publicos federais com assistencia do governo e cuja cobrança é por este efetuada por intermedio das suas repartições, em consignações mensais, que constituem deposito publico.

EXPEDIENTE ININTERUPTO

(De 10 ás 16 horas)

Secção de Infantaria

Instruções sobre a pratica do tiro

Tradução da «Revue d'Infanterie»

Pelo 1.º Ten. Emmanuel Moraes
Do Corpo de Alunos Sargentos de Infantaria

(Continuação do n. 231)

ANEXO n. 1

Tiros de Combate do G. C. e de Pelotão de Fuzileiros

1.º — TIRO DE COMBATE DO G.C.

TIRO A

Fim

Exercitar o G. C. a progredir realizando a alternativa dos fôgos de F.M. e dos lanços.

PESSOAL

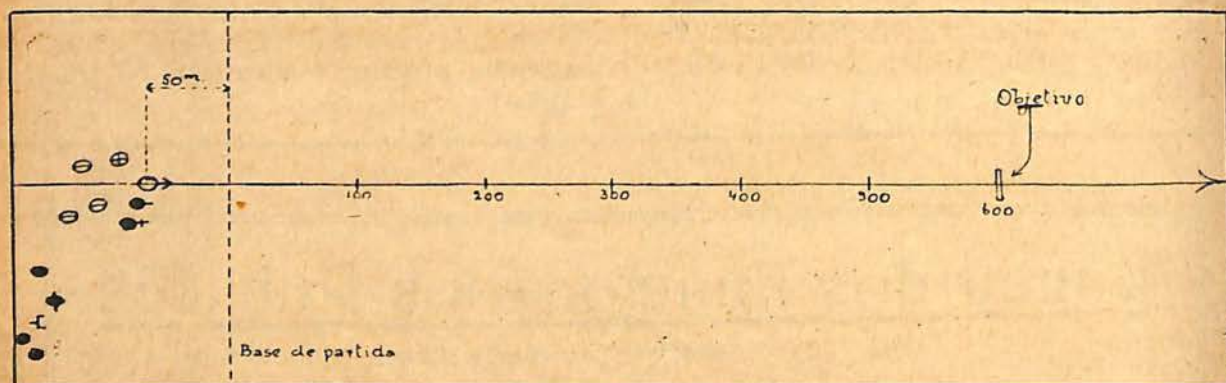
Executantes: Um Cmt. de G.C. e um G.C. com efetivo completo.

Diretor do exercicio: um oficial.

Observador de conduta do atirador: um oficial ou um sargento.

O oficial diretor coloca-se na altura da primeira posição de tiro. O observador de conduta do atirador junto ao G.C., proximo á arma automatica. Ao sinal do diretor: «Em posição!», o G.C. dispõe-se na base de partida. O Cmt. do grupo coloca seu F.M. frente ao objetivo que fôr designado pelo diretor, que comanda, em seguida: «FOGO». Este toma nota de início do fôgo. A partir desse momento o comandante do grupo comanda os deslocamentos seguintes, devendo atirar depois de cada lanço, nas paradas, consumindo, no minimo, 3 carregadores:

- 1.º — lanço: 50 metros por esquadras;
- 2.º — lanço: 50 metros homem a homem;
- 3.º — lanço: 30 metros rastejando.



MUNIÇÕES

Bornal de F.M. conduzido pelo atirador: 8 carregadores completos.

Bolsa-mochila dos municidores: 12 carregadores vazios e 180 cartuchos a granél. Total: 20 carregadores e 300 cartuchos.

OBJETIVO

A 600 metros da base de partida de onde é iniciado o exercicio coloca-se um alvo retangular de 1 mtr. de altura por 2 de largura, com 3 figuras representando homens deitados, juntos (silhuêtas), vizíveis em um fundo neutro.

REALIZAÇÃO DO EXERCICIO

Mecanismo: O G.C. está em posição de espéra (Fig. 1), a 50 metros á retaguarda da base de partida, em formação para o combate.

Desde o início do fôgo, os municidores enchem os carregadores vazios com os cartuchos que conduzem nas bolsas e asseguram o remuniciamento da arma automatica.

Durante o exercicio o diretor faz a substituição do atirador pelos municidores durante os deslocamentos, de modo que todos passem por aquela função.

Cinco minutos depois da abertura do fôgo, o diretor comanda: «CESSAR FOGO!».

SEGURANÇA

O observador de conduta do atirador acompanha o F.M., sendo responsavel pela applicação das regras de segurança. Observa a direção, verifica se o atirador trava a arma para fazer o lanço e se as posições de tiro escolhidas satisfazem.

RESULTADOS

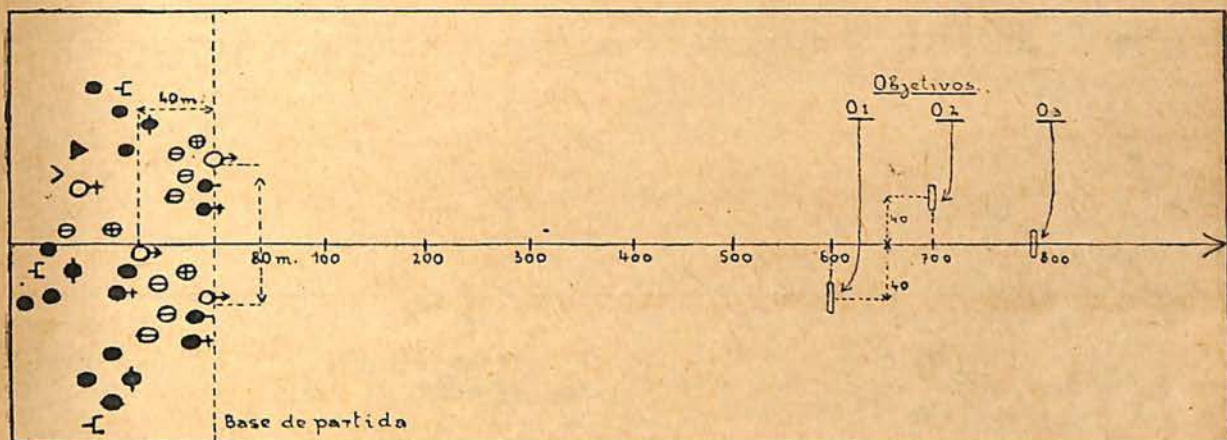
Registam-se da maneira seguinte: tres pontos dos impatos nas silhuetas (inclusive ricochetes); um ponto por impate nas outras partes do alvo, accitando-se os ricochetes.

TIROS DE COMBATE DO PELOTAO DE FUZILEIROS

TIRO B

Fim

Exercitar um comandante de Pel. que dispõe de 2 G.C. a progredir, realizando a permanencia do fogo.



PESSOAL

Executantes: Um Cmt. de Pel., um observador, um agente de transmissões e 2 G.C..

Diretor de exercicio: Um oficial;

Observadores de conduta: Dois oficiais ou 2 sargentos competentes.

MUNIÇÕES

Dotação para os grupos: identica á distribuída para o tiro. A. Total: 40 carregadores e 600 cartuchos.

OBJETIVO

Dois objetivos identicos ao do tiro A: — o mais proximo O^1 colocado a 650 metros sobre uma perpendicular ao meio da base de partida; — e outro O^2 a 100 metros além do O^1 e a 40 metros de intervalo, á direita.

REALIZAÇÃO DO EXERCICIO

Mecanismo: Os dois G.C. estão em posição, ambos sobre a base de partida, (Ver Fig. 2) o primeiro face a O^1 , com o segundo 40 metros á direita e á retaguarda.

O diretor comanda: «FOGO!». O Cmt. do Pel. inicia o tiro dos dois grupos sobre O^1 .

Tendo o G.C. da direita consumido 2 carregadores, êle executa por sua propria iniciativa dois lanços de 40 metros para a frente, por esquadras. No final do 2.º lanço êle abre fogo sobre O^1 .

Sob a proteção do G.C. da direita, que abriu fogo sobre O^1 , o G.C. da esquerda inicia sua progressão, dois lanços de 40 metros, por esquadra. Em seguida abre fogo sobre O^1 .

Nessa ocasião, surge o objetivo O^2 e o Cmt. do Pel. dirige o fogo de seus 2 G.C. alternadamente sobre O^1 e O^2 e continúa a progressão grupo por grupo, do seguinte modo:

um lanço de 40 metros homem por homem;
um lanço de 20 metros rastejando.

Depois do ultimo lanço, o Cmt. do Pel. concentra o fogo sobre O^2 .

O diretor faz substituir o atirador três vezes, durante o exercicio.

Oito minutos depois de iniciado o fogo, êle comanda: «CESSAR FOGO!».

SEGURANÇA

Os observadores de conduta do atirador durante o exercicio acompanham o F.M., observam a fiel applicação das regras de segurança e fazem manter os intervalos e distancias entre as esquadras.

RESULTADOS

1) — Em cada alvo são registados os pontos como foi feito no tiro A.

2) — Calculamos, em seguida, da maneira seguinte:

Representamos por N_1 o numero de pontos obtidos no alvo mais atingido e por N_2 o numero de pontos no alvo menos atingido, e atri-

buimos a cada alvo um numero de pontos igual a N_2 multiplicado pelo coeficiente 2;

— atribuímos o coeficiente 1 a diferença de pontos nos 2 alvos ($N_1 - N_2$) e concluímos assim:

$$(N_2 \times 2) + (N_2 \times 2) + (N_1 - N_2)$$

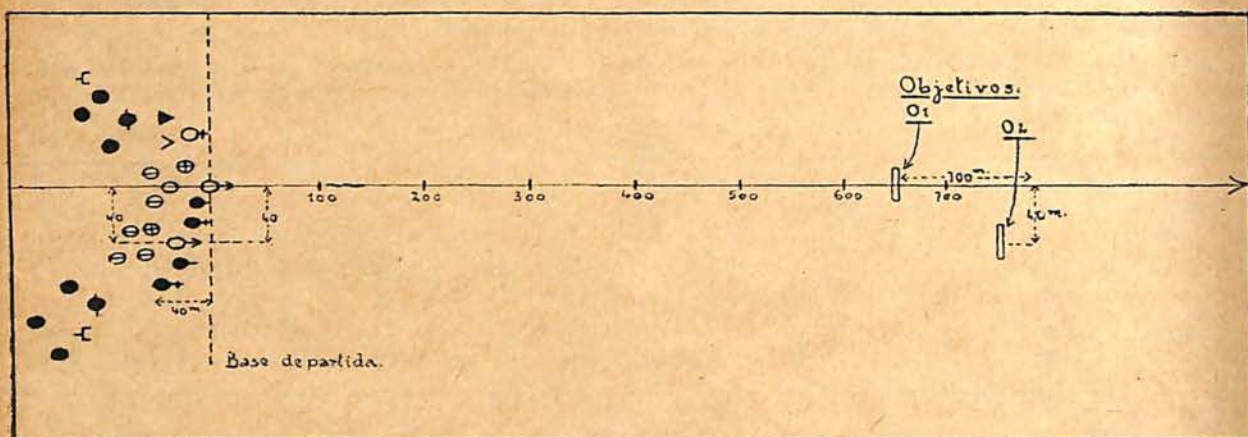
Exemplo: Alvo mais atingido, 50 pontos; alvo menos atingido, 30 pontos.

$$N_1 = 50 \quad N_2 = 30 \quad (30 \times 2) \quad (30 \times 2) + (50 - 30) \\ 60 + 60 + 20 = 140 \text{ pontos.}$$

tadas sobre um painel de $2^m \times 2^m$), colocado a 800 metros, sobre a perpendicular ao meio da base de partida.

REALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO

Mecanismo: Pel. na base de partida, disposto em triângulo (Ver Fig. 3) com o vertice para a retaguarda. Os dois G.C. da testa conservam 80 metros de intervalo e o da cauda no meio do intervalo e a 40 metros de distancia. Os G.C. estão em posição.



TIRO C

Fim

Exercitar um cmt. de Pel. que dispõe de 3 G.C. a progredir realizando a permanência do fogo.

PESSOAL

Executantes: Um Cmt. de Pel., um observador, um agente de transmissões e três G.C..

Diretor do exercício: Um oficial;

Observadores de conduta dos atiradores: 3 oficiais ou 3 sargentos.

MUNIÇÕES

Em cada G.C.: um boral de atirador, 10 carregadores de 15 cartuchos dos municionados, 15 carregadores vazios e 225 cartuchos a granel. São 25 carregadores e 375 cartuchos por grupo e 75 carregadores e 1.125 cartuchos para o Pelotão.

OBJETIVOS

Dois objetivos semelhantes aos do Tiro B, separados por 80 metros de intervalo e 100 de distancia, ficando o mais próximo O_1 a 600 metros da base de partida e a 40 metros à direita da perpendicular ao meio da base de partida. Um terceiro objetivo, O_3 , figurando um G.C. deslocando-se (silhuetas de pé e dei-

O diretor comanda: «FOGO!» (por meio de uma corneta). O Cmt. do Pel. inicia o fogo dos seus três grupos sobre O_1 .

Depois de consumidos para cada G.C. três carregadores, o Cmt. do Pel. reparte o fogo dos G.C. da testa sobre O_1 e O_2 , enquanto ordena ao grupo da cauda o deslocamento para a frente, executando assim dois lanços sucessivos de 40 metros, por esquadras, ultrapassando os grupos da testa de 40 metros e, no final do ultimo lanço, abre fogo sobre O_1 .

O grupo da direita inicia o movimento para a frente e executa dois lanços sucessivamente, de 40 metros (o primeiro por esquadras e o segundo homem a homem) e, no final do movimento, abre fogo sobre O_1 . O Grupo do centro dirige seu tiro sobre O_2 (alvo da esquerda).

O G.C. da esquerda inicia então o mesmo movimento que foi executado pelo da direita, e, no final, abre fogo sobre O_2 . Neste momento o Pel. de fuzileiros encontra-se na formação inicial, em triângulo com o vertice para a retaguarda.

O objetivo O_3 surge (1). O Cmt. do Pel. concentra o fogo sobre este objetivo e retoma o movimento para a frente, rastejando. Esse movimento — um lanço de 20 metros — é executado sucessivamente e na ordem: grupo do cen-

(1) — Caso seja possível, nos campos de tiro, ha o maior interesse em fazer aparecer no momento preciso o objetivo O_3 .

tro, grupo da direita, grupo da esquerda. Durante esses movimentos o Cmt. do Pel. reparte o fogo de modo a bater o_3 e depois o_1 e o_2 .

O Diretor do exercicio, por meio da corneta ordena o «CESSAR FOGO», 10 minutos depois da abertura do fogo.

Durante o exercicio o diretor faz substituir os atiradores três vezes.

SEGURANÇA

Cada Cmt. verifica se estão sendo bem compreendidas as regras de segurança e faz manter os intervalos e distancias determinadas.

RESULTADOS

Registrar os pontos obtidos em cada alvo da mesma maneira como foi feito para o tiro A.

Em seguida iniciamos outra operação.

Sejam N_1 , N_2 , N_3 numeros anotados por ordem decrescente representando os pontos obtidos nos três alvos. Atribue a cada alvo um numero de pontos igual a N_3 multiplicado pelo coeficiente 3; — atribuímos a cada alvo mais atingido um numero de pontos igual á diferença $N_2 - N_3$ multiplicado pelo coeficiente 2 e do coeficiente 1 o numero de pontos que se obtem pela diferença $(N_1 - N_2)$. Totalizar os pontos assim obtidos:

$$(N_3 \times 3) \times 3 + [(N_2 - N_3) \times 2] \times 2 + N_1 - N_2$$

Exemplo: seja $N_1=110$; $N_2=75$; $N_3=40$

$$N_1 - N_2 = 110 - 75 = 35$$

$$N_2 - N_3 = 75 - 40 = 35$$

Aplicando a formula, obtem-se:

$$(40 \times 3) \times 3 + (35 \times 2) \times 2 + 35 = 360 + 140 + 35 = 535 \text{ pontos.}$$

NOTAS CONCERNENTES AOS TIROS

A, B, C.

1.º) — Para facilitar o estudo do mecanismo, os tiros de combate do G.C. e do Pel. podem ser executados, no começo, com um efetivo reduzido (por grupo o Cmt., o cabo e a esquadra de fuzileiros).

Com o proseguimento da instrução, é necessario dar aos grupos o seu efetivo completo, de modo a exercita-lo nas situações reais. As armas individuais não atiram.

2.º) — Os oficiais diretores e observadores de conduta dos atiradores devem exigir dos Cmts. de grupo e de Pel. as ordens e comandos precisos para a execução do fogo.

3.º) — As distancias, intervalos e extensão dos lanços são determinados aproximadamente e podem ser madificados pelas exigencias do terreno e pela observação das regras de segurança.

II — ORGANISAÇÃO DOS EXERCICIOS

Os tiros de combate das unidades elementares: grupo de combate, secção de Mtrs., Pel. de fuzileiros podem ser organizados e executados sobre os «eixos de tiro» de infantaria dos campos de instrução assim como nos campos de tiros normais e de emergencia. Ha, todavia, interesse em se garantir a possibilidade de sua execução, sob as exigencias das regras acima citadas, que dizem respeito mais particularmente aos «exercicios de combate com tiro real» de Companhia e a realização do «plano de fogos» de Batalhão.

1.º — ESCOLHA DO TERRENO

O terreno escolhido deve prestar-se, tanto quanto possivel, ao desenvolvimento do exercicio que se tem em vista organizar. É importante frizar que não se cogita de escolher um terreno que atenda aos imperativos da tática da infantaria, mas um terreno que permita as combinações do fogo dessa arma: tiro por cima das tropas ou por cima de intervalo, apoio fornecido por uma base de fogos, plano de fogos defensivo, etc. Essa consideração que se impõe á vista da absoluta necessidade das medidas de segurança, conduzirá frequentemente o diretor do exercicio a escolher, obrigatoriamente, um terreno diferente daquele que conviria para a execução do mesmo exercicio de combate executado sem tiro real.

2.º — ESCOLHA DOS LOCAIS INICIAIS.

No terreno assim escolhido, trata-se de dispor os elementos de fogo — armas automaticas ou engenhos — nas posições iniciais. Segue-se a determinação em função dos estandes de segurança correspondentes ao objetivo de cada arma, da forma do estande modelo, que compreende todos os demais. É, geometricamente, um poligono formado por outros menores. A impossibilidade de prever as descontinuidades nos estandes modelos do morteiro Stockes põe em relevo a necessidade, na maioria dos casos, de não colocar esses engenhos á direita ou á esquerda do dispositivo e de lhe designar objetivos um tanto excentricos.

Para cada arma instalada deve ser calculada a zona perigosa total da maneira seguinte: uma arma automatica recebendo para bater diversos objetivos: A, B, C, constrói os estandes modelos elementares A, B, C, correspondendo ás direções dos diferentes objetivos. O contorno exterior da figura obtida desse modo limita a zona de segurança correspondente ao local inicial dessa arma. Operando identicamente para todos os locais iniciais das armas ou engenhos, obtem-se o polígono que limita a zona perigosa total para a primeira fase do exercicio.

3.º — ESTUDO DAS DIVERSAS FAZES

O trabalho de preparação como foi estudado acima, principiando pela escolha dos locais iniciais, deve ser repetido para cada uma das fazes previstas no exercício. Acontece que a zona perigosa total obtida para as varias fazes prolonga-se, mais ou menos, no decorrer da progressão. Os movimentos dos executantes são regulados de uma faze a outra, tendo em vista que sejam muito pequenas as variações dessas zonas perigosas. Por outro, as medidas de segurança entre os diferentes grupos são constantemente observadas pelos observadores de conduta nas condições já determinadas.

4.º — DETERMINAÇÃO DA ZONA PERIGOSA TOTAL DO EXERCÍCIO

(Zona perigosa do conjunto)

Depois de obter por superposição dos estandes modelos elementares correspondentes aos objetivos das diferentes armas, a zona perigosa, inerente a cada faze do exercício, envolve-se todas essas zonas perigosas sucessivas por um poligono fixo, de forma tão simples quanto possível, no interior do qual toda a circulação será interdita pelo tempo que decorrer o exercício.

Os limites laterais desta «zona perigosa do conjunto», não raras vezes, serão as linhas retas, fazendo, com a direção geral dos deslocamentos, um angulo pouco maior que as linhas de tiro mais inclinadas sobre essa direção.

Essa consideração simples permite determinar aproximadamente, de antemão, a extensão e a forma dos terrenos que deveremos dispor para «executar» um exercício com tiro real.

III — OBJETIVO E MODALIDADES DE EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

1.º — Tiros de combate das unidades elementares

Os tiros de combate das unidades elementares devem ser considerados como a continuação e o complemento necessario dos tiros de instrução e de combate. Esses tiros devem constituir o coroamento e a verificação da instrução tecnica do grupo e do Pel.

Para que essa instrução tecnica seja considerada aperfeiçoada é preciso que: — cada um dos executantes tenha adquirido os «reflexos» que asseguram no combate a permanencia de suas funções;

— os comandantes de unidades elementares sejam capazes de assegurar o movimento para a frente de suas unidades, dirigindo o fogo sobre um certo numero de objetivos.

Para obter e verificar esses resultados, não é util o grande dispendio de munição nem multiplicar as situações. A manobra das unidades

elementares de infantaria é sempre muito simples e um pequeno numero de tiros em situações bem escolhidas será o suficiente para fazer com que essas unidades vivam fazes essenciais do combate. O limite do numero de tiros que devem ser executados oferece por outro lado, a grande vantagem de permitir aos corpos de tropa o exercício de todas as suas unidades durante as estadias nos campos de instrução.

A — TIROS DO GRUPO E DO PEL. DE FUZILEIROS

1) — **Tiros de combate do grupo** — «A unica manobra do grupo consiste em fazer alternar os lanços e os fogos, quando ele não pode mais avançar sem atirar». (Reg. de Inf., 2.ª parte, n.º 419). «O fogo normal do grupo é o do F.M.». 1.ª parte n.º 262).

O trabalho principal consiste em exercitar o grupo a alternar os fogos do F.M. e os lanços. Com esse fim é que realizamos o tiro denominado A.

Para evitar a perda de tempo, o numero e amplitude dos lanços, o modo de progressão, são previamente estudados e determinados.

A duração total do tiro é limitada, afim de que a habilidade tecnica dos executantes seja posta á prova.

2) — **Tiros de combate do Pel.** — «O pel. é a menor unidade suscetivel de efetuar uma manobra elementar. Ao impulso de seu Cmt., os 3 G.C. deslocam-se alternadamente, garantindo a continuidade do movimento, ao mesmo tempo que a permanencia do fogo». (Reg. Inf. prefacio, pag. 16). «As formações de ataque do Pel. tem por fim essencial lhe permitir progredir desenvolvendo toda a sua potencia de fogo». (Reg. de Inf., 2.ª parte, n.º 432). «As formação em triangulo, com 2 grupos na frente, corresponde ao caso mais geral; o grupo da cauda póde atirar pelo intervalo dos da testa e pelo flanco». (Reg. Inf. 2.ª parte, n.º 456).

Das prescrições regulamentares expostas, resulta que o essencial é exercitar o Pel. disposto na formação em triangulo, em realizar a continuidade do movimento, ao mesmo tempo que a permanencia do fogo. Tal será o fim dos tiros de combate do Pel.

No inicio dos exercicios, para minorar as dificuldades, trabalharemos com o Pel. de 2 G.C. (tiro B), depois com o Pel. de 3 G.C. (tiro C). Como no tiro A, á vista dos mesmos motivos, o numero e comprimento dos lanços são previamente determinados.

3) — Observações de ordem geral sobre os tiros de combate do G.C. e do Pelotão.

1) — Nos tiros A, B, C, descritos no anexo 1, adotamos uma margem de segurança muito maior do que a prevista para o combate. O

Reg. de Inf. (2.^a parte, n.º 27) determina, com efeito, «que um fuzil metralhador, colocado atrás de um intervalo, só pode atirar se estiver a uma distancia no minimo igual ao dobro desse intervalo», ao passo que ficou prescrito (Tiro C) que a distancia do grupo da cauda do Pel. aos da testa não excedia da metade do intervalo entre esses grupos. A colocação dos objectivos nos tiros A, B, C é regulada de maneira que o F.M. do grupo da cauda, para os attingir, não tenha de atirar em uma direcção que forme, com a linha que o liga a um dos grupos da testa, um angulo inferior a 34 graus (angulo limite imposto pelo estande modelo de segurança).

A instituição da verificação (controle) realisa a mais eficaz garantia.

O observador de conduta do atirador (oficial ou sargento) preocupa-se com a segurança, pela qual é responsavel; não intervem na manobra nem desempenha a missão de instrutor; somente (nos tiros B e C) determina as substituições do atirador.

Antes de ir ao campo para fazer o tiro de combate, ha proveito em preparar o exercicio com cartuchos de festim. É necessario, desde o inicio dos exercicios, salientar á tropa que esse preparo destina-se á boa execução do exercicio com o tiro real (cartuchos de guerra) e viza dar a todos os executantes o sentimento da

segurança. A tropa deve sentir a importancia desses exercicios.

TIROS DE COMBATE DA SECÇÃO DE METRALHADORAS

As finalidades dos tiros de combate A, B, C do grupo e do Pel. são as mesmas para os da Sec. de Mtr. Constituem os tiros do grupo e do Pel. preparação para o emprego das Mtrs. nos exercicios de combate da Cia. e do Btl., combinando os fogos com os das outras armas. Todas as considerações precedentes desenvolvidas sobre a possibilidade da execução dos tiros sem perigo e os beneficios que surgirão daí para a instrução são os mais valiosos. Em vista das mesmas razões expostas no que concerne ás unidades de fuzileiros e volteadores, o numero de tiros de combate da Secção de Mts. é estritamente limitado.

Sendo a Secção de Metralhadoras a unidade de fogo e sua manobra reduzindo-se a uma progressão de posição de tiro em posição de tiro, não dá lugar a casos creados como no combate do grpo.

Por conseguinte, pode-se estudar:

- o tiro diréto da secção: tiro M_1 ;
- o tiro mascarado da secção: tiro M_2 .

Esses dois tiros de combate podem, a titulo de ensinamento, ser executados por cima e pelos intervalos das tropas amigas.

Adido Militar Argentino

Discurso pronunciado pelo chefe da 2.^a Secção, Ten. Cel. Castelo Branco no almoço oferecido pelo Estado Maior do Exercito ao Major Perez de Aquino que partiu definitivamente para seu país.

Srs. Generais, Sr. Major Aquino, meus camaradas:

Por decisão do Sr. General Chefe do E.M., cabe-me a honra de dirigir-vos as despedidas de vossos camaradas brasileiros no momento em que, finda vossa missão, regressais á Patria.

Á vossa satisfação do dever cumprido junta-se a do regresso, pois o amor ao horizonte familiar é o caracteristico da «Patria material» pela qual anseiam, no estrangeiro, mesmo aqueles que estão ungidos da noção abstrata de «Patria espiritual». Dentro de poucas horas, Major Aquino, estareis no «deck» dum transatlantico vendo desfilar a vossos olhos nossa costa, bordada de montanhas ver-

des ou azuladas conforme a incidencia caprichosa da luz forte e crua sobre a massa das aguas profundas. A viagem de vossa imaginação será, no entanto, mais rapida e tereis logo a ante-visão do «rio das aguas de prata», anciando pelo momento em que vosso barco ultrapasse o farol da «Recalada» e comece a navegar no canal balisado que vai terminar no porto de Buenos Aires, surgido de terrenos baixos, transformados e adaptados pela inteligencia e tenacidade de vossos compatriotas na magnifica obra de engenharia que superou largamente, ali, as deficiencias da natureza.

Entrareis então nessa «Cosmopolis» grandiosa que é a cabeça enorme de todo vosso país. Revivereis o espectáculo que tanto agrada á vista do forasteiro e já no centro da cidade, passará, de inicio, diante de vossos olhos, a «Casa Rosada», actual palacio do Governo construido no local da antiga fortaleza levantada por Garay para defender a

cidade que acabava de fundar. Seu estilo discreto e risonho e sua guarda de «Granaderos de San Martin» em seu uniforme evocativo, apresentam quadro digno dum pincel de Castela. Segue-se a Avenida de Mayo, simpática e risonha como a nossa Rio Branco mas com a vantagem de ter, ao fundo, o panorama completado pela imponência e magestade do faustoso palácio do Congresso. Nosso amigo pagará o tributo dos que chegam e fará o circuito do bairro de negocios, balisado por Florida, Rivadavia, 25 de Mayo e Corrientes, vasta colmeia cujo mel é sugado por milhares de abelhas de todas as raças. O percurso continuaria através de ruas modernas, de predios magnificos, muitas das quais com nomes evocativos de batalhas — Chacabuco, Suipacha, Maipú, Florida, Ayacucho que alternam com nomes de guerreiros ilustres — Belgrano, Balcarce, San Martin, Bolivar, etc.

Noto, entretanto, antes mesmo de chegar a Palermo, justo orgulho de Buenos Aires, que a *tournee* feita com o Major Aquino vae-se tornando longa. É que meu espirito, como o daqueles que conhecem a Argentina, se compraz em recordar paisagens e aspectos caracteristicos daquele aprasivel país.

Percorridas algumas milhas de seu roteiro, nosso viajante, já saudoso, volverá a imaginação para a cidade que ficou atraz, á beira da Guanabara, guardada por suas altas sentinelas de granito. Em seu olhar retrospectivo talvez divise ainda o major Aquino a poeira de luz que localisa a cidade e lembre-lhe as guirlandas de fôcos que percorrem as avenidas costeiras e sobem dos vales opulentos para os morros modestos, em sua maioria, e que êle só conheceu através de historias imaginosas de que falam os «sambas» e os *speakers* das estações de radio. Ao pensar na cidade êle ha de lembrar-se da gente que o acolheu e dos amigos que aqui deixou, entre os quais se encontram os camaradas brasileiros.

Dizem que existe entre os officiais de todos os Exercitos, qualquer que seja sua origem, camaradagem suficiente para fazer amigos ao primeiro encontro.

Esta asserção é verdadeira no que possa conter de geral porque, realmente, aqueles que se votam de coração á ardua profissão das armas têm

habitros comuns nascidos da aspiração de aperfeiçoar, em qualquer posto, seus «meios de chefe».

Em torno de tres verbos gira esse problema profissional comum: — *poder, saber e querer*:

- A educação fisica ensina a «poder» suportar as fadigas e as privações da guerra;
- Pela instrução militar se adquire o «saber» sob o ponto de vista técnico, isto é, os conhecimentos necessarios ao desempenho de qualquer tarefa em campanha;
- O «querer» é dado ao soldado pela educação, sob o duplo aspecto intelectual e moral.

A instrução e a educação se penetram porque todo official é simultaneamente instrutor e educador. Enquanto a instrução fornece nossos conhecimentos técnicos, a educação forma o espirito e desenvolve o caráter e, portanto, suas qualidades determinantes a reflexão, o julgamento, a iniciativa, a disciplina, a perseverança e a vontade.

Ha, entretanto, desemelhanças capazes de quebrar essa afinidade reciproca entre obreiros do mesmo officio. Corpos de officiais existem que se caracterisam por uma excessiva arrogancia, falsamente baseada no preconceito de que o official forma casta a parte e está acima do resto dos mortais. São antigos habitros caracteristicos dos Exercitos profissionais em que o civil era despresado por aqueles que se atribuiam o monopolio de pisar o campo de batalha. A guerra era então provocada, sob qualquer pretexto, mesmo sem um ideal a defender.

Hoje em dia qualquer conflito internacional põe em ação todas as forças vivas da Nação armada e ainda as de populações inteiras. A solução do problema não está sómente numa equação de ordem militar porque a industrialização e a democratização da guerra são resultados da vontade e da organização do povo ao qual cabem tambem os louros da vitoria. Nos Exercitos de países novos, como os nossos, a função precipua do Exercito é guardar as riquezas e impedir qualquer atentado á honra e á soberania da Nação mas seus officiais, ao mesmo tempo que desempenham o papel puramente militar — de

preparar a guerra — podem ter sobre seus concidadãos uma ação bemfazeja de ordem social. A educação militar é inseparável da educação nacional e a formação moral do soldado não pôde ser distinta da que caracteriza o bom cidadão.

LIAUTEY, grande condutor de homens, mostrou que o oficial é um maravilhoso agente de ordem social e pôde, mais do que ninguém, exercer sobre seus subordinados uma ação eficaz, pelos motivos seguintes:

- Em contacto imediato com êles, partilha de seus trabalhos e fadigas sem tirar disso o minimo proveito, pois seu ganho não depende, como o dos industriais, do labôr de seus homens;
- Seus interesses reciprocos não são opostos mas semelhantes;
- A autoridade de que está investido repousa na lei; tem uma sanção legal, escapa à toda discussão e a todo compromisso;
- O proprio official está submetido a uma disciplina inflexivel;
- Regulamentos precisos fixam o limite de suas exigencias profissionais. Tudo concorre, portanto, a destacar sua independencia pessoal e o desinteresse de sua ação.

Assim concebida a função construtora e educativa do Exercito, pode-se adotar esta conclusão dum estadista francês: «Se nossos soldados não devam fazer a guerra, as virtudes desenvolvidas pela educação militar — resistencia, honra, disciplina, abnegação, bom humor nas situações criticas, iniciativa, espirito de dever e sacrificio, desprezo emfim da morte, só podem ser grandemente proveitosas aos cidadãos duma nação democratica».

Officiais de Exercitos como o argentino e o brasileiro, estes sim, podem sem restrição sentir, ao primeiro encontro, os melhores efeitos duma afinidade eletiva. É por isso, Major Aquino, que fostes bem recebido por vossos camaradas brasileiros que reconhecem sempre debaixo do uniforme argentino um agente leal de camaradagem, um meio de ligação entre duas corporações que se devem compreender, um traço vivo da união de elementos que em suas respectivas Patrias — ARGENTINA e BRASIL — representam a ordem e a

segurança e impulsionam a educação de seus concidadãos no sentido da mais larga fraternidade americana.

Já se foi o tempo em que o adido militar dedicava toda sua atividade a descobrir si o país junto ao qual estava acreditado adquiria mais um canhão ou construía mais um desvio ferroviario. Os comentadores da campanha de 1914-18 provaram que no decorrer de uma guerra o mecanismo das nações em luta se equilibra muito depressa e que cada inovação dum beligerante é rapidamente seguida pela parada correspondente do adversario.

A observação do adido militar é hoje, portanto, exercida num horisonte mais largo e mais profundo. Ele procura, sobretudo, fazer a psicologia das multidões para ver se o coração do povo abriga os «sentimentos azues» da justiça e do direito ou si nêle se aninham os «sentimentos pardos» oriundos da inveja e da idéia de predominio internacional. Foi assim que naturalmente procedestes, Major Aquino, como official culto e inteligente que sois, e por isso sabeis algo da pureza de nossos sentimentos, como nós conhecemos a elevação de vossos propositos.

Vossa responsabilidade de amigo do BRASIL é ainda maior porque tivestes a ventura de assistir á memoravel visita do Sr. General JUSTO, soldado-presidente da Nação argentina, cujo gesto elegante e significativo de trazer pessoalmente ao BRASIL o testemunho sincero e efusivo de uma amizade tradicional, comoveu profundamente o povo brasileiro que lhe tributou seu respeito e admiração desde a chegada ao RIO até a partida em S. PAULO, espetáculo este que nunca se apagará da memoria dos que — como vós e como eu — o assistiram.

Resta-me agora, presado camarada, apresentar-vos em nome do General Chefé e no de todos nós, os votos que fazemos pela vossa ventura pessoal aos quais unimos nossas homenagens á senhora de Aquino que, com sua graça e vivacidade, auxiliou vossa missão e penhorou os que tiveram o praser de tratá-la.

Brindamos pelo exito de vossa brilhante carreira, pelo Exercito de vosso país, que tudo pôde esperar do valor de seus quadros, e pela nobre nação argentina, irmã diléta da brasileira.

Discurso do Major Alfredo Perez de Aquino

Señores Generales, Señores Jefes, Camaradas:

Por una rara coincidencia concurre una vez más a esta mesa con igual motivo. Caras y corazones amigos la rodean con la familiaridad que es característica en los soldados.

Asisto a una fiesta protocolar de despedida y esa causa podría ser motivo para que ponga una valla a mis palabras; pero un generoso impetu se resiste a aceptarlo para deciros lo que pienso y siento.

**

Han transcurrido dos años de permanencia en estas tierras, que tienen el valor de una vida. Nadie resiste al encanto de esta soberbia naturaleza sin encariñarse, penetrar en las costumbres y hacerse al ambiente. Asistimos podría llamarse transformación psíquica del recién llegado, que al lapso de su desarrollo engendra un nuevo ser que está hermanado a vosotros.

**

Acontecimientos gratos para la vida de nuestros países terminan de celebrarse, concurrendo a ello un vínculo tradicional que el tiempo ni los hombres podrán borrarlo.

El Brasil entero asistió al homenaje, y esta tierra Carioca vistió sus mejores galas para recibir el abrazo que venía de las pampas.

La historia política no habla con frecuencia de estos hechos, como si al exigir su limitación quisiera expresarnos que constituye el patrimonio exclusivo de las colectividades afines.

Las salvas de las Fortalezas saludaron al pabellón argentino a medida que los navíos hacían su entrada a la Bahía, como si al rodearlos le diera su bienvenida con un abrazo.

Hemos asistido al espectáculo de un pueblo que saliendo de su vida normal

se echó a las ruas para asociar en un solo viva a nuestras Patrias; Hermoso espectáculo que muy pocas veces podemos admirar!

Hemos visto también, porque no de cirlo, la emoción sentida y honda de un joven oficial del bizarro Reg. 1.º de Caballería al despedirse del Primer Magistrado Argentino. Las palabras no podrían traducir esos momentos de sincero recogimiento de los que contemplaron esa escena. La presencia de un uniforme tradicional en vuestra Historia parecía hablarnos de sus triunfos y de sus glorias. Era el pasado que descendía desde lo alto para asociarse a las manifestaciones que la idalga generosidad de vuestros patricios prestaron a nuestros representantes, por ser a ellos, a nuestra patria misma.

A de ser, pues, para todos ellos el mejor de mis recuerdos en la hora de la partida, porque no en vano lo afirmáis Señor Teniente Coronel, que la observación de los fenómenos psicológicos de los pueblos y su orientación constituyen una de las bases fundamentales de nuestra misión, no para descubrir el error, sino para encausar la simpatía alejándolos del error.

Con la delicadeza que tenéis por herencia me habláis de la llegada a mi Patria olvidando la fase inicial, es decir la partida.

Diré, pues, de vosotros, en vuestros lares, lo que representáis. Aquí vinculé mi espíritu y también aprendí a amaros.

Hé conocido el valor de vuestras instituciones; las que evidencian una orientación de plausible perfeccionamiento. Ello a no dudar, establecerán mejor vínculo entre nuestros Ejércitos, por que despertaran el deseo de aprender y conocer, y por la misma razón, de crear relaciones que pueden sellarse en amistades duraderas.

**

Hateis hecho referencia mi Señora tocando lo más íntimo de mis sentimientos. Muchas gracias mi Teniente Coronel por

Atos oficiais

C. P. O. R.

O Sr. Ministro solucionando o officio do Diretor do C.P.O.R. da 1.^a R.M., n.º 1.040, de 7 do mês findo, versando sobre contagem de tempo arregimentado aos officiais que servem nos referidos centros, declara, de acôrdo com a informação do E.M., o seguinte:

«Os instrutores dos Centros de Preparação de Officiaes da Reserva não estão enquadrados na doutrina estabelecida pelo Aviso n.º 204, de 23 de Março do corrente anno, não se lhes podendo contar, como arregimentado, o tempo de serviço naqueles Centros». (Aviso n.º 45, de 23-XII-933).

*
**

IDADE DE SEGUNDOS TENENTES EM COMISSÃO PARA ADMISSÃO A CONCURSO ÀS ESCOLAS DO EXERCITO

DECRETO N.º 23.585, de 14 de Dezembro de 1933.

Art. 1.º — Até aos 35 anos de idade, poderão ser inscritos em concurso de admissão ás Escolas do Exercito, os segundos tenentes em comissão, candidatos a obtenção de curso na forma das disposições em vigor.

lo impensado de este homenaje que pone de relieve su fineza.

*
**

Con este concepto del homenaje que realizais, yo me inclino ante vosotros con la reverente devoción que merece el sentimiento de mi gratitud.

He compartido como Aviador vuestras alegrías y vuestras tristezas durante dos años, con la emoción que suscita en el alma el sentimiento de las intimas expansiones.

Hé sido el discreto visitante que siempre encontró las puertas abiertas y una mano amiga.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario. (D.O. de 27-XII-933).

*
**

MUDANÇA DE DENOMINAÇÃO DAS ESCOLAS DO EXERCITO

DECRETO N.º 23.625, de 21 de Novembro de 1933.

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, tendo em vista o decreto n.º 23.126, de 21-VIII-933, estabelecendo novas normas para o ensino no Exercito, resolve:

Art. 1.º — Passarão a denominar-se, a partir de 1.º de Janeiro de 1934, Escola Tecnica do Exercito (E.T.E.) a Escola de Engenharia Militar; Escola de Intendencia do Exercito (E.I.E.) a Escola de Intendencia; Escola de Saude do Exercito (E.S.E.) a Escola de Aplicação de Serviço de Saude; a Escola Veterinaria do Exercito (E.V.E.) a Escola de Aplicação do Serviço Veterinario do Exercito.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em caso contrario.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1933, 112.º da Independencia e 45.º da Republica. — (aa) GETULIO VARGAS — *Augusto Inacio do Espirito Santo Cardoso.*

Así, con ese caudal de simpatia me toca alejarme, sintiendo la emoción tricionera que me acusa.

Gracias, mil gracias, será lo que siempre os diga al recordarlos.

*
**

Brindo por la ventura personel de los presentes, por vuestro ejercito que és exponente de PAZ y grandeza del país, por la noble Nación Brasileira nuestra hermana a quién rindo mi homenaje de admiración.

15-II-934.

A ideologia politica

Por Émile Corra

(Extratos e tradução por J. B. Magalhães)

Em materia *politica* não logrou ainda o espirito positivo predominar e impor-se como acontece com o caso das outras ciencias teóricas e suas respectivas applicações praticas. Nela, o puro empirismo e os processos arbitrarios, têm sido até agora preferidos aos cientificos. Ela permanece, de fato, por isso em estado analogo áquêle em que se achava na época anterior a Bacon, Descartes e Galileu, regendo-se por *opiniões*, doutrinas, *sistemas construidos à priori*.

Isso torna-se evidente nos estados patologicos da sociedade que assumem certa gravidade. Para tratá-los, reúnem-se, então, conferencias nacionais ou mundiais para discutir os processos e recursos de cura do mal que aflige a todos. Procede-se, assim, tal como se fazia em Babilônia, onde era costume trazerem-se os doentes para a praça publica e, sobre seu caso, consultar os transeuntes.

É tanto mais extranhavel essa ogerisa á adoção dos métodos positivos em politica, quanto de fáto é o espirito positivo o arquiteto de todas as sociedades humanas, as quais assentam em fundamentos solidos e são construidas sómente de razões praticas espontaneamente reveladas.

Os primeiros homens obedeceram na construção da sociedade, sem murmurar e sem que nenhum mago ou legista lhes revelasse disso os segredos, apenas *à necessidade e à experiencia*. É por isso que a geroncracia (assembléa ou governo dos velhos), foi a forma primitiva mas espontanea de governo, a qual ainda hoje perdura em certas tribus retardadas. Sobre esta base natural e sólida, puderam soberbas civilizações desenvolver-se e durar milhares de anos na Asia e no Oriente, antigo.

A massa humana é, porém, intelectualmente mediocre e credula. Sente enormemente necessidade de ser dirigida e, a tal ponto, que atribue logo, aos que vêm claro nas situações e sabem livrá-la de certos males que as afligem, *poderes sobre-naturais*. Então, obedece-lhes servilmente.

Esta sua predisposição instintiva fez surgir um contrapeso ao poder diretor dos velhos: os feiticeiros ou magicos, os herois.

Passou, desse modo, o *governo* a ter um caracter *místico*, que, embora modificado no decorrer das diversas eras da evolução social, perdura ainda hoje. No dizer de Frazer «os magicos, são temidos e respeitados e quando

contribuem para o bem publico tornam-se funcionarios publicos. Exercem influencia poderosa sobre o espirito dos homens elevando ou deprimindo a sorte de seus adoradores e súditos. É assim que, através de transformações sucessivas chega-se á instituição da divindade dos reis, a qual, a seu turno, cede o passo á doutrina mais modesta que os faz apenas reinar por direito divino (1).

De fáto, os Faraós, deuses vivos; os imperadores da China e do Japão, filhos do Céu ou do Sol; os reis do ocidente, instituidos por Deus, nada mais são que sobrevivencias dos feiticeiros, magicos e curandeiros das sociedades mais barbaras. No século XVIII ainda havia curandeiros de prestigio reconhecido.

O *mito* da divindade dos reis, já fortemente abalado com a execução de Carlos I da Inglaterra, caiu definitivamente com a cabeça de Luiz XVI, de França, em 21 de Janeiro de 1793. Mas êsse *mito politico* perdura, transformado, de direito divino em *soberania do povo*, tão falsa em principio quanto a primeira, e muito mais perigosa na realidade.

Com a mística teoria do direito divino, uma vez instituidos, os governos ficavam estaveis, podendo os administradores da sociedade dispor de tempo para adquirir os conhecimentos e a experiencia das necessidades da sociedade; ao passo que isso não se dá com a *mística soberania do povo*.

O *desequilíbrio, a instabilidade, caracteriza os regimes democraticos*. É uma resultante immediata do recrutamento dos homens politicos por meio da eleição, que submete os *superiores* ao julgamento dos *inferiores*, de uma opinião publica heterogenea, constituida de uma multidão de facções que impõem a seus eleitos soluções politicas diferentes para as mesmas questões que interessam a todos. É isso que levava certamente Gambeta a comparar a Camara de Deputados a um espelho quebrado que não refletia a imagem do país mas sua caricatura.

A politica democratica é uma teia de mexericos e intrigas de campanario; politica de burgo podre ou de focos revolucionarios, e dá logar a que Clovis Hugues observe ser «a *função do Deputado incompativel com a do Legislador*».

Nos países democratizados, o governo torna-se ainda instavel, por que emana e depende

(1) - O homem-Deus.

de coligações de correntes partidárias mais ou menos importantes, isto é, fica sujeito a *sistemas à priori*, o que nunca se coaduna com as necessidades reais.

Cêdo ou tarde, portanto, sendo honesto, o homem político vê-se levado a contrariar seus eleitores uma vez que se lhe vão impondo os interesses gerais. É, então, acusado de traidor e é derrubado.

Homens experimentados e doutrinários mais ou menos sinceros, jamais duram no poder o tempo necessário para conhecer e aperfeiçoar-se na função de governar e para poderem elevar-se acima dos interesses particularistas e dos partidos sempre hipnotizados por seus egoísmos ou quiméras.

Além disso, a usurpação de poderes, a confusão dos poderes legislativo e executivo, às vezes mesmo também do judiciário; o enfraquecimento da autoridade central; a anarquia, a demagogia e por fim a ditadura, são as consequências lógicas da obstinação democrática servilmente respeitada e obedecida. Um *governo robusto* é de tal modo necessário à boa saúde das sociedades que os povos suportam uma autoridade pessoal, brutal, mesmo terrorista, com mais calma e resignação que uma direção frouxa.

*
**

Observe-se, porém, que as ditaduras surgidas das democracias em decomposição, apresentam um carácter anormal que é originário de sua fonte: — elas são, do mesmo modo que as democracias, demagógicas e místicas.

A deformação de espírito causada pelo desenvolvimento do poder que adquirimos para modificar as cousas, o mito da soberania política dos homens e o delírio legislativo daí resultantes, têm perturbado a tal ponto a razão na sociedade moderna que se crê na onipotência humana em relação aos fenómenos sociais e que é possível, a bel prazer, transformar o mecanismo dos organismos coletivos e sujeitá-lo a novos planos, traçados *à priori*. Assinala a esse respeito A. Comte que «muitos espíritos participam ainda do grande erro dos filósofos e dos legisladores da antiguidade que pretendiam sujeitar a marcha da civilização a suas concepções sistemáticas, em vez de a ela subordinarem seus projetos».

Isso explica também porque assistimos a estas tentativas intrépidas para regenerar os governos debeis, substituindo-os pelo «*bom tirano*» na

mesma ordem de idéas que absorvia já o espírito dos publicistas do século XVIII que pretendiam reconstruir a família, a propriedade, a linguagem mimica, oral e escrita, a moral teórica e prática, a religião, a natureza humana, a pátria e a humanidade. E porque não o sistema solar ou, ao menos corrigir a inclinação do eixo de rotação da Terra sobre a órbita, tornando-a mais confortável á habitação do homem?

Tal é, sem duvida alguma, a mentalidade dominante nas diversas revoluções havidas desde o começo do século XX: o Kuomintang na China, o bolshevismo na Rússia, Kemalismo na Turquia, o fascismo na Itália, o hitlerismo na Alemanha.

Certo, este tratamento ortopédico convem a algumas sociedades doentes, vítimas de acidentes, ou mal conformadas de nascença, por isso que elas se resignam e o suportam. Não é, porém, desejável generalizá-lo nem, aliás devemos temer que isso aconteça porque seu efeito seria fazer a sociedade retrogradar e decompor-se em muitas outras, todas dessimilhanes como se deu na Grécia antiga.

Tudo é bem velho, já dizia Aristoteles. Todas estas pretendidas novidades políticas nada mais são, no fundo, que verdadeiras exumações de cousas que a humanidade já repudiou. Isto de tal modo é verdadeiro que nos leva a crer que em sociologia, como em química «nada se perde, nada se crea».

Não é pela *restauração do passado* que se melhorará o estado social atual de um modo durável. A ditadura, a tirania, a monarquia absoluta, são estados peremidos em consequência de vícios que renascerão infalivelmente com a restauração e os quais a sociedade moderna suportaria muito menos que a antiga.

Apezar de todas suas imperfeições a democracia tem prestado aos povos o grande serviço de arrancá-los da situação de servos para formá-los de cidadãos, tornando-os responsáveis pela própria sorte, interessando os diretamente nos negócios públicos, — dando-lhes liberdade e tornando leiga a política.

Não será, portanto, mergulhando-os novamente no mutismo e na servidão, tornando-os indiferentes ao poder, retrogradando-os, que melhor se assegurará a ordem para obter uma mais harmoniosa marcha do progresso.

Os erros da mística democrática, como de seus antecessores, os abusos que provoca, devem ser corrigidos e eliminados, é incontestável, mas por processos sem violência, sem revoluções os quais são apontados como crimes do

regime democratico enquanto que a democracia tem justamente a vantagem de tornar evitaveis tais recursos.

Para isso haveria de contribuir certamente a adoção de medidas tais como: limitação da idade minima para ser eleitor a 25 anos e do direito de elegibilidade aos maiores de 30 anos; o renovamento parcial das assembléas legislativas; não deixar aos membros dessas assembléas a *iniciativa das leis* e dos orçamentos, reduzindo suas atribuições ao puro controle dos atos do governo, atravez do exame das questões das finanças publicas; reprimir a licenciosidade no falar e no escrever, pela imposição da necessidade da prova das acusações contra os funcionarios publicos.

O aumento do eleitorado, sobretudo pelo direito eleitoral dado ás mulheres, não é de molde a corrigir os defeitos da democracia. Tende, ao contrario, a agravá-los. As mulheres são mais numerosas que os homens, mais sentimentais e menos realistas que eles no ponto de vista social, e é essa uma das causas por que nos países em que se fizeram eleitoras, crescendo o volume da massa votante, as cousas, em vez de melhorar têm piorado.

A maior necessidade das sociedades modernas é sobretudo a de que um *espírito verdadeiramente positivo*, nelas predomine. Precisam, em suma, que governantes e governados tenham mais *bom senso* que *ideologia*, para que ás soluções de seus *problemas* resultem da observação atenta das realidades de sua existencia, unica base estavel de um regime democratico.

Não é facil satisfazer esta condição.

Não cessam de surgir novas *ideologias* e neste momento mesmo vemos aparecer os que pretendem regular o curso dos fenomenos economicos, subtraindo-os á *razão pratica* para, inspirados por teorias nominalmente científicas, querer sujeitá-los ás conclusões de uma *razão puramente dedutiva*.

Fez-se o atual Roosevelt, grande improvisador e campeão de um «Trust de inteligencia» constituido de professores de *economia politica*, ou melhor de *professores de plutocracia*, cujas vistas não abarcam mais qué os *interesses materiais*, e estes mesmos, restritos aos dos *produtores*. São os prosselitos de uma *economia dirigida*, a qual Flandin, antigo Ministro das Finanças, em França, chamou de *teologia desordenada*, por que as conclusões contraditoriais a que têm chegado os que pregam os novos credos economicos, lançam uns contra os outros, neutralizam-os e os expõem ao ridiculo universal.

A intervenção dos *sociólogos*, a titulo de *conselheiros técnicos* dos governos, é, na situação atual da sociedade, injustificavel. O exemplo de A. Comte, fundador da sociologia, querendo intervir por seus conselhos na direção pratica da sociedade, não deve ser desprezado. As applicações concretas da sociologia imaginadas por ele, prejudicaram evidentemente o proprio resultado que procurava atingir, não obstante não cessar o grande filosofo de pugnar pela destinação entre o poder *espiritual* e o *temporal*.

É que a *Politica é uma arte* derivada da sociologia que é uma ciencia abstrata que paira muito acima das contingencias proprias a cada momento, não obstante uma mulher de espirito dizer, no século XVIII: «o que me desgosta na historia é pensar que, a seu turno, o que eu vejo será historia um dia». A *sociologia* só interessam os fenomenos correspondentes a grandes periodos de evolução, relativos a todo genero humano. Suas leis são validas para toda humanidade e devem servir a todos que aspiram governar seja temporal seja espiritualmente. Não podem, porém, com bons resultados ser applicadas á letra, sem causar sérias desilusões, a *casos urgentes* e de *caracter especial*.

Em tal situação é-se forçado a apelar para recursos empiricos judiciosamente escolhidos e tanto mais quanto a politica se complica sem cessar.

Após Luís XI, com o surto dos governos ministeriais, depois continuamente desenvolvidos, a solução *esclarecida* do conjunto de problemas que correspondem á politica, ultrapassa *qualquer capacidade individual*. As sociedades só podem ser governadas de modo conveniente por *oligarquias controladas*, formadas de homens experientes, assistidos, na *preparação das leis gerais*, por um Conselho de Estado, e na preparação de *leis particulares*, por conselhos técnicos correspondentes aos diversos assuntos especiais. Mas atendendo a essas condições da vida moderna, é preciso fugir ás *ideologias*.

O bom senso aconselha que o Governo só se deixe influenciar por uma idéa preconcebida: o *interesse geral*. Por isso mesmo deve preocupar-se, antes de mais nada em manter a harmonia social e não ter preferencia por panacéas politicas como os *radicalismos*, os *socialismos*, *comunismos* e outras em que se confundem fenomenos de ordem objetiva e subjetiva. É aliás, assim que em politica têm pensado os grandes filosofos e agido os grandes condutores de homens.

Basta para evidenciar isso, recordar os conselhos, ou principios que nos legaram, prin-

ípios que correspondem á verdadeiros teoremas sociológicos, como a titulo de exemplo enumeramos a seguir, sem comentarios perfeitamente dispensaveis.

**

Confucio:

«O principe é o pae e a mãe do povo»: deve agir com a firmeza do pae e a ternura da mãe.

«São as virtudes, as qualidades reunidas dos ministros, que fazem a grandeza do Estado». Um principe deve escolher seus ministros conforme seu proprio modo de sentir, sempre inspirado pelo bem publico.

É preciso que se submeta a grande regra do dever para que o bem publico o inspire. Esta lei do dever surge do amor por todos os homens».

India — Leis de Manú:

«Agir com correcção e jamais com perfidia».

«Não oprimir inconsideradamente os governados».

«Proteger seus suditos com devotamento e zêlo, mesmo contra seus proprios intendentes que são geralmente prevaricadores e se apropriam facilmente do bem alheio».

«Decretar os impostos de tal modo que todos o julguem vantajoso».

Babilonia — Leis de Hamurabi — Rei, ano 2000 A. C. — Prologo:

«... então El e Bel chamaram-me por meu nome e de insigne principe, temente aos deuses, destinado a promover o bem dos homens, a fazer prevalecer o direito no país, a exterminar os corrompidos e os maus, a impedir que o poderoso oprima o fraco, a ser visto pelos homens como o sol que ilumina a nação».

Egito — Instruções de Faraó a um Vizir:

«Vêde:— ser Vizir não é ser doce, é ser firme, como seu nome indica; é constituir um muro de bronze ao redor do ouro da casa de seu senhor.

Vêde:— não deve haver idéa preconcebida... nem fazer escravo quem quer que seja.

Vêde:— quer uma queixa venha do alto ou baixo Egito, cabe-te fazer com que o direito de todos seja respeitado.

Vêde:— um funcionario deve viver ás claras e de cabeça erguida. A agua e o vento propagam tudo que ele diz, nada fica oculto do que ele faz.

Vêde:— é seguro para ele agir conforme a lei atendendo a todos os que se queixam. Ninguém deve poder dizer: negaram-me o meu direito.

... *Deus ama que se faça justiça e detesta que se favoreça mais a uns que a outros.* Essa é a doutrina. Age em sua conformidade. Olha aquele que conheces como olhas o que é teu desconhecido; aquele que está perto de ti do mesmo modo que o que está longe».

Aristoteles — A politica:

«O bem é o fim de todas as ciencias e artes, mas é, a mais elevada das ciencias, a Politica, onde se encontra o maior dos bens: — a justiça, isto é, a utilidade geral».

«A autoridade e a obediencia além de necessarias são uteis».

«Uma cidade não existiria sem chefe».

«Qualquer que seja sua forma, o fim do governo é o bem publico».

«A autoridade existe pelo interesse dos que obedecem e não dos que mandam».

«As leis devem ser modificadas de acôrdo com as necessidades novas, mas é preciso ser prudente na reforma».

«Tudo que é natural é eterno».

«Os costumes são leis mais importantes que as leis escritas».

«A juventude é pouco propria ao estudo da politica porque lhe falta experiencia das cousas da vida que é justamente do que esta ciencia se occupa».

«Não é a politica que faz os homens ela os emprega tal qual a natureza lhós dá».

«Alguns legisladores pensam que as revoluções surgem principalmente em consequencia da desigualdade da propriedade, mas é preciso considerar tambem a desigualdade de honrarias». «Os maiores crimes vêm da procura do superfluo e não da do necessario». «A perversidade do homem é tal que seus desejos são insaciaveis». «É o equilibrio das paixões que é necessario obter-se, e isto só pode ser conseguido pela educação».

«A maioria dos tiranos tem vindo da classe dos demagogos que conquistam a confiança do povo á força de caluniar os homens poderosos».

Roma — *Salus populi suprema lex esto cedant arma togae. Pacis imponere morem. Quid leges sine moribus».*

Tacito — «Em tempo de revolução o difícil não é cumprir o dever, é saber em que ele consiste».

Cícero — «Os senadores devem ser sem mancha e servir de modelo às outras classes».

— O Senado era constituído de homens experimentados que haviam sido ditadores, censores, consules, pretores, édís, tribunos e questores.

Leon Gautier — Código da Cavalaria.

III — Respeitarás os fracos e deles serás o defensor.

IV — Amarás o país em que nasceste.

V — Não recuarás em face do inimigo...

X — Serás o campeão do direito, e do bem contra a injustiça e o mal.

Chanceler Bacon — «Não é necessario dar azas ao entendimento mas atar-lhe um peso, chumbo para que a imaginação não vôle».

«É preciso considerar os fatos em si mesmos, familiarizar-se com as cousas tal qual são, substituir a dealética pela observação, a dedução pela indução».

«A experiencia, é o melhor de todos os métodos».

«Para dominar a natureza é preciso submeter-se a ela».

Descartes — «Só aceitar como verdadeiro aquilo de que não se tem razão alguma para duvidar».

«A pluralidade de votos não é um atestado de veracidade, porque é bem mais facil que um só homem veja a verdade que todo um povo».

Richelieu — «Um principe capaz é um grande bem para o estado; tambem o é um Conselho habil; mas de ambos depende a felicidade do Estado, pelo que o entendimento entre eles torna-se um beneficio inestimavel».

«É a cabeça, e não os braços, quem governa e conduz os Estados». Isto requer capacidade, fidelidade, coragem e applicação que encerram em si muitas outras qualidades».

«A capacidade dos conselheiros requer sómente firmeza e bondade de espirito, julgamento sólido, prudencia, noções de letras, porém, meditadas, conhecimento geral da historia e da situação actual de todos os estados do mundo, principalmente daquele em que se está».

«O interesse publico deve ser o unico de quem governa; si isto não é possivel, no minimo deve preponderar sobre os particulares.

É impossivel calcular o bem que resulta da applicação deste principio como a ninguem é dado imaginar o mal consequente para o Estado, quando os interesses particulares preponderam sobre o publico.

Isto é uma verdade tão clara que jamais os conselheiros de um principe insistirão demasiado para que a observe; nem o principe castigará com bastante severidade os de seu conselho que sejam suficientemente miseraveis para despresá-la».

Em materia de crime de Estado é preciso não ter piedade e saber desprezar o que diz a populaça a qual em geral, blasfema contra o que lhe é util e necessario».

«No Governo de um Estado, é preciso escutar muito e falar pouco».

Richelieu tinha aversão áqueles «cujo espirito se volatiliza em discursos».

Bossuet — e a Escritura:

«O interesse mesmo nos une».

«A sociedade humana necessita que se ame a terra em que se vive, olhando-a como uma mãe comum».

«Não ha peor estado que o da anarquia, isto é, aquele onde não ha governo, nem autoridade».

«Perde-se o respeito das leis quando se as vêem mudar frequentemente».

«Mesmo que a historia fosse inutil aos outros homens era necessario ensiná-la aos principes. É o melhor modo de lhes mostrar o que podem as paixões e os interesses, os tempos e as circunstancias, os bons e os maus conselhos».

Montesquieu — O espirito das leis:

«É preciso cuidar que as leis não se choquem contra a natureza das cousas».

«Ensina a experiencia eterna que todo o homem tende a abusar do poder que tem em mãos. Para que isso não se dê é preciso dispor as cousas de modo que o poder contenha o poder».

«Todos os regimes perecem pelo abuso dos principios que lhe deram nascimento».

«As leis não devem ser sutis por que são feitas para gente mediocre; elas não são um tratado de lógica, mas simples regras de um pae de familia».

Frederico, o Grande — «Si eu quizesse punir uma provincia dar-lhe-ia como governador um filósofo».

Furgot — «Foi a fraqueza que levou ao cêpo a cabeça de Carlos I; foi ela quem tornou cruel a Carlos VII; foi ela quem fez a Liga sob Enrique III, quem transformou Luiz XIII e hoje o rei de Portugal, em escravos coroados; ela é responsável por todas as desgraças do ultimo reino».

David Hume — «Todos os governos, desde o mais despótico e militar até o mais popular e liberal, assentam na opinião publica».

Voltaire — «Quando os homens se reúnem suas orelhas se alongam».

Condorcet — «É singular que os homens julguem impertinente pretender saber fisica, astronomia, etc., sem haver estudado tais ciencias, ao passo que supõem possível saber a ciencia politica e ter uma opinião fixa e decisiva sobre seus principios mais abstractos, sem se darem ao trabalho de refletir e de fazer um estudo especial».

Felix de Wimpfen — «O melhor dos sistemas é o que apresenta o minimo de inconvenientes».

Danton — «Só ha governos provisórios».

Thiers — «Pode-se fundar um regime com as baionetas, mas sobre elas ele não pode assentar-se».

Gambeta — «O progresso é apenas o desenvolvimento da ordem».

Waldeck Rousseau — «A politica não é um fim, nem subretudo uma carreira. É um serviço publico. Só deve nela permanecer quem é util».

Teodoro Roosevelt — «São as velhas, as velhas e banais virtudes, que fazem a prosperidade social e politica».

Clemenceau — «Eu faço a guerra. Perguntam-me quais são meus fins de guerra? A victoria!»

Pierre Laffite — «Em historia é preciso nunca se enganar com a data, isto é, attribuir á uma época mentalidade de outra».

«Uma assembléa parlamentar é tão incapaz de governar como de fazer uma obra de arte».

Gustaw Le Bon — «Napoleão afirmava em Santa Helena que se houvesse uma monarquia de granito, as ideologias dos teóricos seriam suficientes para reduzi-la a pó».

«Da escolha de um idéal depende a grandeza ou a decadencia de um povo».

Vimos de resumir as mais essenciais regras de governo que têm beneficiado os povos. São frutos da sabedoria e da experiencia, verdades permanentes, independentes da versatilidade dos homens. Podem os homens de estado segui-las com confiança porque não emanam de nenhum sistema particular.

Mas a evolução cria situações novas. Está na inteligencia e viveza de espirito dos governantes saber ver claro e compreender o momento.

Hoje as sociedades modernas fraternizam tanto quanto rivalizam. São de tal modo solidarias e dependentes que formam, em conjunto, um imenso organismo. Elas são nacionais com relatividade. Qualquer perturbação sobrevida a uma delas se reflete em todas as outras.

O comparecimento de 67 nações á Conferencia Economica de Londres evidencia quanto é dominante, nos tempos presentes, a vida internacional, conforme aí assinalaram a Rei da Inglaterra e seu Primeiro Ministro.

Todos os bons espiritos, qualquer que seja sua nação ou civilização, reconhecem a existencia de uma corrente irresistivel que arrasta a humanidade para novos destinos.

Rabindnanath Tayore, entre outros, o proclama em seu livro sobre a *religião do homem*.

«As raças humanas, diz ele, jamais poderão voltar a seu fechado e ativo exclusivismo. Elas são hoje intelectual e fisicamente visiveis, umas as outras. As couraças com que se isolavam estão quebradas e nenhum processo artificial é capaz de as recompor. Assim devemos aceitar o fato consumado, si bem que não tenhamos ainda a ele adaptado nosso espirito e possamos correr os riscos impostos pela expressão mais vasta da liberdade da vida».

Justiça militar

Ceux-là seuls pourront siéger dans les juridictions militaires qui participent, dans une mesure quelconque, à l'exercice de l'action disciplinaire.

M. Flandin

(Rel. apresentado ao Senado Francês em 30-XI-911.)

Secção de Artilharia

Disfarce e organizações das posições de bias.

Conferencia feita pelo **Coronel Homo**, da M. M. F.
Director de Estudos da E. A. em 1933

Tradução pelo **Cap. O. Dénys**

— Engaja-se uma tropa afim de cumprir missão precisa.
— A artilharia não foje a esta regra.
— Ao cumprir determinada missão, ela se imobilisa e, uma vez imobilizada, não pode, com a facilidade das outras armas escapar pelo movimento, aos efeitos do fogo inimigo. Si bem que em posição seja a artilharia menos vulnerável que em marcha impõe-se que, não seja ela *destruída* nem *neutralizada*, para que possa estar em condições de cumprir sua missão.

— Ela deve então escapar ao tiro inimigo:

— seja de posições desconhecidas pelo inimigo;

— seja de posições organisadas que permitam o tiro mesmo sob o fogo inimigo.

— A primeira hipótese é seguramente a mais favorável e no espirito do chefe de artilharia a principal preocupação é: **NAO SER REFERIDA, AFIM DE PODER CUMPRIR COM SEGURANÇA SUA MISSÃO.** Assim encontramos, pela logica esta «idéa geral» posta em evidencia em todos os regulamentos: — a necessidade de não revelar o «dispositivo» afim de lhe permitir a maxima eficacia no momento azado.

— Mas, não é sempre possível esperar escapar aos órgãos de busca inimigos. Daí a necessidade de, em todas as circunstancias, organizar as posições de artilharia.

— Si bem que, afóra as condições técnicas correspondentes a determinadas missões, deve uma posição apresentar tanto quanto possível:

— possibilidade natural de ser disfarçada, prejudicando a referencia adversaria;

— possibilidade duma organização material igualmente disfarçável.

— Vamos examinar sucessivamente:

— o disfarce ou dissimulação das posições;

— a organização material dessas posições.

I — DISFARCE OU DISSIMULAÇÃO DAS POSIÇÕES DE BIAS.

— Dissemos que o Chefe de artilharia deve ter sempre o cuidado de manter o inimigo no desconhecimento das nossas posições. E isto se consegue sempre? Não: — Embora se deseje, vai depender, no entanto, dos diferentes casos.

— Doutro lado, o que teremos a fazer não poderá ser realizado ao mesmo tempo; somos assim, forçados á *ordem de urgencia*, igualmente variavel para cada caso, como veremos adiante.

— Para bem perceber o fim a atingir, é preciso saber exatamente a que órgãos inimigos devemos temer e o modo pelo qual trabalham esses órgãos.

— Trata-se de *observadores terrestres e aereos*.

— Escapar-se aos *observadores terrestres* é bastante facil se forem obedecidas as prescrições disciplinares durante o reconhecimento e a ocupação:

— ninguém nas cristas, ultrapassadas somente pelo olhar do capitão;

— escolha de andaduras para evitar poeira;

— procura de desenfiamientos máximos para evitar clarões e poeira dos disparos.

— Bem mais difficil é o escapar-se aos *observadores aereos* que podem agir pela vista ou com o recurso da foto. É preciso reforçar a disciplina e precaução no reconhecimento e ocupação, utilizando as cobertas possíveis para dissimular a aproximação da bia, e imobilização sistematica de todo elemento a descoberto das vistas de aviões inimigos.

— Então, em resumo, a discreção maxima no reconhecimento, na aproximação e na ocupação, constitue a defesa contra as pesquisas dos observadores terrestres e em avião (trabalhando á vista).

— Trata-se já, de uma verdadeira manifestação de disfarce. Manifestação indispensavel principalmente porque os

movimentos de entrada e saída de posição, constituem momentos críticos para a artilharia. Basta assistir a uma dessas manobras para avaliar o risco de destruição que paira sobre uma artilharia que não observa o máximo de *discreção* compatível com as obrigações impostas a cada caso.

— Si esta discreção é suficiente para o caso anterior, talvez não o seja para o caso do observador com auxílio da *foto*. O resultado de um reconhecimento fotografico é a apresentação de um documento estudavel periodicamente, permitindo a exploração absoluta ou relativa. A comparação de fotos de uma região, tiradas em diversos dias e horas, permitirá interpretações seguras sobre a razão da mudança de aspeto duma região: — a presença de posições de bias, etc.

— Esta particularidade nos leva a concluir que um disfarce não terá razão de ser, si modificar o aspeto da região visto pelo avião. Diremos ainda que será mais prejudicial que útil.

— Caberá nesse caso, á nossa aviação verificar de inicio o trabalho de disfarce das nossas posições.

— Examinemos as possibilidades de disfarce nos dois casos:

- marcha de aproximação e combate;
- reforço a uma frente (ofensiva e defensiva).

A — MARCHA DE APROXIMAÇÃO E COMBATE

— Sabemos que nesse caso de constantes deslocamentos, a escolha das posições é quasi sempre imposta pela localização dos P.O.

— Nessas condições, não será sempre possível aliar na escolha da posição, as necessidades de disfarce. Contudo, um Cap. ou um Cmt. de G. deve sempre decidir: entre duas posições, escolher a mais facilmente disfarçavel, ou pelo menos saber como disfarçar tal posição.

Em todos os casos, convirá explorar a fundo as coberturas naturais:

- macega;
- arvoredos;
- jardins;
- orlas de estradas ou trilhos;
- linha de mudança de culturas;
- bosque de vegetação pouco densa (preferir a orla posterior, limpando o campo de tiro).

B — REFORÇO A UMA FRENTE

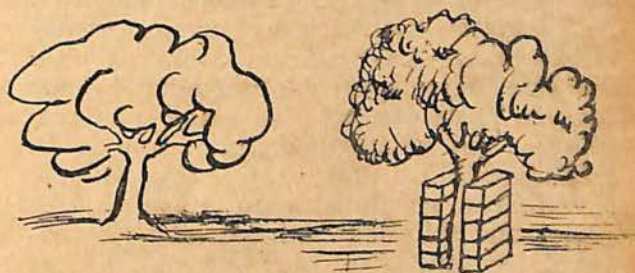
a) — ofensiva.

— Para a ofensiva, a artilharia se coloca o mais avançado que permita a segurança, de modo a ter que se deslocar o mais tarde possível. Esta consideração tatica nos impede frequentemente de ocupar posições dissimuladas naturalmente ás vistas adversarias ou facilmente disfarçaveis.

— O ataque, porém, não é uma improvisação. Dispostemos então, antes dele ser feito, de um tempo variavel com as circunstancias, tempo que é preciso aproveitar para disfarçar as posições reconhecidas, antes de as ocupar.

— As peças poderão chegar ás posições quasi no ultimo instante.

— As munições, constituindo peso consideravel, deverão ser levadas com antecedencia, depositando-as seja na propria posição, seja nas proximidades, convenientemente dissimuladas, para o que se aproveitam as dobras do terreno e as coberturas.



Cunhetes junto ao tronco duma arvore.

— Si, por qualquer motivo for impossível cuidar do disfarce das bias, não haverá grande inconveniencia si o ataque tiver sucesso. Quando as peças se revelarem, a simultaneidade dificultará ao inimigo saber onde *vigiar, observar ou onde atirar*. Como, teoricamente, o atacante deve ter sabido conseguir a superioridade do fogo, condição primordial de sucesso, pode-se dizer que em tal caso uma artilharia referida não corre grande risco. As bias inimigas em condições de atirar, naturalmente concentrarão seus tiros sobre o objetivo mais importante: — a infantaria atacante. A infantaria avançará e o inimigo terá que recuar suas bias, si não quizer que elas sejam aprisionadas. O atacante por sua vez avançará com suas bias, por escalões, começando pelas mais afastadas e assim a seguir recae-se nos combates de movimento.

— Si o ataque fracassar (superioridade de fogo não conseguida, manobra da defeza mais habil que a do ataque, etc.), a artilharia inimiga poderá com mais liberdade atender a outros objetivos. Mas, ela só pensará na artilharia atacante, dentro do permitido pela sua disponibilidade em munição: — Ela desconhece o dia da repetição do ataque, quando deverá ter íntata a sua dotação de munição.

Nesse caso ainda, a artilharia, no seu conjunto não corre perigo sistematico, mas, é preciso aceitar a possibilidade de algumas bias. virem a sofrer. É a característica do revez... e *serão evidentemente as bias. não disfarçadas que penarão!*

— Si o ataque fracassou e o comando não insiste: — o dispositivo se modificará rapidamente para um desdobramento defensivo.

— De qualquer modo, as recomendações apresentadas para o caso precedente valem para este. Ajuntemos que a entrada em posição dos materiais deve-se fazer na ordem inversa da facilidade de disfarce: primeiro as bias. por natureza bem disfarçadas, depois as cujo disfarce seja menos apreciável e por fim, na noite anterior ao ataque, as restantes (vide relatório da manobra de B. HORIZONTE, 1931 (pag. 141), onde se encontra o escalonamento, durante tres noites na colocação em posição do material, segundo as possibilidades locais de disfarce).

b) — defensiva.

— O tempo nos pertence, em geral; mas, igualmente pertence ao inimigo, senhor de sua decisão.

— Infelizes as bias. da defeza, cuja falta de disfarce ou com *disfarce mal feito*, que tenham sido referidas (assinalladas).

— É preciso aproveitar o tempo disponível para preparar o disfarce com antecedência, com todo o cuidado e pre-

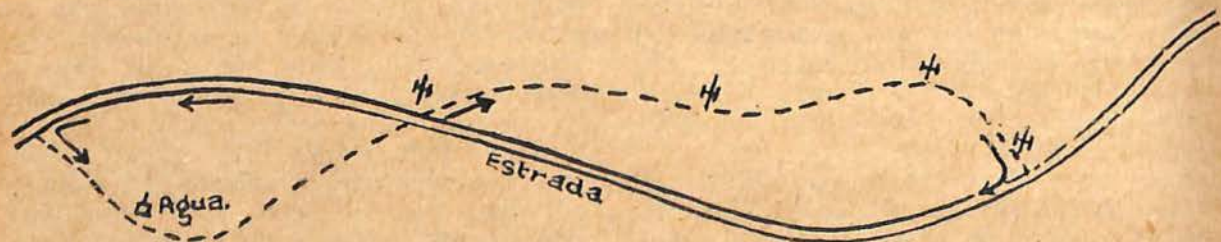
do terreno, dando a maxima atenção ás cobertas e disfarces naturais.

— Si for o caso do disfarce artificial, é preciso ter o cuidado de não *fazer* manchas, para o que se consulta a aviação e se seguem suas indicações.

— O disfarce artificial pode cobrir o conjunto duma bia. ou comportar 4 elementos cobrindo as peças. Todas as vezes que for possível, preferir a primeira solução pois caso o inimigo venha a perceber uma grande mancha sobre a *foto*, ficará na duvida de se tratar de uma bia., o que não se dará sobre um conjunto de quatro manchas, principalmente quando alinhadas e com intervalos regulares...

— Surge assim, na defensiva, a regra geral e imperiosa, que a simetria na disposição das peças é um indicio importante para facilitar a interpretação das fotos. Abandonar brutalmente a regularidade: — ausencia de alinhamento e de intervalos regulares, aproveitando os detalhes do terreno e escalonando largamente as peças num dispositivo que chamaremos de *tocaia*. Assim a interpretação se tornará mais difficil, e caso seja referida uma bia. assim disposta, a superficie a bater para a neutralização conduzirá a um consumo de munição inadmissivel.

— Emfim, encontram-se nas fotos detalhes que permitem identificar quasi infalivelmente as bias.: são as *pistas* (pistas novas e pistas alargadas). Deve-se evitar faze-las e para isso o melhor meio é de se colocar ao longo dos caminhos e estradas existentes. Uma severa disciplina impedirá a criação de pistas novas. Ou se limitará lateralmente as pistas já traçadas, ou se as prolongará até unir a outras. Uma pista não deve parar nunca num ponto occupado, e a circulação deve ser feita em circuitos. Sempre que possível, utilizar arame liso para guia das pistas afim de evitar o alargamento (um fio em estacas de 1 M. de altura).



cauções aereas desejadas. Deve-se ser intransigente em não mudar o aspeto

— Sabemos que na defensiva a artilharia tem posições para peças seções

ou bias. *nomades* e também posições de substituição. Todas essas posições, completadas por falsas bias, fazem ainda parte do disfarce, mas é indispensável tratar do disfarce do conjunto, destinado a deixar o inimigo no desconhecimento do nosso desdobramento, condição primordial, como dissemos, da possibilidade de eficaz apoio de fogos na hora do combate defensivo propriamente dito.

— Ha um outro processo de investigação sobre o qual ainda não falamos: o da *referencia pelo som*, processo que somente a presença de numerosas bias, atirando simultaneamente sobre uma frente prolongada, ou circunstancias atmosfericas desfavoraveis, podem perturbar seu resultado.

— É por isso principalmente que não devem as bias, atirar de suas posições definitivas sinão por ocasião do combate defensivo.

— Falamos atraz sobre a necessidade de dispor as peças irregularmente sobre o terreno. Isso torna mais difficil a manobra com o feixe: complica o trabalho dos capitães que devem calcular para cada peça, em cada direção e distancia, a correção de convergencia para acompanhar a p.d. Pode parecer delicado a estabelecer, mas o fato é que o tiro nunca está livre dos erros de calculos do oficial.

— O processo seguinte permite ao Cap. determinar rapidamente e sem calculos fastidiosos os quadros de correção de convergencia para os chefes de peças. Permite mesmo, prescindir desses quadros, desde que o Cap. envie a cada peça a soma do angulo de transporte e do angulo de convergencia.

Trata-se de um abaco, de construção facil, desde que o Cap. tenha na sua sacola um duplo decimetro, um compasso e papel em branco (quadriculado, preferível em milímetros).

Sejam então 2 peças (vide figura): P_1 (guia) e P_2 , em vigilancia ambas na direção V, não estando a base PIP_2 perpendicular á direção V.

Seja O um objetivo situado a uma distancia D de P_1 , e 100 P á direita da direção V.

Si P_2 se deslocar 100 P para a direita, será preciso para ter a convergencia com P_1 em O fazer uma correção igual ao angulo $PIOP_2$, cujo valor se quer saber, para todas as peças, em todas as direções e em todas as distancias.

Dado o valor muito pequeno da relação $\frac{(P_1 P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Ms.}}$ esta paralaxe é praticamente igual á $\frac{(P_1 . P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Km.}}$

O ponto O apresenta ainda a propriedade de ter esta paralaxe com todos os pontos do segmento capaz desse angulo.

Construamos o segmento capaz.

Baseado sempre no valor muito fraco da relação $\frac{(P_1 . P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Ms.}}$ a circunferencia de diametro $P_1 O$ diferirá muito pouco da circunferencia cujo segmento capaz é um elemento.

Faremos assim um erro sem consequencia para nosso tiro, construindo essa circunferencia de diametro $P_1 O$ e admitindo que todos seus pontos do lado do tiro vêm $P_1 P_2$ sob o mesmo angulo

igual á $\frac{(P_1 P_2) \text{ Ms}}{(D) \text{ Km.}}$

Isso implica em considerar P_2 se deslocado para P_1 .

Assim sendo admitido, sobre a perpendicular á PIP_2 será facil determinar os centros das circunferencias donde se vêm PIP_2 sob um angulo qualquer: = 4 milésimos por exemplo.

Seja ainda PIP_2 igual a 32 Ms., o que dá o diametro D da circunferencia a construir igual á $32 : 4 = 8$ Kms.

Si trabalharmos na escala de 1/100.000 por exemplo, o centro procurado estaria á 8:2 de P_1 ou sejam 4 cms.

A circunferencia de paralaxe igual á 8 milésimos teria também um diametro igual á $32 : 8 = 4$ Kms. e cujo centro seria, na dita escala a 4 cms.: 2 ou seja á 2 cms. de P_1 .

— Donde o processo: — dividir successivamente a distancia $P_1 . P_2$ pelos diferentes numeros inteiros (de milésimos):

$$\left(\frac{32}{2} = 16; \frac{32}{3} = 10,6; \frac{32}{4} = 8; \frac{32}{5} = 6,4; \frac{32}{6} = 5,6 \text{ etc.} \right)$$

e os cocientes resultantes nos darão os diametros que por sua vez divididos por 2, fixarão as posições dos centros das circunferencias de iguais paralaxes (2, 3, 4, 5, etc.) esses centros sendo então respetivamente á 8 cms., 5,3 cms., 4 cms., 3,2 cms., 2,8 cms. etc. de P_1 .

Traçam-se esses circulos; inscrevem-se as paralaxes representadas. Em se-

guida traçam-se a direção de vigilância V e as direções $\pm 100, P_{200}, P_{300} P$ etc. Finalmente traçam-se, na escala adotada, as circunferências de iguais distâncias tendo P_1 por centro.

A partir deste momento, uma simples leitura indicará a correção necessária para assegurar a convergência de P_2 com P_1 , numa direção qualquer e a qualquer distância.

— Opera-se da mesma forma para P_3 e P_4 , seja com dois novos abacos, seja concentrando todos num único.

Nesse caso convem empregar cores diferentes para as peças afim de facilitar a nitidez e segurança da leitura: um capitão de artilharia deve dispor do que precisar para trabalhar *bem* e rapidamente.

A convergência em direção é assegurada, então facilmente.

Resta assegurar a convergência em alcance, isto é, determinar para cada peça e em cada direção a correção topográfica a fazer em relação a P_1 , para mais ou para menos, ou sejam P_1O para obter P_2O, P_3O e P_4O .

Para isso, utilizando uma escala cómoda, fazer uma série de medidas sobre as direções já traçadas ($V, \pm 100, 200, 300$ etc. P) e depois de haver colocado, na escala, P_2 sobre P_1P_2 , P_3 sobre P_1P_3 e P_4 sobre P_1P_4 .

O emprego duma régua graduada, não indispensável entretanto, torna a operação particularmente rápida.

Pode-se ainda ganhar tempo, fazendo essas medidas sobre quaisquer direções e as interpolando: e para cada direção inscrever-se-á $\pm N$ ms.

Note-se que, si dispomos de papel milimetrado, poderemos obter uma régua graduada instantaneamente.

Tudo isso é muito fácil e muito rápido.

O Capitão pode fazer seu abaco sobre os joelhos no PO.; o tenente lhe comunica por exemplo:

«Referência da 1.^a sobre a 2.^a peça, tanto! — distância 24 Ms.!» Basta isso, si o capitão tem na sua bolsa os indispensáveis a todo artilheiro em campanha.

Ajuntemos que, na prática a *oportunidade* de fazer o abaco corresponde sempre á *possibilidade* de o construir.

II — ORGANISAÇÃO MATERIAL DAS POSIÇÕES — TRABALHOS.

— Não pretendo aqui enumerar os trabalhos a executar. Todos sabem que são numerosos e diversos; cada um sabe também que o pessoal disponível é pouco numeroso, e como são artilheiros a sua função principal é o tiro.

— Tudo não poderá assim ser empreendido ao mesmo tempo, sendo absolutamente lógico concluir a necessidade duma *ordem de urgência*.

— Qual será a ordem de urgência desses trabalhos, suposto preliminarmente realizado o disfarce nas condições onde, materialmente é possível delles se cogitar? Possivelmente nunca será o mesmo duas vezes: — dependerá:

- da missão e do tempo utilisavel antes da abertura do fogo;
- do terreno e da organização material que ele pode oferecer;
- da situação tática, ofensiva ou defensiva;
- da atividade do inimigo e da maior ou menor energia de suas reações;
- do tempo medio que é preciso.

— Parece possível, entretanto, louvando na necessidade de cumprir a missão, orientar os trabalhos a realizar em duas classes de urgência:

- *as que interessam o combate, e*
- *as que interessam a vida.*

— Ainda, na primeira classe de urgência distinguiremos:

- os trabalhos que implicam ao combate imediato;
- os trabalhos que implicam ao combate futuro.

— *Trabalhos que interessam o combate imediato.*

— Para desempenhar a missão é preciso poder:

- comandar;
- observar;
- atirar;
- viver.

• — Isto impõe trabalhos nos pontos donde se comanda, donde se observa e donde se atira, ou sejam — PC. — PO. — Ptel, e trincheiras.

— Em que ordem? Depende: — si o capitão pode observar e comandar do mesmo ponto, no início da ocupação duma posição, é o PO. que terá precedência sobre o PC. Esforçar-se-á, des-

de o primeiro instante em cavar um poço ou melhor, dois poços visinhos, com 1 á 1,2 Ms de profundidade e tão estreitos que permitam num o Capitão e noutro o sgt. de tiro e o telefonista.

— Si não for o caso, si, por exemplo o Capitão deve anteriormente preparar muitos tiros, ser-lhe-á pouco comodo trabalhar num poço estreito, mormente com chuva. Então, tendo assegurado a colocação e vigilancia de sua bía, ele irá para o PC. deixando a observação e a vigilancia a cargo dum official ou sgt. (especialista). Nesse caso, a organização dum PC. pelo menos provisorio tem maior urgencia que o PO.

— A organização de trincheiras é cuidada desde o primeiro momento: — o comando de «cessar fogo» deve ser praticamente seguido do de «cavar trincheira». As trincheiras serão estreitas, de preferencia e procura-se aprofundalas o mais rapido possivel á 1 ou 1,2 M.; não ha necessidade de serem lon-

— O posto telefonico é essencial a proteger — o seu proprio pessoal, logo que possivel cuidará disso.

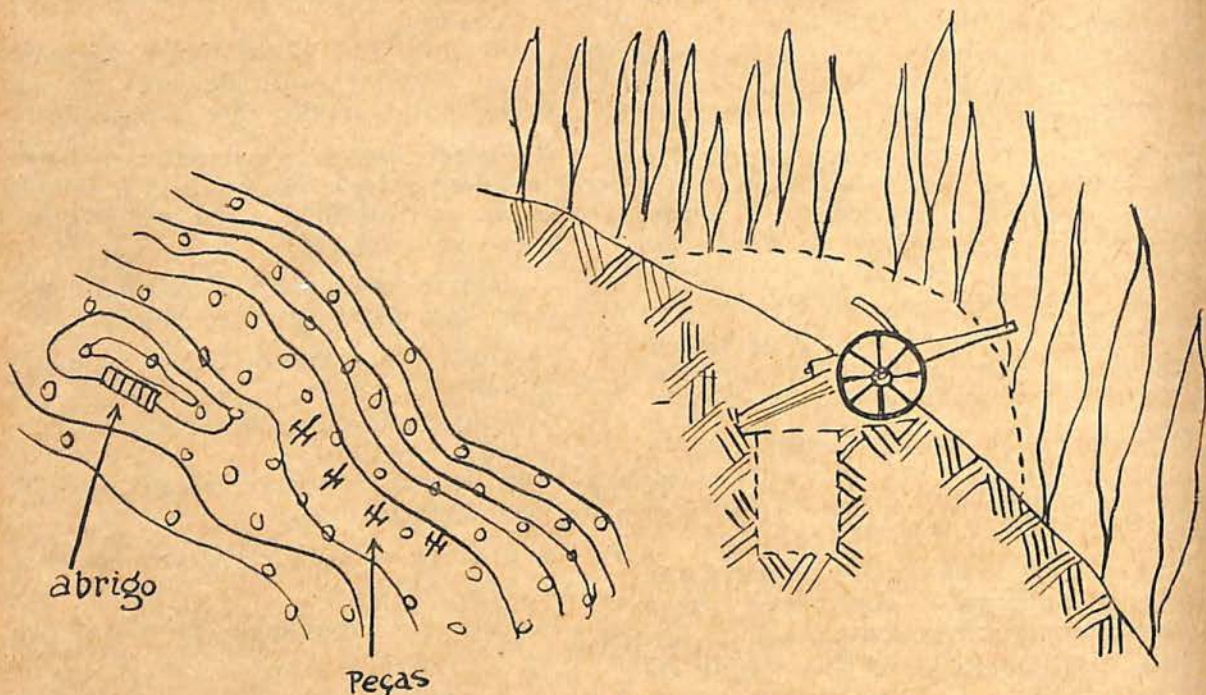
— Emfim, não esqueçamos o PS. no escalão Grupo. A todo instante é mister estar em condições de receber os feridos...

— Recapitulando, teremos, como primeira urgencia: PC. — PO. — PTel. — Trincheiras — PS. —, numa ordem que poderá variar segundo as circunstancias, especialmente quanto ao PC. e PO.

— *Trabalhos relativos ao combate futuro.*

— Incluiremos nesta categoria os trabalhos de melhoramento dos PC. PO., PTel. — PS. — etc.

— Depois a reunião das diversas trincheiras, de modo a permitir uma *comunicação segura duma extremidade a outra da bía.*, de forma ao conjunto não apresentar um traçado regular.



gas, mas de comprimento suficiente para abrigar 4 homens unidos na posição assentada. O que é importante é que elas permitam o pessoal *mergulhar* rapidamente.

— Seu traçado não pode naturalmente prejudicar o conteiramento da peça ás varias direções de tiro.

— A terra retirada será posta em redor da peça formando espaldão para proteger contra os estilhaços razantes que semisso passariam sob os escudos.

— Emfim, *abrigos de munição*, seja para o caso dos carros não permanecerm na posição, seja quando se tratar de munição complementar.

— Esses abrigos compreendem:

— *abrigos de reserva*, espalhados irregularmente sobre a posição, nos lugares mais favoraveis, tanto para os projetis como para as cargas;

— *abrigos de segurança*, na proximidade imediata das peças, contendo o

necessário para iniciar qualquer espécie de tiro;

—*abrigos de espoletas*, pois esses artifícios não podem ficar juntos á projectis ou cargas.

—*Trabalhos favoráveis á vida.*

—Nova melhora dos PC., PO. e PTel.

—Abrigos de repouso para o pessoal.

Esses abrigos podem ser construídos junto ás peças ou afastados.

É o terreno que vai impor a sua localização.

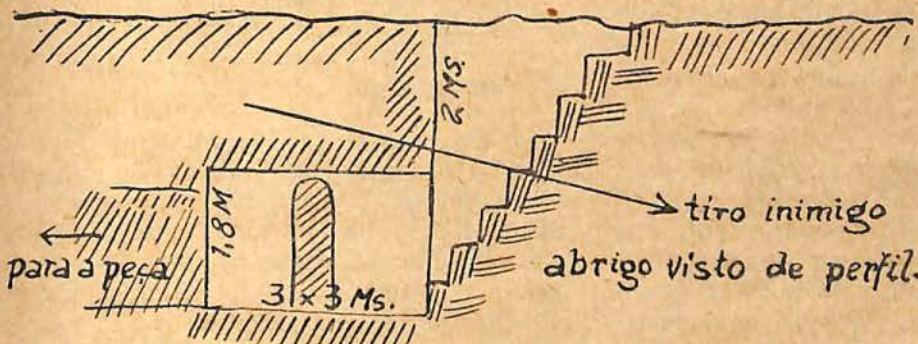
Assim, numa posição ocupada por uma bta. durante o inverno de 1914/15, ao SW. de Berry au Bac, os abrigos foram organizados a 50 M. á esquerda da 4.^a peça, sob uma pequena elevação com seis metros de altura, permanecendo as peças num bosque, e bem na linha de mudança de forte declive face ao inimigo, que mal permitia a existência de casamatas e trincheiras junto ás mesmas.

—E, no verão de 1915, em Artois, a E. do rio Berthowal, em terreno pla-

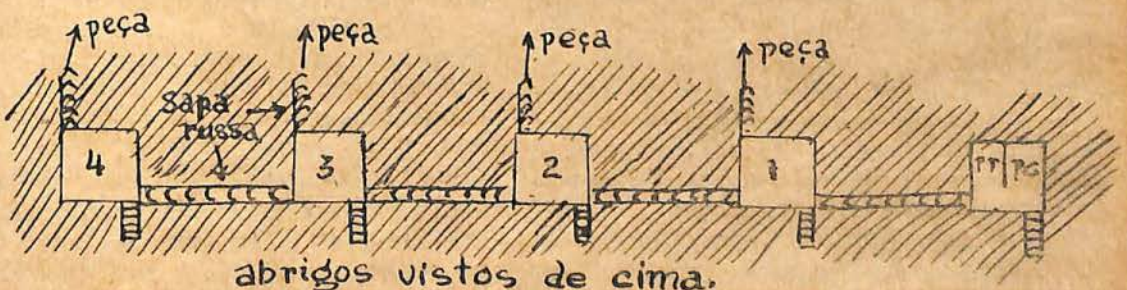
rior aos ataques de 9-V-915, organizamos uma verdadeira caserna, alguns metros atrás das peças, sob 2 Ms. de terra. Substituímos ali uma bta. que trabalhou pouco e mal, com segurança precária porque, referida que estava, todos os dias alguns projectis inimigos davam prova. Na frente, uma pequena crista nos cobria das vistas terrestres, mas ela era dominada pelo inimigo desde o alvorecer por observadores em balões, com vistas tão claras que difficilmente poder-se-ia escapar á sua curiosidade... Estavamos á disposição do inimigo para sermos bombardeados e sofrer durante. Meu capitão fez, no entanto, consolidar as casamatas que, vistas da crista em frente pareciam quatro torres, esplendidos pontos de referencia. Terminado esse trabalho de primeira urgencia (missões), meu capitão fez começar a verdadeira organização. Em 5 pontos atrás da linha das peças, abriram-se sapas, e a dois metros de profundidade iniciou-se a abertura de 5 camaras de $3 \times 3 \times 1,8$ Ms., cavadas de dia e transportando durante a noite a terra sobre a linha das



Bta. vista de frente.



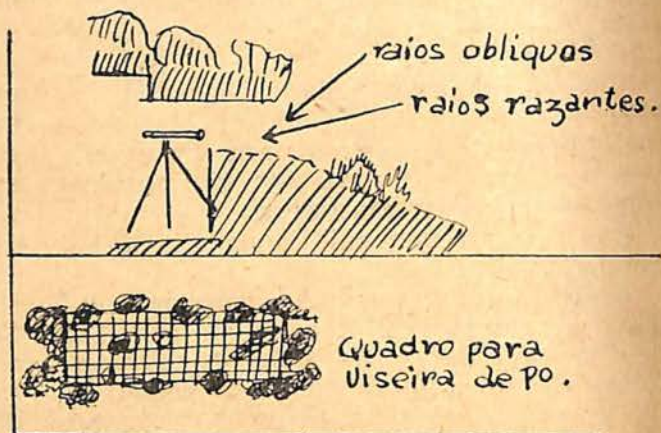
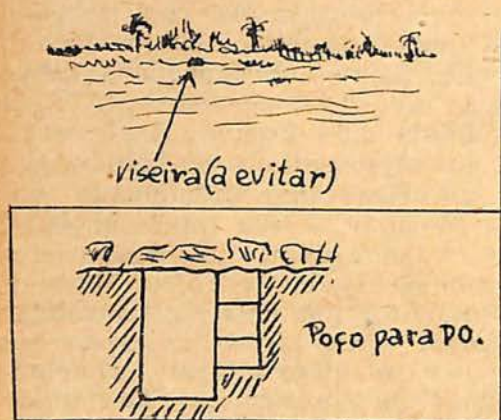
abrigo visto de perfil.



abrigos vistos de cima.

no, mesmo na «terra de ninguém» antepaças para modificar o seu perfil. Depois as cinco camaras isoladas foram ligadas pelo interior; duas estreitas sa-

zonte, nas lentes dos instrumentos de observação, avançando o bordo superior do abrigo mais que o inferior.



pas russas permitiam o acesso às peças, completadas por outras duas depois. Emfim, as trincheiras das peças foram reunidas.

Esse enorme trabalho permitiu a minha bia., não ter nenhuma perda de vida em 4 meses, apesar de termos tido num dia um bombardeio durante 12 horas, por bias. de 150 e 210, absolutamente regulado. O unico prejuizo foi, o de uma luneta cuja coluna foi cortada por um estilhaço...

Mas, essa bia. era verdadeiramente um modelo no genero e meu capitão me deu uma preciosa lição dorganisação e vontade realizadora.

— Algumas palavras ainda sobre os diversos trabalhos a executar:

— *P.C.* — Deve fornecer enfim, um conforto relativo ao capitão. É preciso nele dormir para recuperar, porque ele é o cerebro essencial da bia. O capitão deve estar «sempre em forma». Donde a necessidade dum PC. apresentando um conforto relativo, de acordo com o trabalho da preparação, conduta e exploração dos tiros, mesmo com chuva.

— *PO.* — Não se deve construir *viseira*, tão visivel de longe como um nariz na cara. O indispensavel é ter diante de si um quadro guardado duma rede o qual é afastado para permitir a visada ou fazendo a observação atravez as malhas.

Ter cuidado ainda com o reflexo dos raios do sol baixo sobre o ori-

Casamatas das peças — abrigos diversos. Não fazer coberturas mais pesadas que o permitido pelo tiro. Seria auxiliar os efeitos do projétil inimigo que cair sobre o abrigo.

Abrigos de munição — Já disse-mos que devem ser disseminados sobre a posição, utilizando a vegetação para o respetivo disfarce. Si só houver erva ou capim, recobrir o buraco com um quadro de tela de arame mascarado de léivas tiradas dos arredores, e só retirar o quadro quando tiver que entrar no abrigo.

— Mas, tudo o que vai dito, de nada servirá si não for observada *rigorosa disciplina de circulação*, tanto junto aos PC. e PO. como junto às peças. O Ten. Cel. Pascal abordou na sua 4.^a conferencia, a qual já citei, dizendo ser *noção muito importante*.

— Acrescentarei somente áqueles ensinamentos a afirmação que o pessoal que vive na posição se esquece facilmente desta disciplina cuja necessidade é o proprio inimigo que impõe: — ele absolutamente dispensa essas razões de prudencia!...

— É em torno dos PO. que a disciplina de circulação e acesso deve ser a mais rigorosa. Nada de fantasia, nada de bravatas deve ser ai permitido, a quem quer que seja e sob qualquer pretexto. Os observatorios (como os PC.

e todos os trabalhos nas posições de artilharia) fazem parte do desdobramento, e dissemos que esse desdobramento *deve ser desconhecido* pelo inimigo.

— Si quizermos no momento azado cumprir nossa missão e si um elemento qualquer desse desdobramento é neutralizado, todo o conjunto sofre e o rendimento diminui: — a missão não será cumprida com a precisão e o rigor da oportunidade desejada.

— E isso é a própria evidencia. Não insistirei.

— Senhores!

— Não é minha intenção vos apresentar nesta conferencia, nem um curso de disfarce, nem de construção de abrigos, porque, não só ultrapassaria nossa disponibilidade de tempo, como também existem regulamentos especiais tratando a questão com o maior detalhe.

— Já também o Ten. Cel. Pascal, na sua 4.^a conferencia vos forneceu ensinamentos perfeitos e excelentes conselhos. Permite-me a circumstancia de lhe acrescentar aqui, em cada rubrica, o que a experiencia me facilitou gravar:

Disfarce — A rêde é excelente desde que seja duma cor que case bem com os arredores: (já vos acentei que a aviação trabalhá por comparação das fotos) o aspeto da região não deve mudar. Para isso deve-se guarnecer a rêde de vegetação tomada nos arredores e irregularmente, de forma a evitar as manchas. A rêde não

Indices revelando a presença de uma bia.

Visibilidade do material e dos trabalhos.

Posição em terreno descoberto.

Sopro das peças.

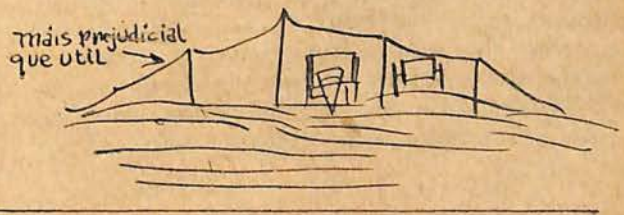
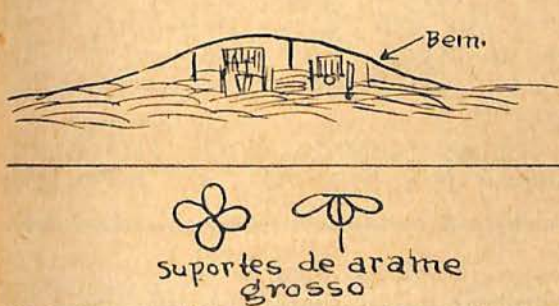
Visibilidade das comunicações.

Nada a acrescentar

Clarões e fumaças — Os saquitéis anti-clarão são utilizados com projéteis não encartuchados ou descartucháveis. Para os demais, de noite, em caso de tiro relativamente lento, é suficiente engraxar a alma da peça em cada tiro. Si esse engraxamento é bem feito, o clarão é suprimido. Mas, é um processo perigoso si a guarnição não tiver disciplina rigorosa. O atirador deve ser o mesmo que engraxa, pois do contrario, poder-se-ia ter alguém sem mão, acidente grave, ou mesmo com a cabeça arrancada pelo tiro, o que é mais grave ainda. Emfim, é preciso entre dois tiros colocar o escovão num lugar apropriado para que esteja sempre isento de terra que poderá provocar na alma, um arrebitamento prematuro.

— Senhores!

— Concluamos: — os disfarces e as organizações são *indispensáveis*. O disfarce principalmente, porque como dissemos, é vantagem não receber tiros que recebe-os mesmo sob uma grossa ca-



deve ficar com um perfil elevado, o que obriga a utiliza-la o mais baixo possível e de forma a mais arredondada, para evitar as sombras e linhas quebradas. São aconselhados os suportes de arame em forma de guarda chuva, os quais se amoldam á vontade.

mada protetora, cuja proteção nem sempre se verifica...

— A ordem na qual se efetuam esses trabalhos não é imutável: — evolue em torno dum tipo medio cujos desiderata já também falamos.

— Algumas vezes somos conduzidos a trabalhos consideráveis; não seria admissível conduzi-los ás cegas, donde a necessidade dum *plano de trabalho* (ver conferencia do Ten. Cel. Pascal).

A lei de organização geral do exercito

A Lei organica do Exercito é uma das leis fundamentais que nos fariam falta e cuja ausencia tem prejudicado o desenvolvimento normal de nossas instituições militares. O arcabouço de nossa organização, seu papel e destino, não estavam de um modo bastante definidos e precisados.

Passavamos das disposições constitucionais muito largas, e não raro imprecisas, ás chamadas leis de organização do Exercito, muito pormenorizadas e cheias de *particularidades* concernentes a época em que eram elaboradas.

De outro lado, as questões relativas ao Exercito em tempo de guerra não assentavam em *fundamentos legais* explicitos e as relações de dependencia entre o *Exercito mobilizado* e o *Exercito do tempo de paz* não estavam fixados, salvo no consenso de alguns profissionais estudiosos e esclarecidos.

O proprio *processo da mobilisação*, a *idéa dela em si mesma*, nada mais era, para a maioria dos cidadãos que deviam *executa-las* ou nela tomar parte, que uma *noção vaga*, quando tinham disso noticia.

As *noções fundamentais*, os principios que condicionam a organização do Exercito, desde o *Comando* aos órgãos dos serviços, e desde a natureza e composição de suas unidades até a organização especial é o aparelhamento da instenção, eram somente *aceitos* pelo espirito de certos regulamentos e pela *mentalidade instruida de alguns*. Não abrigavam porem, de modo impositivo a todos e, portanto, podiam variar com as *personalidades* que exerciam certas funções. Sua existencia era officiosa, não porem, official.

A *nova lei*, essencialmente organica, impõe universalmente a *mesma concepção do mecanismo militar e de seus destinos*, e imprime, por isso, a todos uma *direção geral de trabalho*, num quadro firme, embora definido em linhas largas e amplas.

É uma lei destinada a durar e, assim, a dar *estabilidade e uniformidade a mentalidade militar* e ao trato das questões de ordem profissional.

Dentro desse *quadro de organização* traçado pela nova lei, as *diversas peças* de que se constitue o Exercito, podem variar em sua forma e desenvolvimento, conforme as imposições circunstanciais de cada momento, desde que se respeitem os laços que ligam umas a outras e sem que as mudanças de carater pormenorizado que se introduzam na composição dos diversos elementos, exijam uma *reforma* do conjunto, dando a todos a *impressão de instabilidade* nas concepções dos derigentes.

Torna-se mais facil transformar a *organização particular* das diversas armas e suas unidades, introducindo elementos novos, suprimindo elementos peremidos ou modificando o arranjo das diversas peças, sem que o conjunto sofra, em consequencia dos progressos sempre crescentes das industrias belicas, sem que tais modificações acarretem a *idéa de uma revolução* nas cousas militares.

Terão agora, os órgãos de comando e de execução, deante de si a *direção geral* em que devem trabalhar e não podem divergir em virtude de seus modos pessoais de ver certas questões fundamentais.

Cumpre, portanto, a todos *estudar, meditando profundamente*, os despositivos

—Emfim, muitas vezes é penoso exigir do homem, cansado pelos trabalhos proprios dartilharia, que ele se transforme em sapador, carpinteiro ou sapa-teiro.

—Entretanto, é preciso. *É preciso ter energia de lhe impor o trabalho do qual dependerá sua vida*. Assim, no inicio de uma campanha haverá dificuldades e reações dos homens, mas, depois de um ou dois bombardeios, suas

pás e picaretas lhes serão preciosas e o trabalho não mais lhes aborrece.

—De qualquer maneira, em identicas condições, as unidades que trabalham têm menores perdas que as outras. E os comandantes que, abandonando esse dever imposto pela experiencia, não fizerem executar trabalhos de sapa, serão considerados verdadeiros criminosos perante si proprios, seus homens, seus chefes e seu país.

da nova lei, para bem assimila-los e poder agir no sentido conveniente.

Da nova lei resulta *nitida*, não só dos diseres do texto, como até da ordem em que estes diseres são ali dispostos a *idéa precisa e inconfundível* de que o Exercito existe para a guerra.

Este deve ser, portanto, o pensamento dominante e *justificativo* de sua atividade na paz e da existencia dos diversos elementos que o constituem. Tudo nele deve vir orientado para uma aplicação de guerra, desde o nascedouro.

Essa *idéa mesma o prepara* para exercer uma *influencia benefica* na vida da nação um tempo de paz, por isso que ele tem *necessidade de ordem, de disciplina*, de elevado espirito e sentimento nacionais.

Esse carater profundamente nacionalista do Exercito resalta inconfundível do Artigo 3.º do Capitulo II em que se definem as «Bases da Organização militar do País».

Ponto importante a fazer salientar da nova lei organica do Exercito é o *espirito de objetividade* que ela impõe á mentalidade militar, a qual deve condicionar de modo absoluto toda atividade do Exercito em tempo de paz.

Não será por esse principio o Exercito uma pura abstração, nem um lugar proprio a dissertações teoricas ou locubrações intellectuais. *Nele predomina a idéa de aplicação imediata, só esta tem valor.*

Ao dar-se na caserna cultura fisica ou *cultura civica*, como a instrução militar propriamente dita, a primeira coisa a determinar será assim precisar bem a *noção de suas aplicações*, definir com *nitidez* a razão de ser desse trabalho.

Recordar tais cousas parece iminentemente oportuno no momento atual, em que a *idéa de Patria periclita entre nós, solapada por uma propaganda bolshevista dissolvente*, e por um espirito *regionalista obsecado*, ao mesmo tempo a desamparam ingenuos teóricos de uma democracia já falida.

*
**

Convem reter bem de memoria este dispositivo da nova lei:

4. — A *organização do Exercito em tempo de paz* tem por fim:

— garantir, com as demais forças nacionaes, a segurança interna;

— assegurar a formação de nucleos instruidos e aparelhados de onde emane o exercito em pé de guerra.

Portanto, deve:

a) — prover a instrução militar dos cidadãos;

b) — prever e preparar a mobilização do pessoal, fornecendo-lhe o necessario enquadramento;

c) — prever e preparar o aprovisionamento das forças consignadas nos planos de operações;

d) — garantir a cobertura da mobilização e da concentração das forças.

Garantir com as demais forças nacionais a segurança interna, quer dizer manter a *ordem nacional* em *colaboração* com a *Marinha* e com tudo que é *força* material ou moral corrente com a idéa da Patria. É o elemento essencial e de base para que possa assegurar a formação de nucleos instruidos donde emane o Exercito do pé de guerra.

«O Ministerio da Guerra é, portanto, de alguma sorte, uma vasta officina onde se forjam e afiam as armas da Nação, isto é, os meios de defesa de seus direitos politicos e de sua honra nacional.»

Von Moltke, o velho.

LIVROS Á VENDA

ASSUNTOS	AUTORES	PREÇO	Pelo correio mais
<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do gen. Klinger	4\$000	
<i>Noções de topografia de campanha</i>	General Paes de Andrade...	7\$000	7\$00
<i>Adestramento para o combate</i>	" " " " ..	3\$000	\$500
<i>Ensinamentos táticos sobre a D.I. na ofensiva.</i> (Ensinamentos da M.M.E.). Ed. 1931..	Tenente-Coronel Gentil Falcão	3\$000	\$500
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do	10\$000	1\$000
<i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regu-	" " " " ..	5\$000	\$700
lamente do Serviço Militar). Ed. 1923 ...			
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande</i>			
<i>Guerra.</i> Gen. Gamelin e Cmt. Petibon.	" " " " ..	12\$000	1\$000
Tradução do			
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a</i>			
<i>Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do	Coronel Francisco José Pinto .	4\$500	\$600
<i>Telemetros</i>	Ten. Cel. Dermeval	3\$000	\$500
<i>Orientação em campanha</i>	" "	3\$000	\$500
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Coronel	" "	5\$000	\$800
Abadie). Tradução do	Ten. Cel. J. B. Magalhães ..	2\$000	\$500
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i> ...	Major Travassos	6\$000	\$700
<i>Notas á margem dos exercicios táticos</i>	" "	5\$000	\$600
<i>Infantaria—Notas de estudos sobre os novos</i>	Major Mario Travassos	5\$000	1\$000
<i>regulamentos</i>	Capitão Silva Barros	7\$000	1\$000
<i>Aspetos Geograficos Sul-Americanos</i>	Capitão Salgado dos Santos	6\$000	1\$000
<i>Manual de licenças</i>	Tenente O. Rangel Sobrinho	7\$000	\$700
<i>Brasil-Alemanha</i>	Comandante Audet	3\$000	\$700
<i>Curso de educação fisica</i> (1.º vol.)	6\$000	1\$000
<i>Notas sobre o comando do batalhão no</i>	Major Tristão Araripe	10\$000	1\$000
<i>terreno</i> (Tradução)	" " "	10\$000	1\$500
<i>Règlement du Genie</i> (1.º p., 1.º vol.)	4\$000	\$800
<i>Combate e serviço em campanha</i>	Major J. Verissimo	10\$000	1\$000
<i>Escola do Pelotão</i>	1.º Ten. Joaquim J. Gomes		
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução) ...	da Silva	8\$000	\$700
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i>	Cap. Benjamin Galhardo (no prelo)		
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i>	Major A. Soares dos Santos	6\$000	\$700
<i>Manual do Sapador Mineiro</i>	Cap. Lima Figueiredo	1\$500	\$500
<i>Combate de Infantaria</i>	" " "	2\$000	\$500
<i>O Telefone de Campanha</i>	" " "	1\$500	\$500
<i>As linhas telefonicas de Campanha</i>	Marechal Foch	72\$500	
<i>Quadros Comutadores</i>	Marechal Joffre	87\$400	
<i>Mémoires</i>	Major José Faustino	3\$000	\$500
<i>Mémoires</i>	Major Tristão Araripe.....	3\$000	\$500
<i>Manual do granadeiro</i>	Ten. José Sales.....	4\$000	\$500
<i>O Livro do Soldado</i>	Sgt. Ajt. Odon Braga.....	3\$500	\$500
<i>Formulario do Contador</i>	Cap. Ari Silveira.....	30\$000	1\$000
<i>Indicador Alfabético</i>			
<i>A técnica do Tiro de Costa</i>			

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos extravios no Correio.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecario d'"A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio. Sêde provisoria da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.